

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO**

MÁRCIA REGINA LIVRAMENTO

**APROPRIAÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS – ESTUDO DA
RUA ASSIS BRASIL EM SÃO JOSÉ**

Florianópolis

2008

© *Copyright* 2008 – Márcia Regina Livramento.

Ficha Catalográfica

L788a Livramento, Márcia Regina.

Apropriação de espaços públicos: estudo da rua Assis Brasil em São José / Márcia Regina Livramento ; orientador Roberto de Oliveira. - Florianópolis (SC), 2008.

123 p. il.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina.

Inclui bibliografia.

Possui quadros e figuras.

1. Espaços públicos – São José (SC) – Aspectos sociais. 2. Interação social. 3. Solo urbano – Uso. I. Oliveira, Roberto de. II. Título.

CDU: 711.4

Catálogo na fonte por Marlene Margarete Elbert – CRB14R - 167

MÁRCIA REGINA LIVRAMENTO

**APROPRIAÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS – ESTUDO DA
RUA ASSIS BRASIL EM SÃO JOSÉ**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, do Centro Tecnológico, da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Roberto de Oliveira, Ph.D.

Florianópolis

2008

MÁRCIA REGINA LIVRAMENTO

APROPRIAÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS – ESTUDO DA RUA ASSIS BRASIL EM SÃO JOSÉ

Esta dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PósARQ) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) para a obtenção do título de:

Mestre em Arquitetura e Urbanismo

Florianópolis/SC, 10 de junho de 2008.

Prof^a Carolina Palermo, Dr^a
Coordenadora do curso

Prof. Roberto de Oliveira, Ph.D.
Orientador

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Marta Dischinger, Dr^a.
Universidade Federal de Santa Catarina
Avaliadora interna

Prof. Nelson Popini Vaz, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina
Avaliador externo

Prof. Almir Francisco Reis, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina
Avaliador externo

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por ter me dado forças para completar essa jornada.

A todos que de alguma forma contribuíram com este trabalho e em especial à amiga Laís, que sempre me apoiou nesse caminho e muito colaborou para que eu chegasse até aqui.

À tia Neide, com sua grande capacidade e seu prestimoso apoio.

À Lucilene, que em boas conversas deu seu valioso apoio nas horas mais difíceis.

Ao grupo que compõe o PósArq, especialmente à professora Carolina, à professora Vera e ao professor Roberto, o qual me despertou grande interesse pelo assunto.

À professora Alicia e também à secretária Ivonete, que me deram seu apoio quando necessitei.

Ao Cartório de São José, em nome de Giovani de Souza, que prontamente respondeu às minhas indagações, e a todas as pessoas da rua Assis Brasil, que sempre se mostraram muito simpáticas e muito receptivas em todos os contatos que tivemos.

“Disse Kublai Kan:

-É inútil, se o último porto só pode ser a cidade infernal, que está lá no fundo e que nos suga num vórtice cada vez mais estreito.

E responde Marco Pólo:

- O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o quê, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço”.

Ítalo Calvino

RESUMO

Este trabalho buscou no espaço da rua o papel social que desempenha a partir dos aspectos que estão por trás da apropriação. A pesquisa foi realizada em um trecho da rua Assis Brasil, periferia da cidade de São José, com características de cidade informal e uma população em sua maioria de baixa renda. O objetivo foi estabelecer relações entre a apropriação desse espaço público e as configurações físico-espaciais para evidenciar a contribuição da forma urbana no comportamento. A investigação envolveu três dimensões: física/espacial, de percepção e comportamental. A apropriação foi tratada por meio do uso da rua como elemento que possibilita a transformação de espaços em lugares e a interação social. A metodologia adotada é qualitativa e abrange observações e entrevistas. As observações foram feitas *in loco*, utilizando-se a técnica do mapeamento comportamental, a participativa e o registro visual. Nas entrevistas foram colhidos relatos, mapas mentais e questionário com perguntas diretas. O resultado apresenta um panorama de forte identidade social e cultural entre os moradores, e os aspectos físico-formais mostraram-se positivos e negativos. Atributos de imaginabilidade do lugar são relativos à paisagem natural, e o relacionamento entre a vizinhança é estabelecido por longo convívio. Como considerações de pesquisa, evidenciam-se a complexidade das razões que geram ou não a apropriação dos espaços públicos e a necessidade de se conhecer o grupo social em sua cultura específica para então propor soluções arquitetônico-urbanísticas.

Palavras-chave: Imagem mental. Interação social. Identidade. Apropriação. Espaço público.

ABSTRACT

The public open spaces, especially the streets, perform an important social role. It is searched in this work the aspects that are imbedded in the use and appropriation as fundamental clue for fulfilling the social expectations of the users/dweller. The appropriation based on the potential aspects referred to imagination and social interaction. The research was held on a way of Assis Brazil/SJ Street, mostly with a low income population. The area has informal city features. The objective is to set relations between the public space appropriation and the spatial configurations to make clear the contributions of urban shape in behavior. The investigation involved three dimensions: physical/spatial, perception and behavioral. The appropriation will be treated through the use of the road as element that makes possible the transformation of spaces in places and social interaction. The methodology used is mainly qualitative and comprehends observations and interviews. The observations were held in loco, using the behavioral and participative mapping techniques. On the interviews were asked direct questions, mental maps and reports. The results present an overview of strong social and cultural identity between the local people. The formal and physical aspects observed in this study were divided into positives and negatives. As positives, it has been highlighted the street scale and the permeability of the buildings. As for the negatives, it has been noticed the lack of space and pavementation of sidewalks. Attributes of imaginability of the place are related to the local landscape, and the relationship between neighbors is established by a long conviviality. As research considerations, it has been observed the complexity of reasons, that generate or not, appropriation of public spaces and the necessity of knowing the social group into his specific culture to propose architectural and urbanistic solutions.

Key-words: Mental Image. Social interaction. Identity. Appropriation. Public space.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1. Gráfico das categorias dos temas dos trabalhos apresentados no IAPS-16 Paris-2000.	17
Ilustração 2. Influências culturais estabelecidas na percepção e no comportamento dos indivíduos. Adaptado de Rapoport (1978).	30
Ilustração 3. Pressuposto teórico para a o estudo da apropriação da rua.	46
Ilustração 4. Localização geral do município de São José na grande Florianópolis.	47
Ilustração 5. Vista aérea de Florianópolis e São José e a localização do bairro Ponta de Baixo.	48
Ilustração 6. Bairro Ponta de Baixo e o trecho do estudo.	49
Ilustração 7. Foto do trecho de estudo e adaptação feita pelo autor do mapa fornecido pela Secretaria de Planejamento (SEPLAN).	49
Ilustração 8. Fotos da largura da rua medida em um ponto específico e residências autoconstruídas à beira da foz do rio Maruim.	51
Ilustração 9. Fotos da casa mais antiga do trecho da rua em alvenaria e casa recente em madeira.	51
Ilustração 12. Esquema dos instrumentos da pesquisa.	56
Ilustração 13. Mapa da pesquisa.	58
Ilustração 14. Os dois trechos para o mapeamento comportamental. Mapa adaptado do mapa da Secretaria de Planejamento de São José, (SEPLAN).	60
Ilustração 15. Foto do Bar do Sr. Osni e banco para conversas: lugares de convívio.	68
Ilustração 16. Fotos de dois estabelecimentos comerciais do trecho da rua Assis Brasil.	69
Ilustração 17. Fotos de mulher varrendo a calçada e conversando e mulheres caminhando.	70
Ilustração 18. Fotos de crianças brincando na rua e na área aterrada.	70

Ilustração 20. Fotos do trecho do passeio sem pavimentação, porém com largura razoável e edificação (autoconstruída) sem recuo.	72
Ilustração 21. Fotos da falta de pavimentação - barreiras arquitetônicas nos passeios ao longo da rua.....	73
Ilustração 22. Fotos do muro alto e parede cega.	73
Ilustração 23. Gráfico das qualidades da rua	78
Ilustração 24. Gráfico da descrição física da rua.....	79
Ilustração 25. Gráfico de onde começa e onde termina a rua Assis Brasil.	80
Ilustração 26. Gráfico do que gostaria de mudar na rua.	81
Ilustração 27. Gráfico de como considera o passeio da rua.....	82
Ilustração 28. Gráfico de como considera a via de rolamento.....	82
Ilustração 29. Gráfico de como considera o acesso de ônibus.	82
Ilustração 30. Gráfico quanto a razão da escolha do bairro para morar.....	83
Ilustração 31. Gráfico quanto ao lugar da rua que mais gosta.	84
Ilustração 32. Gráfico quanto às coisas que mais incomoda na rua.	84
Ilustração 33. Gráfico quanto a frequência que costuma sair de casa para a rua.....	85
Ilustração 34. Gráfico quanto ao número de pessoas da rua conhecidas e o número de vezes que as encontra.....	86
Ilustração 35. Gráfico quanto a frequência que costuma sair de casa para outro bairro.....	86
Ilustração 36. Gráfico quanto a atividade que o/a traz à rua.	87
Ilustração 37. Gráfico da faixa etária dos moradores na entrevista semi-estruturada.	110
Ilustração 38. Gráfico do sexo dos moradores na entrevista semi-estruturada.....	110
Ilustração 39. Gráfico da naturalidade dos moradores na entrevista semi-estruturada.	110
Ilustração 40. Gráfico do grau de escolaridade dos moradores na entrevista semi-estruturada.....	111

Ilustração 41. Gráfico da profissão dos moradores na entrevista semi-estruturada.....	111
Ilustração 42. Gráfico do tempo de residência dos moradores da entrevista semi-estruturada.....	111
Ilustração 43. Gráfico da modicidade de deslocamento dos moradores da entrevista semi-estruturada	112
Ilustração 44. Gráfico do bairro em que trabalham os moradores da entrevista semi-estruturada	112
Ilustração 45. Mapa mental 1.....	113
Ilustração 46. Mapa mental 2	114
Ilustração 47. Mapa mental 3.....	114
Ilustração 48. Mapa mental 4.....	115
Ilustração 49. Mapa mental 5.....	116
Ilustração 50. Mapa mental 6.....	117
Ilustração 51. Mapa mental 7.....	118
Ilustração 52. Mapa mental 8.....	118
Ilustração 53. Mapa mental 9.....	119
Ilustração 54. Mapa mental 10.....	120
Ilustração 55. Mapa mental 11.....	121
Ilustração 56. Mapa mental 12.....	122

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Justificativa.....	13
1.2 Objetivo geral.....	17
1.3 Objetivos específicos.....	17
1.4 Hipótese	18
1.5 Pressuposto teórico	18
1.6 Limitações de pesquisa.....	18
1.7 Estrutura organizacional do trabalho	19
 2 BASES TEÓRICAS	 20
2.1 Espaço e áreas de circulação	20
2.2 Presença física	21
2.3 Apropriação do espaço	21
2.4 Ambiente.....	24
2.4.1 Comportamento e interação social.....	25
2.4.2 Cultura e identidade social	26
2.5 Categorias de análise do desenho urbano	31
2.5.1 Morfologia urbana	31
2.5.2 Análise visual	34
2.5.3 Percepção ambiental.....	36
2.5.4 Comportamento ambiental	41
2.6 Espaço da rua – campo de sustentabilidade social urbana.....	42
 3 ESTUDO DE CASO	 46
3.1 Apresentação.....	46
3.2 Caracterização da rua	47
3.3 Metodologia.....	55
3.4 Instrumentos de pesquisa.....	56
3.4.1 Descrição detalhada dos instrumentos.....	59
3.5 Resultados	65
3.5.1 Observação	65

3.5.1.1 Mapeamento comportamental - Dimensão Comportamental	65
3.5.1.2 Observações comportamentais participantes.....	66
3.5.2 Entrevistas abertas – relatos – Dimensão de percepção	73
3.5.3 Entrevistas semi-estruturadas - Dimensão de Percepção.....	76
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
5 RECOMENDAÇÕES.....	93
REFERÊNCIAS.....	94
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	99
Apêndice A - Mapeamento comportamental	102
Apêndice B – Mapa dos entrevistados: entrevista aberta dos moradores mais antigos e entrevista semi-estruturada dos moradores mais recentes.....	109
Apêndice C - Gráficos dos dados pessoais.....	110
Apêndice D - Mapas mentais dos moradores	113
Anexo A – Mapa parcial de São José	123

1 INTRODUÇÃO

“A qualidade da cidade do próximo século passa necessariamente por sua reconfiguração espacial, além, naturalmente, pela solução de problemas de outros tipos.” (HOLANDA, 2000).

A idéia de se estudar a apropriação do espaço público da rua surgiu pelo interesse em identificar quais os atributos que estavam relacionados, partindo-se do princípio de que a apropriação pode contribuir para a qualidade e a sustentabilidade social urbana.

Os espaços públicos da cidade são de maior ou menor utilização por parte das pessoas que os freqüentam. Aqueles espaços que são mais utilizados e por mais tempo costumam denominar-se espaços apropriados.

Entretanto, num primeiro momento, esses usos não são compreendidos nem mesmo por profissionais de Arquitetura e Urbanismo. A primeira coisa que nos vem à mente quando se observam os usos dos espaços públicos da cidade é a idéia de que a estética dos lugares é o atributo determinante, porém tal idéia foge-nos totalmente num segundo momento quando se verifica a apropriação em diferentes lugares das cidades. Acaba-se por admitir que a apropriação esteja relacionada a critérios diversos, como os pessoais e os culturais, os quais só poderão ser conhecidos por meio de uma pesquisa local feita com os transeuntes, conhecendo-se os traços próprios de cada grupo de usuários específicos.

O segmento escolhido para este estudo apresenta características de apropriação que, por vezes, faz com que a pesquisadora se recorde da rua de sua infância que visivelmente pertencia a todos os moradores – adultos, jovens, crianças e idosos. A pesquisadora se lembra de uma brincadeira em que ela e outras crianças colocavam algumas frutas colhidas no quintal para vender no muro da casa dela. As pessoas que passavam, todos moradores da rua, participavam da brincadeira comprando alguma fruta dessa “quitanda”.

Na rua objeto de estudo deste trabalho, Assis Brasil, foi possível atentar para nítidas diferenças de usos desse espaço, tendo sido observados trechos com a presença freqüente de pessoas e trechos em que não há quase ninguém ao longo do dia. Observou-se ainda que no trecho em que havia muitas pessoas pela rua parecia não existir atrativos. Essa diferenciação de usos e a aparente dificuldade na sua compreensão levaram-me a esta investigação com o objetivo de buscar associações em teorias urbanísticas.

As teorias tomadas como base direcionavam para a necessidade de se conhecer mais de perto os porquês de uma rua possuir uso e apropriação com foco na observação do comportamento das pessoas que a ocupavam e que nela moravam. A observação do comportamento do grupo e da sua percepção, associada às suas características físico-espaciais, aponta para a identificação dos atributos que estão embutidos nos usos e na apropriação do espaço.

1.1 Justificativa

A relevância deste projeto de pesquisa está relacionada à necessidade de intervenções ou à falta delas por parte de instituições públicas na gestão dos espaços das cidades em vários níveis e locais. Algumas intervenções vinculadas à realidade das comunidades foram feitas antes da Lei nº 10.257, do Estatuto das Cidades (BRASIL, 2001). Em algumas cidades brasileiras, criam-se ambientes que são dispensáveis, enquanto outras tantas necessidades básicas continuam insatisfeitas ou até desconhecidas. Tais intervenções deveriam ser precedidas de uma criteriosa pesquisa em torno da comunidade local, conhecendo-se os seus valores culturais para relacioná-los ao espaço público e para posteriormente estabelecer uma discussão sobre os problemas entre os técnicos e a própria comunidade. Pretende-se, com isso, fornecer subsídios a reflexões que possam apoiar o desenvolvimento de ações relacionadas.

Algumas questões diretas que também justificam a nossa pesquisa são: quais atributos colaboram para a apropriação do espaço da rua e como o seu conhecimento pode ser útil? Qual o papel social do desenho urbano? As cidades que crescem informalmente possuem atributos relevantes para a apropriação do espaço público?

A partir do conceito de *espaço*, considerado como um sistema de barreiras e permeabilidades que interfere em nossos movimentos sobre o chão (HOLANDA, 2003), pretende-se desvendar alguns aspectos que estão envolvidos na apropriação e na maneira como podem colaborar para os encontros interpessoais.

A promoção dos encontros interpessoais deve ser buscada como um dos objetivos da urbanística, estando ligada à sustentabilidade social, que é definida por Consórcio CDS/UnB – ABIPTI – Ciência & Tecnologia para a Sustentabilidade, Brasília, 2000. Esse documento, elaborado a pedido do Ministério do Meio Ambiente, chamado “Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento Sustentável”, é ancorado no princípio da equidade na distribuição de renda e de bens, no princípio da igualdade de direitos, na dignidade humana e no princípio de solidariedade dos laços sociais (BURSZTYN, 2000).

No mesmo documento, a sustentabilidade é considerada como o desafio de se viver de maneira harmoniosa em um grande grupo, o qual pode ser tanto a família quanto a comunidade, a sociedade e o planeta Terra em seu conjunto. Significa buscar o equilíbrio e a integração de diferentes interesses, tais como o ambiental, o econômico, o político, o cultural e o social.

Nesse sentido, a rua é vista como um espaço que pode promover o encontro entre as pessoas por meio de um adequado planejamento urbano em que a apropriação dos lugares deve ser alcançada.

Percebe-se que atributos positivos e negativos são detectados tanto em assentamentos formais quanto informais. Como os atributos da cidade informal podem ser investigados? Há uma lógica que pode ser apreendida por profissionais do urbanismo?

A cidade é estruturada pelo seu traçado determinado por ruas. Esse traçado nasce tanto de maneira natural, acompanhando muitas vezes rios, mares e montanhas, como também a partir do desenho urbano. A rua é, pois, um dos elementos estruturais centrais na formação das cidades, e seu traçado determina deslocamentos e colabora na formação da imagem mental das pessoas.

No planejamento das cidades, no Modernismo houve uma preocupação excessiva com o fluxo dos automóveis, que, após um crescimento imprevisível, mostrou-se ineficiente no que se refere à promoção de uso e ocupação pelos pedestres. A alta velocidade dos carros com autopistas encurtou distâncias, porém

tirou as pessoas do convívio social das ruas. Os deslocamentos nas cidades tornaram-se rápidos e violentos.

O uso da rua por pedestres e ciclistas, ou seja, o tráfego mais lento tem sido aceito por muitos urbanistas atuais pelo reconhecimento da função primordial da cidade, a qual tem no convívio social a sua origem.

Esse convívio não se dá em alta velocidade. O espaço público da rua tem sido levado em conta como o espaço que possui importância crucial na formação da sociedade sadia. Alguns espaços fundamentais da cidade são considerados por muitos urbanistas após o modernismo, sendo mais importantes do que muitos parques e praças, pois podem reunir atributos que fazem com que as pessoas desejem freqüentá-los e com isso promover o encontro espontâneo.

Por meio do estudo e da observação, percebe-se que a vivência de determinados lugares pode revelar coisas simples que na prancheta muitas vezes não se percebem ou prevêem. As intervenções em espaços públicos deveriam buscar conhecer o grupo social, os seus problemas, a sua história e os seus valores culturais comuns com o intuito de realçar lugares ou mesmo de criá-los de maneira mais adequada.

A importância dos lugares é estabelecida e fortalecida pela vivência diária, e muitas intervenções ignoram esses aspectos. A relação das pessoas com os lugares pode ser diferente das expectativas dos desenhistas urbanos, pois as experiências são difíceis de serem previstas.

A importância do tema relaciona-se ao Desenho Urbano, destacando-se a adequação que se deve procurar manter entre as propostas e as comunidades por meio de projetos mais contextualizados. Muitos projetos feitos por desenhistas urbanos renomados foram executados sem essa premissa, e o resultado não foi o esperado, pois os moradores não eram conhecidos.

Parte-se da premissa de que os espaços públicos da cidade refletem aspectos de identidade cultural e momentos históricos, além de possuírem valores simbólicos intrínsecos, como se pode observar na afirmação de Santos e Vogel (1981, p. 7): “[...] as cidades não são objetos idealizáveis abstratamente e nunca se comportam de acordo com as fantasias de quem as trata desta forma”. Para um projeto de intervenção urbanística, o conhecimento local do grupo de moradores é destacado na reflexão de Santos (2005):

Os fatores que determinam o bom projeto de ambientes são de ordem objetiva e subjetiva e através de técnicas e instrumentos de análise crítica, pode-se captar tais informações numa espécie de registro de seus olhares, evidenciando desejos e sentimentos dos moradores em relação a estes espaços cuja representação é elaborada a partir da experiência cotidiana e fundamentada na cultura local. (SANTOS, 2005).

Neste sentido buscam-se identificar os habitantes das cidades como seres que percebem, sentem e agem. Esta linha de pensamento começou a encontrar espaço na cultura Arquitetônica e Urbanística a partir de meados das décadas de 1960 e 1979.

Neste trabalho busca-se compreender as cidades a partir das coisas comuns da vida cotidiana, como abordado por Jacobs (2007) em seu livro *Morte e Vida de Grandes Cidades*. A autora busca trazer à tona evidências e características latentes do grupo de moradores da rua que possui uso diferenciado e evidencia os atributos que estão embutidos no uso ou não uso, considerando aqueles que são benéficos para a apropriação do grupo.

As características levantadas podem constituir determinadas pistas para intervenções urbanas nessa área como também podem servir de diretrizes em outras áreas, colaborando na apropriação do espaço das ruas.

Atualmente, os temas de planejamento deslocam-se da esfera regional para o bairro ou mesmo para o local. Isso se reflete nas novas pesquisas e se deve ao reconhecimento da importância de freqüentes ajustes realizados por meio das análises pós-ocupacionais.

O gráfico a seguir mostra a relação dos temas apresentados no encontro da psicologia ambiental (*Conference of International Association for People – Environmental Studies*), realizado em Paris, no ano 2000.

Os temas ligados à comunidade, à cultura e à identidade ganham atenção tanto por parte de arquitetos, planejadores e *designers* como por cientistas sociais, como podemos ver na Ilustração 1.

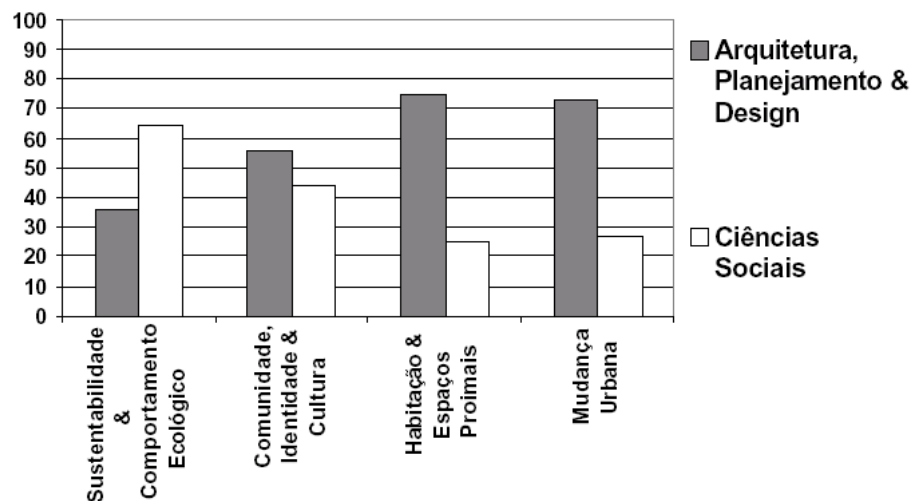


Ilustração 1. Gráfico das categorias dos temas dos trabalhos apresentados no IAPS-16 Paris-2000.

FONTE: Moser (2005).

1.2 Objetivo geral

Investigar a rua Assis Brasil/SJ em seus atributos de apropriação do espaço pelos usuários.

1.3 Objetivos específicos

1. Caracterizar a rua Assis Brasil como referencial de significância para a cidade de São José.
2. Identificar a visão do transeunte quanto às razões que justificam o uso ou não da rua.
3. Verificar as transformações ocorridas na rua ao longo dos últimos quarenta anos e como os moradores percebem-nas.
4. Analisar a configuração espacial e relacioná-la ao potencial de uso e apropriação.
5. Indicar os fatores que colaboram para a apropriação da rua Assis Brasil.

1.4 Hipótese

Parte-se da premissa de que lugares da cidade – ruas, praças, logradouros – são portadores de valores objetivos e significativos para os seus moradores e freqüentadores, e que a configuração espacial desses lugares contribui ou não para que essas pessoas apropriem-se do espaço. Portanto, deve ser possível apreender e compreender esses valores a partir do registro da percepção de determinado local por parte de seus moradores e freqüentadores.

1.5 Pressuposto teórico

A literatura revisada parece indicar que existe um consenso entre os estudiosos em admitir que o espaço público, especialmente a rua, pode contribuir para a interação social, o resgate e a manutenção da cultura. A presença física dos moradores tende a proporcionar a apropriação por meio da identidade do lugar e colabora para o estabelecimento de laços sociais. A presença de moradores de idades e gêneros distintos é ponto de partida para o estabelecimento de laços entre os diferentes grupos, proporcionando o encontro e a amizade. O desenho urbano pode colaborar no que diz respeito aos atributos físicos do espaço, criando lugares convidativos para as pessoas, e assim estabelecer uma intermediação entre elas e o espaço público. A literatura revela que, por meio da observação dos usuários e da interpretação do relato da sua vivência, podem-se identificar os atributos que favorecem a apropriação do espaço da rua.

1.6 Limitações de pesquisa

O enfoque deste trabalho ateu-se a aspectos que influenciam na apropriação da rua, considerando aspectos da morfologia urbana de dimensões funcionais, expressiva, simbólica e co-presencial. Aspectos relacionados à cultura e à identidade social também foram considerados.

1.7 Estrutura organizacional do trabalho

No Capítulo 1, constam a justificativa do tema de estudo, os objetivos geral e específicos, além da hipótese e do pressuposto teórico.

No Capítulo 2, desenvolve-se a base teórica que apresenta os conceitos-chave, tais como espaço, áreas de circulação, apropriação do espaço e presença física.

No Capítulo 3 é demonstrado o estudo de caso, com a caracterização da rua e a definição de métodos e técnicas de pesquisa. A pesquisa propriamente dita considera observação (Mapeamento Comportamental centrado no espaço) e entrevistas e fotos para coleta de dados, buscando-se características que se relacionam à apropriação e aos resultados.

No Capítulo 4, são apresentadas as considerações do trabalho.

No Capítulo 5, são apresentadas as recomendações para futuras pesquisas

O Capítulo 6 relaciona todas as referências bibliográficas utilizadas na pesquisa.

No Capítulo 7 são apresentados os apêndices com o mapeamento comportamental e o mapa mental levantados. O anexo apresenta o mapa da cidade de São José com os lugares limites da rua apontados pelos moradores.

2 BASES TEÓRICAS

2.1 Espaço e áreas de circulação

Da Matta (1997) afirma que o espaço é como o ar que se respira, que não vemos nem sentimos, mas sabemos que sem ele não podemos existir. Assim, para que se possa “ver” e “sentir” o espaço, precisamos nos situar, sendo, pois, um ato sob a perspectiva do homem com suas experiências. Para o autor, o espaço confunde-se com a própria ordem social, de modo que, sem entender a sociedade com as suas redes de relações sociais e valores, não se pode interpretar como o espaço é concebido.

As áreas de circulação constituem a maioria dos espaços livres para apropriação pública, perfazendo grande parte da área da cidade, e se destinam à fruição de veículos e pedestres, mas podem assumir funções de lazer quando o tráfego é mais restrito ou controlado (geralmente ruas de bairros, subúrbios sem trânsito intenso). Entre as áreas de circulação, estão também os calçadões e as escadarias, que podem abrigar muitos usos além da passagem de pedestres (MACEDO apud CUNHA, 2002). Se bem-feitas e dimensionadas, as áreas de circulação são muitas vezes mais utilizadas e apropriadas que outras áreas criadas especificamente para o lazer, tais como praças e parques. A praça, em muitos casos, é local de vandalismo e malandragem, requerendo manutenção e segurança, pois não possui “olhos” das pessoas para ela. As mães admitem que muitas praças não são adequadas principalmente para as crianças. As praças exigem diversidade de usos à sua volta, atraindo para si a presença física das pessoas.

As ruas são um ambiente que, segundo Santos (1981), serve como referencial definidor dos limites de um determinado território. São também unidades de alto significado para quem sabe reconhecê-las. Estruturam um continente, mapeiam e organizam o seu conteúdo. A palavra *rua*, segundo o autor, vem do latim *rugas* e primeiramente significava o sulco situado entre dois renques de casas ou muros em uma povoação qualquer. A importância de que desfrutam pode ser percebida pela constatação da qualidade de atividades e significados para os quais servem de apoio ou de *locus*. A rua é vista neste trabalho tal qual um universo de múltiplos eventos e relações, como define Santos (1981), o qual afirma que a

expressão “alma da rua” significa um conjunto de veículos, transeuntes, encontros, trabalho, jogos, festas e devoções. O autor considera que as ruas possuem um caráter e podem ser agitadas, tranqüilas, sedes de turmas, pontos e territórios (BRIGGES, 1972 apud SANTOS, 1981).

2.2 Presença física

A presença física tem por base os usos e as permanências. Para que essa presença ocorra, os lugares públicos devem possuir segurança, que irá contribuir como condição relevante na apropriação.

Cabe ressaltar que a capacidade de apropriação dos lugares não se caracteriza como apropriação efetiva, pois depende de outras variáveis, tais como intencionalidade, identidade social, cultura, ideologias, entre outros.

Jacobs (2007) alerta para a questão relacionada ao Planejamento Urbano, criticando o zoneamento homogêneo, que cria áreas sem atratividade e diversidade de usos e não potencializa a apropriação efetiva.

Holanda (2003) define a presença física das pessoas na rua como co-presença em pesquisas realizadas nas cidades informais brasileiras e extrai lições a partir de atributos físicos dessas áreas, entre os quais se destacam as barreiras e as permeabilidades (comentados posteriormente) que contribuem para o contato humano e para o sentido de urbanidade.

2.3 Apropriação do espaço

A apropriação do espaço, segundo Kuhnen (2001 apud MARIN, 2003), baseia-se em três fatores: (1) na sensação de pertencer ou não a um determinado lugar; (2) na satisfação residencial relacionada à valorização ambiental e ao investimento afetivo na moradia; e (3) na situação coletiva de pertencer a um determinado grupo que se exprime e se estabelece nos diferentes modos de uso e apropriação e que remete a uma idéia de identidade social.

Já Marx e Garaudy (apud KOHLSDORF, 1985) consideram apropriação como algo associado à posse da realidade – posse no sentido de assimilação. Essa posse

é intelectual, em que a realidade está relacionada ao processo cognitivo na sua totalidade. Para Kohlsdorf (1985), conhecer significa certa maneira de nos apropriarmos da realidade por intermédio do pensamento que o indivíduo busca explicar. Conhecer como um processo permanente e contínuo ocorre em qualquer ciclo vital das pessoas – caracteriza a interação que se estabelece continuamente com o mundo ao qual pertencemos.

A apropriação efetiva, para Holanda (2003), diz respeito ao uso. Refere-se a como as pessoas estão presentes no espaço. Quem são? Quantas? Quando? Quão freqüentemente? Isso depende de vários aspectos da organização social. O autor indaga, por exemplo, se tais usos seriam em função de valores de classe. Sabe-se, por exemplo, que as camadas populares utilizam com mais intensidade os espaços livres de uso coletivo do que as outras classes. Porém, mesmo tendo relação com valores de classe, existem aspectos que colaboram com esse uso e até o estimulam. Holanda (2003) emprega o termo “referencial” para a maneira como a forma dos espaços contribui para as expectativas sociais por orientabilidade e identidade dos lugares.

Segundo Silva (apud COSTA, 2004), a apropriação realiza-se em dois momentos: (1) no primeiro, o espaço é adequado a uma determinada atividade introduzida pelo sujeito; (2) no segundo, acontece uma identificação desse sujeito com o espaço gerado tanto pelo bom desempenho da atividade como pela relação de objetos, signos e códigos presentes no espaço.

O objetivo do trabalho é estudar a apropriação do espaço público pelos usuários, tornando-se pertinente revelar as contribuições da análise fenomenológica do espaço que, segundo Del Rio (1990), atualmente tem aumentado e contribuído consideravelmente para o fortalecimento do embasamento humanístico e conceitual na arquitetura.

A abordagem fenomenológica concebe a percepção sempre como referente ao espaço vivido, ou seja, por meio da experiência humana, individual e cultural que pode dar sentido ao espaço percebido.

A fenomenologia como construção filosófica busca uma opção construída nas ciências humanas e destaca principalmente a intencionalidade na percepção. Entre os autores dessa linha filosófica está Husserl (1990), que a concebe como ponto de partida, pelo abandono inicial da lógica e por sua investida no plano natural na busca da essência das coisas. O autor não dispensa o racional, mas acrescenta a

percepção como elemento de apreensão ao conhecimento, partindo da consciência pura. Husserl (1990) concebe que as experiências vividas no mundo são dirigidas pela consciência, as quais podem também ser experienciadas por outros sujeitos e materializadas por meio da comunicação entre eles. Trata-se do fator cultural como elemento condutor das relações dos sujeitos e objetos, passando pela descrição, pela interpretação de seus significados e pelo sujeito que observa e, portanto, percebe o mundo.

Merleau-Ponty (1999), outro autor da linha fenomenológica, concebe que é no mundo vivido pela experiência que surge o conhecimento ou o seu próprio conteúdo gerado sobre elaborações e significações lógicas. Os momentos e os objetos, segundo ele, só podem relacionar-se uns aos outros para construir um espaço por meio dessa ambigüidade. É a isso que se atribui subjetividade, motivada por uma intencionalidade que revela a complexidade ontológica na suposta plenitude do objeto, o qual não se denomina mundo, mas que é envolvido por construções. Portanto, de acordo com essa linha, o mundo não é especificamente objeto, mas somas de impressões objetivas em que brotam as suas subjetividades.

Temas como espaço vivido, paisagem cultural e lugar podem, dessa maneira, ser dinamizados pela perspectiva intencional relatada pela fenomenologia, já que esta estabelece possibilidades que podem fortalecer o conhecimento científico da humanidade, pois estão relacionadas às essências voltadas para a existência. O homem como corpo sensível e perceptivo valoriza a experiência pessoal e sentimental do mundo vivido, reforçado por construções e representações simbólicas organizadas em linguagem descritiva que, somadas às impressões de outros indivíduos, podem servir de substrato para novas formas de apreensão e elaboração dos conhecimentos.

A geografia cultural ocupa-se de dois troncos epistemológicos: (1) um de cunho geral explora o mundo em seu conjunto obedecendo a uma construção mais objetiva e racional dentro da ciência clássica, como espaço e paisagem; (2) o outro estuda justamente o espaço percebido e vivido pelo indivíduo que, na sua própria natureza, balizado pelo seu corpo, munido de sensibilidade, pode perceber o seu entorno e mostrar algumas evidências perceptivas do todo configurando-se em categorias, tais como paisagem local, espaço vivido e lugar. Cabe ressaltar a impossibilidade de se ignorar qualquer dos dois troncos epistemológicos, pois ambos estão presentes no mesmo sujeito.

O lado que pensa é geral, universal e holístico, desenvolvido com o passar do tempo, portanto segue obedecendo à história, à cultura, à política, ao social, ao econômico e a outras formas que destacam os grupos. Já no lado emocional, pode-se destacar o introspectivo, o singular, o individual e o sentimental que percebe o espaço mais imediato.

Tuan (1980) inaugura a geografia humanística propondo o termo *topofilia* como a ligação afetiva ao ambiente físico ou entre sujeito e lugar. A ligação com a natureza está, segundo ele, concentrada em questões ambientais que dão aos indivíduos segurança, sustento e satisfação, e a ligação com o lugar é relacionada à experiência e à familiaridade com o espaço.

2.4 Ambiente

O ambiente, em seu sentido mais amplo, pode ser definido como qualquer condição ou influência situada fora do organismo, grupo ou outro sistema que se estude.

Entre os vários conceitos de ambiente, destaca-se a descrição de Ittelson (1969 apud RAPOPORT, 1978), que considera ambiente como um sistema ecológico com sete componentes: (1) perceptivo, a maneira por meio da qual as pessoas experimentam o mundo, um mecanismo essencial que as relaciona ao seu ambiente; (2) expressivo, concernente à influência que exerce nas pessoas, as formas, cores, texturas, os odores, sons ou significados simbólicos; (3) campo de valores estéticos, de uma cultura e valores em geral; (4) adaptativo, ou até que ponto o ambiente ajuda ou dificulta as atividades; (5) integrativo, ou os tipos de grupos sociais que o ambiente facilita ou inibe; (6) instrumental, ou referente a facilidades ou meios instrumentais proporcionados pelo meio ambiente; e (7) sistema geral de relações ecológicas dos componentes anteriores.

Lawton (1970 apud RAPAPORT, 1978) considera ambiente como um sistema ecológico constituído por cinco elementos: (1) o indivíduo; (2) o ambiente físico (abarcando todos os fatores naturais geográficos, climáticos, os fatores humanos que limitam ou facilitam o comportamento e os “recursos” do ambiente); (3) o ambiente pessoal, incluindo indivíduos que são centros de referência para o comportamento: família, autoridades, grupos de amigos, etc.; (4) o ambiente

suprapessoal, o qual inclui as características do ambiente a partir das condições pessoais dos habitantes por razões de idade, classe social, etnia, estilo de vida ou outras; e (5) o ambiente social existente nas normas sociais e instituições.

Com as duas descrições apresentadas, percebe-se a existência de coisas em comum como a multiplicidade do ambiente social, cultural e físico e a implicação de uma correlação entre as transformações do ambiente físico e as mudanças em outros âmbitos, tais como o psicológico e o sociológico nos indivíduos.

2.4.1 Comportamento e interação social

Interessa-nos nesta pesquisa estabelecer o ambiente urbano como espaço de interação social e esse espaço como campo promotor do encontro de pessoas. Para isso, parte-se da presença física das pessoas na rua, no que Holanda (2003) denomina de co-presença, em que destaca o papel do desenho urbano por meio do mapeamento de barreiras e permeabilidades espaciais das cidades com implicação direta no movimento do pedestre e com isso para certo tipo de interação social.

Sabe-se que o comportamento das pessoas não é apenas fruto das configurações físico/espaciais, entretanto estas apresentam implicações e contribuições que devem ser investigadas para que se possa entender aspectos que estão implicados na apropriação ocorrida ou não da rua.

Holanda (2003) desenvolve uma pesquisa sobre os custos sociais do planejamento moderno a partir da cidade de Brasília, que criou, entre outras coisas, grandes quadras, aumentando o percurso peatonal. Também criou grandes edifícios com paredes cegas, o que dificultou os contatos humanos na rua, além do problema de segurança gerado pelos espaços mortos. A capacidade do lugar em fazer as pessoas se verem e se encontrarem ou não é o que se chama de permeabilidade e barreira. Nesse sentido, as aberturas (portas e janela), os muros baixos, as transparências, entre outros, são chamados permeabilidades, enquanto paredes cegas, muros altos, entre outras características, são chamados barreiras por esse autor. Nesse sentido, as abordagens mostram que os espaços criados possuem uma resposta comportamental direta.

As implicações sociais das configurações urbanas são também extensamente estudadas por autores como Alexander (1966), Jacobs (2007), Lynch (1980), entre

outros, que tiveram como campo de suas pesquisas grandes cidades norte-americanas. Alexander (1966) descreve como as pessoas necessitam de contato com outras e como as cidades podem promover o contato por meio da configuração espacial. Retomaremos o assunto na página 42 quando o espaço da rua for tratado como campo de sustentabilidade social urbana.

Jacobs (2007) propõe a diversidade de usos para atrair o maior número possível de pessoas nas ruas, evidenciando que pessoas atraem pessoas e que a falta delas pode estar muitas vezes ligada a problemas de criminalidade urbana.

Lynch (1980), apesar de não centrar seus estudos no comportamento, demonstra que a imagem coletiva é ligada ao psicológico dos habitantes e por isso ela também contribui para a apropriação do espaço público. Essa imagem não é homogênea e compõe-se da fragmentação da cidade, dando origem ao “espaço apropriado, qualificado, socializado, como lugares” dessa cidade.

Segundo Tuan (1983), espaço e lugar são conceitos diferentes. Para ele, o termo “espaço” é mais abstrato que o termo “lugar”. O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado. A distinção de Tuan (1983) é compartilhada por Augé (1994), que faz referência a “lugar” e “não-lugar”. Este, por sua vez, centra a questão no que chama de espaços da supermodernidade, afirmando que são os passantes que transformam o espaço da rua geometricamente definida pelo urbanismo em lugar (MICHEL DE CERTEAU apud AUGÉ, 1994).

2.4.2 Cultura e identidade social

As dimensões sociais e culturais estão sempre presentes na definição dos ambientes, mediando a percepção, a avaliação e as atitudes ante o ambiente.

Por cultura, toma-se o conceito de Kroeber e Kluckhohn (1952, apud RAPOPORT, 1984) como o “conjunto de valores, crenças, pontos de vista sobre o mundo em geral e um sistema de símbolos compartilhados que se aprendem e se transmitem por um grupo de pessoas”.

Rapoport (1984) destaca que uma característica dos homens e dos animais em geral é a de diferenciarem os espaços, transformando-os em lugares. Desde os primeiros tempos, o homem vem criando espaços para funções determinadas, entre as quais marcar encontros, partilhar a comida ou possuir o espaço como território

privado. Essas diferenciações são características comuns tanto na Linguagem como na Arquitetura, pois ambas expressam o processo cognitivo de distinguir lugares. Nesse sentido, Tuan (1983) afirma que a Arquitetura tem a função de indicar significação social e conceitual.

De fato, portas, portões e soleiras marcam muitas vezes a transição de fora e dentro, sagrado e profano, macho e fêmea, público e privado e outras formas de domínio. Rapoport (1984) ressalta que as primeiras construções da história não foram feitas por arquitetos. Mesmo hoje as edificações que constituem o grosso do nosso ambiente construído não foram feitas por um arquiteto e, no entanto, tudo o que está feito foi projetado – engloba decisões e escolhas humanas e uma maneira específica de se fazerem as coisas. Portanto, todos os ambientes resultam de escolhas feitas entre alternativas possíveis e conhecidas.

As escolhas específicas tendem a ser legítimas, refletindo a cultura de determinado povo, apontando para o fato de que uma das maneiras de se tratar a cultura é justamente no que diz respeito às escolhas feitas nas coisas mais comuns. Portanto, é a legitimidade das decisões que torna os lugares reconhecidamente diferentes uns dos outros.

Ao se fazerem escolhas, certos valores, normas, critérios e hipóteses são adotados, os quais muitas vezes se incorporam num esquema ideal de referência. Os ambientes, de alguma maneira, refletem e codificam esses esquemas e a ordem que tipificam (RAPOPORT, 1977 apud RAPOPORT, 1984). A ordem expressa pelo processo de escolha, a imagem a ser codificada e a forma constituem a visão de um ambiente ideal para determinado grupo de indivíduos. Nesse sentido, os ambientes construídos exprimem, ainda que imperfeitamente, essa ordem, imagem e forma.

Tais ambientes são conceitualizados como próprios para pessoas cuja cultura os vê como normativos e para o estilo de vida que é considerado significativo e típico do grupo e que o distingue de outros grupos. Portanto, de fato, aquilo que chamamos cultura pode ser visto de três maneiras principais: a) como uma forma de viver que tipifica um grupo; b) como um sistema de símbolos, significados e esquemas cognitivos; e c) como um conjunto de estratégias adaptativas para se sobreviver, as quais estão relacionadas à ecologia e aos recursos.

Assim, a cultura refere-se a um grupo de pessoas que possuem um conjunto de valores e crenças e uma visão do mundo que consideram como ideal. Essas regras, segundo Rapoport (1977 apud RAPOPORT, 1984), também conduzem a

escolhas sistemáticas e consistentes. Com base nessas declarações, a Arquitetura pode ser considerada como qualquer construção que muda deliberadamente o ambiente físico de acordo com algum esquema diretor. Contudo, para que ocorra a transformação do espaço em lugar, é necessário que as pessoas em seu dia-a-dia façam uso adequado desse espaço e atribuam a ele sentido.

O ambiente está constituído por uma série de relações entre seus elementos e seus habitantes, e tais relações têm uma ordem: organizam-se em padrões. O ambiente possui uma estrutura e não é um conjunto de elementos unidos ao azar, destina-se a facilitar ou refletir as relações e os intercâmbios entre as pessoas e os elementos físicos no mundo. Essas relações de elementos físicos são, primeiramente, relações espaciais.

As análises dos ambientes urbanos, em virtude da grande complexidade de elementos envolvidos, devem levar em consideração as suas diversas dimensões sob pena de gerarem problemas ao se tentar obter soluções rapidamente. Rapoport (1978) considera que a organização espacial dos ambientes urbanos possui propósitos específicos e ajustados a diferentes normas, as quais refletem necessidades, valores e desejos de grupos de pessoas ou indivíduos, que, desenhando espaços, representam um equilíbrio ou não entre as realidades física e social.

O ambiente possui, por exemplo, e de modo especial, uma organização de significados, e como consequência, os materiais, as formas e os detalhes convertem-se em elementos importantes. Entretanto, a organização espacial expressa significados e possui propriedades simbólicas. O significado se expressa freqüentemente por meio de signos, materiais, cores, formas e paisagística, levando em consideração os aspectos icônicos do ambiente.

Os ambientes possuem também uma identidade social. Segundo Venturi et al., (1972 apud RAPOPORT, 1978), uma organização significativa pode ou não coincidir com uma organização espacial.

Na classificação de Rapoport (1978), o ambiente construído é o resultado de uma organização da comunicação no que tange às seguintes questões: quem se comunica com quem e sob que condições? Como, quando, onde e em que contexto?

Todos esses aspectos são importantes, pois irão refletir-se nas relações sociais e, por sua vez, na apropriação do espaço. As atividades que os indivíduos

desempenham nos espaços públicos, segundo Rapoport (1978), podem desdobrar-se em quatro aspectos: (1) atividades em si: comer, comprar, beber, caminhar; (2) maneira específica como se bebe um café, compra-se em uma loja, etc.; (3) atividade secundária adicional: conversar durante a compra, conversar enquanto se passeia, etc.; e (4) aspectos simbólicos de cada atividade: cozinhar como ritual, comprar como cerimônia.

Considerando-se as atividades sob os quatro aspectos mencionados anteriormente, pode-se chegar à origem da forma física específica dos assentamentos. Nesse sentido, cabe ressaltar a afirmação de que “é essencial que não se esqueça de que os usuários possuem um sistema de valores muito diferentes” (COING, 1966; FRIED, 1963, 1973; DE LAWE, 1965; PAHL, 1971 apud RAPOPORT, 1978, p. 38).

Existem regras que conformam a organização do espaço, do tempo, do significado e da comunicação, pois possuem certa regularidade e estão relacionadas à cultura (KROEBER; KLUCHOHN, 1952 apud RAPOPORT, 1978). Tais regras e costumes refletem ideais e produzem um estilo de vida que se relaciona ao comportamento, a papéis sociais, a maneiras e até aos sistemas de alimentação, assim como ao modo de se construir. No caso do ambiente construído, essas regras afetam, por exemplo, a distância entre os objetos e as pessoas segundo critérios como idade, sexo, status. O que distingue um ambiente do outro é a natureza das regras codificadas, podendo-se afirmar que, em algumas cidades, desconhecendo-se o sistema de regras, considera-se o ambiente estranho, o que resulta em tirar conclusões precipitadas por tal desconhecimento. Exemplo: os franceses dizem que as cidades americanas não têm estrutura; e os americanos, que as cidades islâmicas não têm forma (RAPOPORT, 1978).

Rapoport (1978) afirma que a organização de espaços é antes um fato mental do que um fato físico. No espaço das cidades, entende-se que isso nem sempre ocorre e por que se criam espaços, muitas vezes impensados ou sem um planejamento que integre os usuários às intervenções ou que leve em consideração um contexto específico, ocorrendo grandes erros e/ou desperdícios. O autor destaca que os elementos físicos de todas as cidades são os mesmos: edifícios de moradia, ruas, praças, templos religiosos, etc., mas que é a natureza do significado dos princípios subjacentes que os organiza e os relaciona. Como a organização dos

comportamentos, essas diferenças devem ser analisadas para que seja possível elaborar generalização e comparações.

Nesse sentido, o desenho urbano pode servir para se analisar uma cultura a partir de suas decisões mais freqüentes, pois os grupos culturais possuem muitas alternativas, tendo, portanto, diferentes soluções a escolher. Essas soluções afetam outros aspectos do comportamento e do significado, como, por exemplo, a maneira por meio da qual as pessoas se relacionam, suas distâncias proxêmicas¹, a forma de estruturar o espaço, se usam ou não as ruas como lugar de encontro, etc.

O que se considera um estilo, segundo Rapoport (1978), não é mais do que um sistema consistente de decisões baseadas em regras e na cultura de um grupo. Nesse contexto, o desenho urbano pode ser considerado como um processo de seleção ou eliminação de alternativas sob critérios que podem conformar valores e normas de diferentes grupos. O quadro a seguir esquematiza as influências culturais que se estabelecem na percepção e no comportamento por grupos.

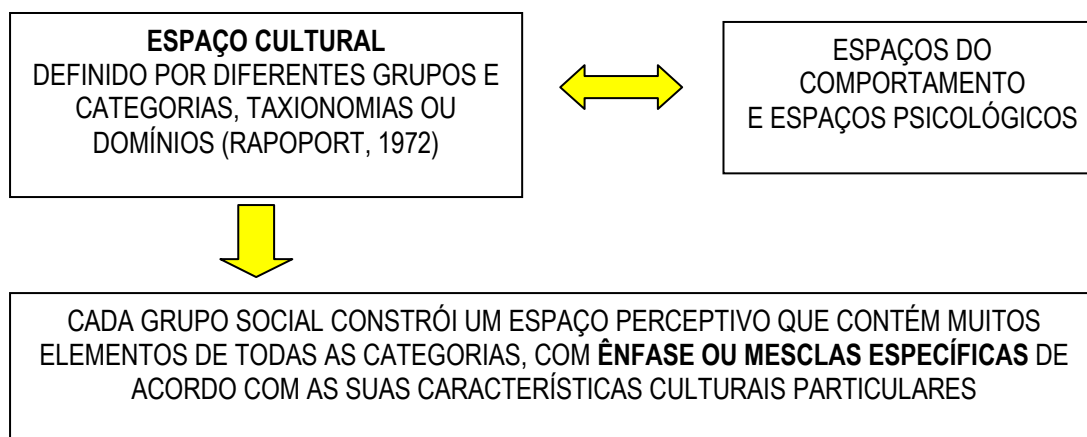


Ilustração 2. Influências culturais estabelecidas na percepção e no comportamento dos indivíduos. Adaptado de Rapoport (1978).

As mesclas próprias que o indivíduo possui lhe conferem uma visão própria do mundo à sua volta e fazem com que se comporte de acordo com elas.

¹ Distância proxêmica: é a distância dada pelo indivíduo e que sofre influências culturais.

2.5 Categorias de análise do desenho urbano

2.5.1 Morfologia urbana

A origem do conceito *morfologia urbana* pode ser atribuída aos geógrafos alemães e franceses no primeiro quarto do século XX e depois aos ingleses. No campo do Urbanismo e da Arquitetura, no entanto, tal origem pode ser verificada primeiramente na Itália, na área de preservação histórica, e ainda hoje lidera os estudos nesse campo. A definição do conceito não é consensual, porém urbanistas o concebem como: “[...] o estudo analítico da produção e modificação da forma urbana no tempo” (SAUMELS, 1982 apud DEL RIO, 1990).

Na apropriação estão envolvidas várias dimensões que Kohlsdorf (1996) chama de “morfologias do processo de urbanização”. Ele baseia-se na definição de Abbagnano (1962 apud KOHLSDORF, 1996) sobre dimensão como plano, grau, nível, no qual se possa efetuar uma investigação ou realizar uma ação.

Segundo Kohlsdorf (1996), a dimensão baliza nossa investigação e/ou ação que correlaciona as características das formas dos espaços com as expectativas sociais correlatas. As dimensões e os critérios aos quais Kohlsdorf (1996) faz referência são:

- a) Funcional – funcionalidade;
- b) Expressiva – expressividade;
- c) Simbólica – simbolismo;
- d) Bioclimática – conforto bioclimático (item não abordado neste trabalho);
- e) Topoceptiva – topocepção (item não abordado neste trabalho);
- f) Co-presencial – co-presença; e
- g) Econômica – economicidade (item não abordado neste trabalho).

Kohlsdorf (1996) afirma que para a análise do desempenho global seria necessária a análise de cada categoria morfológica com os seus atributos próprios.

Na análise da apropriação do espaço público, portanto, estão várias categorias implicadas, pois em geral se relacionam ao desempenho global da cidade. Cabe ressaltar, entretanto, que entre as dimensões apresentadas nesta pesquisa destaca-se a *funcional, expressiva, simbólica e co-presencial*.

A dimensão funcional é o âmbito de investigação e/ou ação que correlaciona expectativas de adequação e eficiência dos espaços às atividades pragmáticas neles desenvolvidas pelas sociedades. Tem sentido operativo e finalidades utilitárias, preocupando-se com as características do espaço e o consumo de bens. Essa dimensão cria um fluxo de pessoas nas ruas e por isso está implicada na apropriação do espaço público da rua.

A dimensão expressiva é, segundo Kohlsdorf (1996), o âmbito de investigação e/ou ação que se dedica à observação do espaço como manifestação de um conteúdo por meio de sua forma física. A dimensão *expressiva* abarca expectativas de diversas naturezas, mas sempre referidas ao plano emocional e baseadas na comunicação estabelecida entre o espaço e as pessoas: aspirações simbólicas, topoceptivas, artísticas, afetivas, etc. Segundo esta autora, é relacionada à agradabilidade despertada por certas organizações morfológicas e conceituada como estética passível de ser apreendida pela contemplação.

A dimensão simbólica, de acordo com Kohlsdorf (1996), envolve a satisfação emocional relacionada à construção de significados. A aspiração de simbolizar é função da possibilidade de afirmação do indivíduo como ser humano, na medida em que é capaz de imprimir qualidades antrópicas em seus produtos e de atribuir simbolismo aos objetos, eventos e lugares do mundo em que vive.

No que se refere à dimensão co-presencial, é a que relaciona expectativas de interação entre as pessoas e os atributos do espaço. É tido como pressuposto nesta dimensão que as formas de solidariedade socialmente adotadas estabelecem-se por organizações espaciais correlatas. Nesta dimensão estão envolvidos fatores físicos propícios e restritivos aos encontros sociais não programados. Entre os atributos propícios destacam-se as permeabilidades e os restritivos às barreiras que interferem nos deslocamentos humanos. Os níveis analíticos da dimensão da co-presença são padrões espaciais, vida espacial e vida social.

Holanda (2003) propõe que o resultado da prática arquitetônica exerça um papel de qualquer sistema social artificial produzido pela prática humana e afirma que seus produtos são como “artifícios para o posicionamento social” (BERNSTEIN apud HOLANDA, 2003). Em sua visão, é pouco comum refletir sobre a prática e seus resultados como aspectos estruturados das relações humanas e como formadores de identidade sociais.

A leitura que se faz da prática arquitetônica, segundo Holanda (2003), independentemente das suas “funções”, permite revelar quais relações pessoais (formais ou informais, cerimoniais ou profanas, hierárquicas ou colaterais, de dominação ou subordinação) são constituídas não simplesmente pelas instituições que estão envolvidas nas práticas, mas também – e fundamentalmente – pelas diferentes formas de espacialização dessas mesmas práticas.

A dimensão bioclimática é a avaliação do conforto ambiental térmico humano, levando-se em consideração a temperatura, a umidade relativa e a velocidade do vento, porém não tratada nesta análise.

A dimensão topoceptiva, como é chamada por Kohlsdorf (1996), relaciona-se às características da malha, parcelamento e volumetria do solo, vegetação arbórea, águas e escala dos edifícios, esta autora faz uma análise bem própria e também não é foco nesta pesquisa.

Holanda (2003) apresenta três níveis referentes às práticas espaciais do arquiteto ou urbanista:

a) ação/imaginação: qualquer prática arquitetônica implica ação e imaginação. De um lado, está a realidade concreta das práticas, de outro, a representação (por meio da imaginação) ligada aos estudos do modo de pensar, conscientes ou inconscientes, empíricos, ideológicos ou mágicos;

b) dimensão material/dimensão simbólica: nesta dimensão, ressalta-se que não há nada na história cuja explicação deva ser buscada fora do desdobramento dos processos materiais. Segundo o autor, os sistemas simbólicos penetram fundo na organização dos homens para a feitura de bens materiais;

c) apropriação efetiva, uso: este item, diretamente relacionado à presente pesquisa, refere-se ao modo como as pessoas estão presentes no espaço. Quem são? Quantos? Quando? Quão freqüentemente? Isso depende de vários aspectos da organização social.

As camadas populares no Brasil podem utilizar com mais intensidade os espaços livres de uso coletivo do que as outras classes, pois costumam acessar outros lugares por meio de transportes públicos ou caminhando, hábitos que potencializam o contato humano informal. Porém, não é só uma característica da classe popular como também não se pode afirmar que sempre exista apropriação em todo bairro popular.

Entretanto, pode-se afirmar que tal característica está relacionada também com a penetração dos meios de comunicação à distância. Percebe-se que as ruas, antes intensamente animadas nos períodos de tempo livre, em grande parte esvaziaram-se com o advento da televisão e do computador, sem que se transformasse nem a morfologia física, nem a categorização social. Portanto, há uma nítida mudança de hábitos. Entretanto, na visão de Holanda (2003), há evidência de que determinadas configurações físicas e certas maneiras de categorização espacial são responsáveis pela apropriação dos espaços abertos dos assentamentos.

Cabe descrever, apesar de não ser o foco desta pesquisa, a dimensão econômica, como o âmbito de investigação e/ou ação que leva em conta as expectativas das sociedades de manter relativamente baixo o consumo de recursos materiais e energéticos representados pelo espaço. A economicidade é um objetivo-meio, que deve ser vinculado às finalidades dos investimentos tendo dois níveis analíticos: custos de formação e de funcionamento.

2.5.2 Análise visual

Segundo Del Rio (1990), esta categoria analítica surgiu a partir do então crescente interesse por ambientes históricos e vernaculares. As chamadas “escolas do bom desenho” buscavam enfatizar a percepção visual do ambiente como experiência estética e emocional (GOSLING, 1976; WHISTLER; REED, 1977; GOSLING; MAITLAND, 1985 apud DEL RIO, 1990). Propunha a complexidade em contraponto à clareza como qualidade-síntese.

Os trabalhos mais importantes nesta categoria classificam-se no que se convencionou chamar de teoria/métodos de “paisagem urbana” (*townscape*). No início dos anos 1950, De Wolfe (1963) e Cullen (1961) publicaram estudo sobre o “townscape” como um enfoque radical contra o movimento moderno, pois ele enfatizava a idiossincrasia e a variedade das formas.

A reflexão é relacionada ao papel da Arquitetura e do Urbanismo no que diz respeito à escala da rua como categoria de atuação. Cullen (1974), que trabalha a escala da rua, tem como ponto de vista que o ambiente possui a capacidade de provocar no homem uma reação emocional. Aponta para uma das finalidades da

urbanística, que é manipular os elementos de uma cidade de modo a provocar impacto nas nossas emoções. Cullen (1974) contribui também para o movimento de recuperação da história e do passado, que influenciaram decididamente os conceitos de patrimônio histórico e arquitetônico ao demonstrar que mesmo as realizações mais modestas são verdadeiras lições na cidade antiga. Lamas (2004) comenta a respeito do trabalho de Cullen:

É um enunciado antifuncionalista que dá corpo à possibilidade de trabalhar na cidade com objetivos diferentes da simples organização das atividades. Foi o primeiro manifesto contra a simplificação funcionalista e racionalista mostrando que a forma tem razões mais profundas e complexas que a simples resposta funcional. (LAMAS, 2004).

Nos estudos de Cullen (1974), apresentam-se as três maneiras pelas quais ele considera o ambiente como gerador de respostas emocionais, descritas a seguir.

a) Ótica: introduz um importante conceito de “visão serial”, tal como a maneira como experienciamos os lugares, e considera as reações a partir de nossas experiências meramente visuais e estéticas dos percursos, conjuntos, espaços, edificações, detalhes, etc. Cullen (1974) compara, por exemplo, como o percurso por uma rua retilínea e com a arquitetura repetitiva é muito menos excitante e rico do que um percurso em uma rua sinuosa e com diversos apelos visuais.

b) Lugar: possui um sentido topológico e está relacionado à nossa posição em relação a um conjunto de elementos que conformam o nosso ambiente mais imediato. Percebe-se mais fortemente a dicotomia aqui/ali, dentro/fora. O relacionar-se com o que nos rodeia é um hábito instintivo do corpo humano e, justamente por isso, não deve ignorar o sentido posicional. Algumas das temáticas analisadas por Cullen (1974) nesta categoria são: posse, ponto focal, recintos (definição de subcategorias de espaços), vista, aqui/ali, interno/externo, espaço definidor, entre outros. Essas temáticas são muito fortes e empiricamente verificáveis.

c) Conteúdo: refere-se a conjuntos de significados percebidos durante nossas experiências nos espaços por meio de elementos como cor, escala, textura, estilo, caráter e unidade. A composição e o relacionamento de insumos visuais numa grande variedade de mensagens provocam uma riqueza de significados e sugestões de comportamentos que empolgam ou não o usuário. Cullen (1983) define temáticas a serem analisadas nesta categoria: intimidade, multiplicidade de usos, escala, confusão, complexidade, antropomorfia, entre outras.

Por intermédio desses componentes, Cullen (1974) trabalha a experiência emocional da cidade pelos aspectos visuais dos percursos que mais tarde foram comprovados cientificamente na percepção visual. Este autor também desenvolve um sistema de notação gráfica para mapear e sistematizar as análises da paisagem urbana. O sistema constitui-se de símbolos gráficos que representam os percursos e o olhar do transeunte ao longo da via.

2.5.3 Percepção ambiental

Esta categoria de análise desenvolve-se a partir de conceitos e métodos da psicologia e, segundo Del Rio (1996), possui duas fontes inspiradoras como a teoria da Gestalt (MENDONÇA, 2001) e a de Gibson (1974) e Piaget (1973).

Lynch (1980), pioneiro na proposição desta categoria de análise, baseou seus estudos na participação e na percepção do espaço urbano pelo usuário atendo-se ao comportamento, aos valores e a imagens públicas para relacioná-las a atributos físicos por meio do uso de mapas mentais. Reconhece a cidade como o símbolo potencialmente poderoso de uma sociedade complexa e afirma que, se for bem desenvolvida do ponto de vista óptico, tem forte significado expressivo, provando que um bom ambiente dá a quem o possui um sentido importante de segurança emocional. Este autor analisa o ambiente urbano a partir de três componentes: (1) identidade, (2) estrutura e (3) significado. Concentra os seus estudos na identidade e na estrutura, pois considera o significado como individual, porém reconhece que esse último reforça a imagem mental.

A identificação do objeto implica na sua distinção de outras coisas e no seu reconhecimento como entidade separável. O aspecto estrutural na imagem é o componente espacial do objeto com o observador e com os outros objetos. Nesse ponto, acredita-se que os estudos de Lynch (1980) tiveram como base a Gestalt, mas com aplicação direta aos espaços urbanos. O autor concentra seus estudos no que ele chama de imaginabilidade e orientação. A imaginabilidade é a qualidade de um objeto físico que lhe dá uma grande probabilidade de evocar uma imagem forte num dado observador. São a forma, a cor e a disposição que facilitam a produção de imagens mentais vivamente identificadas, poderosamente estruturadas e altamente úteis no meio ambiente.

A Gestalt, corrente de pensamento originada na Alemanha no campo da percepção visual, influenciou bastante essa área de estudos. A percepção ambiental como categoria de análise desenvolve-se a partir de conceitos da Psicologia. A teoria da Gestalt entende que a forma só tem sentido a partir da identificação de elementos com fatores de coesão identificáveis, o que nos permitiria a percepção selecionada (MENDONÇA, 2001). A forma seria a criação do inteligível sobre o perceptível (BAILLY, 1979). A partir da base conceitual da Gestalt, foi possível fixar algumas leis que regem nossa percepção visual, como a “lei da continuidade”, que “diz” que temos a tendência a “organizar” perceptualmente uma figura, conferindo-lhe clareza. As chamadas leis estabelecidas da Gestalt e que mais tarde são aplicadas por outros teóricos, como Lynch (1960 apud DEL RIO, 1990), são: unidade, segregação, unificação, fechamento, continuidade, proximidade, semelhança e pregnância da forma.

As qualidades de formas referenciais enumeradas nos estudos de Lynch (1960 apud DEL RIO, 1990), para a cidade em seu conjunto podem ser usadas no estudo de uma rua, são elas:

- a) Singularidade (considerado o contraste);
- b) Simplicidade de forma (no sentido geométrico);
- c) Continuidade (característica que sugere uma identidade própria);
- d) Predominância (distinção de uma característica do todo);
- e) Clareza de ligações (boa visibilidade das ligações);
- f) Diferenciação direcional (assimetrias, mudanças e referenciais radiais que diferenciam um fim de outros);
- g) Alcance visual (qualidades que aumentam ou organizam uma possibilidade de visão, quer real, quer simbólica);
- h) Consciência do movimento (indicativos que melhoram a clareza de desníveis e curvas);
- i) Séries temporais (seqüência melódica); e
- j) Nomes e significados (características não-físicas que podem reforçar a imagem de um elemento, cristalizando-a – ex.: Ponta de Baixo – pista de localização).

Como demonstrou Lynch (1960 apud DEL RIO, 1990), as imagens do ambiente são fundamentais para a representação do espaço pelas pessoas.

Segundo o autor, elas representam a imagem do espaço vivido, e ele afirma que todo cidadão possui numerosas relações com algumas partes da sua cidade e que a sua imagem está impregnada de memórias e significações. Ainda que:

No processo de orientação, o elo estratégico é a imagem do mundo ambiente, a imagem mental generalizada do mundo exterior que o indivíduo retém; você pode se orientar através de *landmarks*, os *landmark* em uma cidade podem ser os edifícios históricos, paisagens naturais como parques e praças. [...] nossa conclusão foi que os indivíduos tinham uma imagem mental da sua cidade relativamente coerente e detalhada que tinha sido criada através da interação destes com o ambiente e que esta imagem era essencial para suas vidas na cidade. (LYNCH, 1960 apud DEL RIO, 1990).

Após realizar experiências com moradores de diversas cidades americanas, Lynch (1960 apud DEL RIO, 1990), tece uma série de conceitos básicos para o que hoje é chamado *mapa cognitivo*. O conceito-chave do seu estudo é justamente o de que as pessoas formam uma imagem mental do ambiente.

No processo de orientação, o elo estratégico é a imagem do meio ambiente, a imagem ambiental generalizada do mundo exterior que o indivíduo retém. Esta imagem é o produto da percepção imediata e da memória da experiência passada e ela está habituada a interpretar informações e a comandar ações. A necessidade de conhecer e estruturar o nosso meio é tão importante e tão enraizada no passado que esta imagem tem uma grande relevância prática e emocional no indivíduo. (LYNCH, 1960 apud DEL RIO, 1990).

Pode-se afirmar, com base nas referências apresentadas, que o homem estrutura o ambiente mentalmente formando a imagem mental e que essa estrutura é o próprio mapa cognitivo. Para o estudo da estrutura do mapa cognitivo, Lynch (1960 apud DEL RIO, 1990) define vários elementos que compõem as imagens públicas, são eles:

- a) Percursos: consideram os canais ao longo dos quais o observador se movimenta. No percurso estão arranjados os outros elementos;
- b) Limites: elementos lineares não utilizados como percursos e que geralmente demarcam uma área ou uma zona conhecida para o observador; são considerados importantes, pois representam quase sempre uma interrupção de continuidade da imagem urbana;
- c) Setores: são áreas da cidade que o observador identifica como “de dentro” ou “de fora” e que possuem uma identidade própria;
- d) Nós: locais estratégicos da cidade onde o observador pode entrar e que possuem forte função de destaque da estrutura em seu conjunto. Podem ser locais de grande concentração de atividades ou convergência física do sistema viário; e

e) Marcos: constituem um outro tipo de referencial, mas são externos e destacam-se na paisagem. São geralmente um objeto físico. Podem estar distantes e constituir uma referência constante ao usuário ou podem estar mais integrados à estrutura, destacando-se do conjunto por sua forte imageabilidade.

Esses elementos são utilizados no meio profissional e acadêmico e, no estudo em questão, facilitaram a linguagem de projeto aplicada à metodologia para se obter uma estrutura urbana com forte imageabilidade: orientação, estrutura, identidade, significado e legibilidade.

O desenho das ruas é um fator que contribui para a apropriação do espaço da rua, e a sua percepção é evidenciada pelos estudos de Lynch (1997), que considera esse espaço como a rede de linhas habituais ou potenciais de deslocamentos no complexo urbano como o meio mais poderoso pelo qual o todo da cidade pode ser ordenado. O autor enumera algumas características que devem ser buscadas pelos planejadores urbanos como qualidades singulares que as diferenciem dos canais de circulação circundantes, propondo que a linha de movimento da rua tenha uma direção clara. Esses elementos podem reforçar a imagem de uma rua. A orientação na cidade é dada pela presença de vários pontos de referência ou características distintivas, alcançando-se e ultrapassando-se uma etapa após a outra, deixando o próprio percurso com um significado que se torna uma experiência em si (LYNCH, 1997).

Rapoport (1978) considera as imagens como modalidades específicas em si e que vão além da consciência, sintetizando informações concretas e abstratas. As informações concretas incluem sistemas paralelos da estrutura da informação, e as abstratas são formadas por processos seqüenciais.

As imagens são esquemáticas e constituídas pela integração de muitos elementos isolados. Segal (1971 apud RAPOPORT, 1978) reforça a assimilação de acontecimentos perceptivos. Só os elementos que são compatíveis com as imagens são percebidos (BOULDING, 1956 apud RAPOPORT, 1978) e, ao mesmo tempo, as imagens confrontam-se com o mundo real (MILLER; GALLANTER; PRIBRAM, 1960) e podem mudar eventualmente quando existe informação compatível, num processo cognitivo chamado de constante acomodação (RAPOPORT, 1978).

As imagens e os esquemas mentais possuem um papel muito importante na cognição ambiental, e as primeiras são consideradas representações mentais de partes da realidade conhecida por experiência direta ou indireta, agrupando certas

definições do meio e combinando-as de acordo com certas regras (HARISON; SARRE, 1971).

Pesavento (1999), por sua vez, afirma que, além das imagens, os discursos dão forma e conteúdo ao espaço urbano, o que revela um princípio de entendimento e organização do mundo. Este também é traduzido histórica e socialmente. Nesse sentido, a cidade nada mais é que uma materialidade de espaços construídos e vazios, assim como um tecido de relações sociais. Entretanto, o que importa na produção do seu imaginário social é a atribuição do sentido, individual e coletivo, dado pelos indivíduos que nela habitam. Para tanto, a representação sensorial de algo que existe traduz lógicas de percepção que passam pelos caminhos do imaginário, que pode ser evidenciado pelas narrativas de seus habitantes ou pela literatura, arte e pelo artesanato. (PESAVENTO, 1999)

O ambiente e o seu processo de percepção são diferentes para Brookfield (1969 apud RAPOPORT, 1978), que afirma que a percepção ambiental é uma propriedade mental e o meio ambiente é “a superfície total a partir da qual as decisões se vão definindo e que aí se incluem elementos naturais e artificiais, reais e irreais, geográficos, políticos, econômicos e sociológicos”. Nesse sentido, Rapoport (1978) acrescenta que as pessoas formulam hipóteses segundo a sua experiência e predizem, assim, o futuro de acordo com essas hipóteses. Tais construções mentais variam de pessoa para pessoa, que somente reagem a estímulos aos quais são capazes de imaginar como atuantes (KELLY, 1955 apud RAPOPORT, 1978).

A estrutura que o usuário constrói para compreender o espaço é chamada *mapa cognitivo*.

Por mapa cognitivo entende-se o processo no qual a mente humana adquire, codifica, relembra e decodifica as informações advindas do ambiente espacial, ou seja, a representação interna que o indivíduo faz relativas ao ambiente que o cerca: um modelo estrutural situado na região cerebral do hipocampo, vinculado aos processos internos da memória, assim como aos subprocessos visuais conhecidos por *what system* e *where system*, vital no entendimento de uma cognição ambiental. (SOUZA, 1995).

Nos seres humanos, o lado direito do hipocampo estaria relacionado ao aprendizado espacial (informações advindas do ambiente), e o esquerdo, à aprendizagem verbal. Experiências realizadas demonstram essa diversidade. Edward Tolman foi o primeiro a utilizar a expressão *mapa cognitivo* para descrever esse tipo de processamento realizado pelo hipocampo direito. Assim, autores como O'Keefe e Nadel (1978) chegam a afirmar que “[...] o hipocampo deveria ser

chamado de um sistema de mapeamento cognitivo e o termo mapa cognitivo deveria ser reservado para o produto desse sistema”.

“Nos mapas cognitivos, adota-se a divisão do processo visual em dois subsistemas.” (POSTNER; RAICHLE, 1994; ARBIB, 1995; O’KEEFE, 1978). Esses sistemas são compreendidos em localizacional, que permite ao indivíduo fazer a localização dos diversos objetos no ambiente espacial, e sistema de reconhecimento, que fornece ao indivíduo o reconhecimento dos objetos por meio de uma série de características.

Os dois sistemas são complementares para um esquema geral de mapa cognitivo na orientação espacial de cada indivíduo em seu espaço ambiental circundante.

2.5.4 Comportamento ambiental

Esta categoria de estudo tem como diferença básica das demais o fato de seus estudos e suas experiências serem desenvolvidos para espaços relativamente limitados, tais como edificação, rua, quarteirão ou praça. Tem se revelado, segundo Del Rio (1990), categoria de estudo complementar à Percepção do Meio Ambiente, cuja aplicação detém-se em áreas urbanas extensas.

Como referência na área do comportamento ambiental, estão Sommer, B. B e Sommer, R. (1980), que desenvolveram técnicas de observação aplicadas especificamente ao comportamento das pessoas no espaço e no tempo. A técnica adotada nesta pesquisa é chamada *mapeamento comportamental*. Pode ser centrada no lugar ou na pessoa. O mapeamento comportamental centrado no lugar mostra como as pessoas se dispõem numa localização particular, e o centrado na pessoa mostra os movimentos e as atividades dos indivíduos durante um período de tempo. Na presente pesquisa, foi aplicado o mapeamento comportamental centrado na pessoa.

Esta categoria de estudo parte da hipótese de que nosso comportamento e nossas ações são influenciados pelo ambiente físico-espacial que nos cerca. Os estudos do comportamento ambiental iniciaram a partir dos efeitos do Modernismo nos ambientes urbanos que destruíam sistemas sociais e culturais de grande coerência interna e comportamentos específicos.

2.6 Espaço da rua – campo de sustentabilidade social urbana

Alguns autores afirmam que a sustentabilidade urbana deve começar pelos espaços públicos do bairro, como a rua, pois é nesse espaço e no ambiente de moradia que se revela o equilíbrio da cidade. A apropriação do espaço acontece com base nas características do lugar (conformação urbana, tipo de uso, aspectos ambientais, entre outros) e na relação social e cultural que se tem com o lugar. Passa, portanto, pelo urbanismo sustentável, ou seja, aquele que deve promover a diversidade tanto de usos quanto de culturas e integrar as identidades. Deve também promover a sustentabilidade social, que objetiva a redução dos níveis de exclusão e a melhoria da qualidade de vida.

Segundo Alexander (1966), as cidades devem cumprir a sua vocação de lugares de encontro. Para ele, as pessoas vêm para as cidades para ter contato umas com as outras. A contribuição do autor evidencia essa questão que está intrínseca no conceito de cidade e que tem se perdido com a vida moderna. Ele salienta que a cidade deve servir como mecanismo para a sustentação de contatos humanos. Afirma ainda que, de alguma maneira, sociedades urbanas modernas possuem mais contatos e comunicação em si do que qualquer outra sociedade na história da humanidade e que as pessoas não são fisicamente solitárias, porém ressalta que os contatos são vazios e insatisfatórios.

Nesse sentido, Alexander (1966) propõe que a organização física da cidade funcione como mecanismo de sustentação de contatos humanos, os quais o autor define como profundos. Ele explica que contato profundo é aquele que previne algumas doenças, tais como delinquência e distúrbios mentais, e que essas doenças surgem da falta dos contatos humanos profundos.

Alexander (1966) esclarece que as pessoas só possuem vinte e quatro horas em seu dia, e, como o número de contatos aumenta a cada dia, esses contatos são cada vez mais curtos e freqüentemente menos profundos. Do ponto de vista humano, são todos triviais, não sendo surpresa que justamente nos centros urbanos, onde há maior expansão dos contatos humanos, os homens tenham começado a sentir alienação e solidão mais agudas do que na sociedade pré-industrial.

Alexander (1966) afirma que as pessoas podem achar que quem vive em cidades possui muitos amigos, entretanto, a palavra *amigo*, segundo ele, tem mudado o seu significado. Os contatos saudáveis, que o autor chama de contato

íntimo, são aqueles entre dois indivíduos que se mostram a si mesmos em sua total fragilidade, sem medos. Significa um relacionamento no qual as barreiras que normalmente nos cercam são eliminadas. O autor reconhece que é difícil definir operacionalmente, mas afirma que se pode fazê-lo concretamente, propondo duas condições:

a) a pessoa envolvida deve ver a outra com bastante frequência, quase todo dia, sem que o encontro necessariamente dure muito tempo;

b) ambos devem ver o outro em condições informais.

As características físicas que a cidade deve buscar para servir como mecanismo para o contato humano apontadas por Alexander (1966) são, entre outras coisas, habitações não isoladas, com visibilidade para a rua, e densidade total residencial mais alta possível.

Jacobs (2007), além de sugerir que as cidades devem promover o contato humano, propõe princípios práticos de planejamento urbano baseados na observação do funcionamento da cidade em seu dia-a-dia. Seus estudos foram feitos em cidades americanas, e os princípios aos quais esta autora faz referência são principalmente:

a) concentração de pessoas promovidas por meio da diversidade de usos;

b) quadras curtas ou pequenas;

c) prédios de idades diferentes para promover custos acessíveis para o surgimento de novos e pequenos negócios; e

d) uso das calçadas com segurança para integrar todos e, em especial, as crianças.

Para Jacobs (2007), a rua deve buscar de todas as formas trazer pessoas para ela em todos os horários do dia e da noite, como uma característica que deve ser perseguida para gerar segurança das cidades. De acordo com a autora, os crimes nas cidades americanas estão relacionados, quase sempre, às áreas desertas e isoladas.

A alta densidade é também apontada por Jacobs (2007) como fator importante para o desenvolvimento da cidade. Entretanto, a autora alerta para a distinção de alta densidade e superlotação, termos que, segundo ela, são muitas vezes confundidos no seu real significado. Enquanto a alta densidade é estabelecida

pela relação entre o número de moradias por unidade de área (n° . moradias/km²), a superlotação é o número de pessoas pelo número de cômodo da moradia (n° . pessoas/ n° de cômodos da moradia).

Assim, a qualidade de vida está relacionada à superlotação, pois ninguém gosta de morar numa casa onde dormem quatro ou cinco pessoas num mesmo cômodo. Jacobs (2007) afirma que não existe um número que corresponda à densidade ideal, pois cada caso deve ser analisado separadamente, e o que funciona para um pode não funcionar para outro.

Outro aspecto relevante para a apropriação do espaço da rua está relacionado com o fato de determinadas áreas guardarem características de seu passado rural. Os hábitos sociais, muitas vezes, ainda permanecem os mesmos. Porém, Jacobs (2007) alerta para o fato de essas áreas não terem sido beneficiadas pelo acesso aos equipamentos urbanos relacionados a saúde, educação, saneamento, etc.; e por estarem sujeitas aos problemas de degradação ambiental, fato visivelmente percebido na área deste estudo.

Características físicas positivas apontadas por urbanistas referem-se à testada dos lotes, aos recuos das moradias, dos muros e das janelas.

Propõe-se que as testadas dos lotes sejam pequenas para obterem maior densidade e contato humano. Também os recuos das moradias não devem ser grandes, os muros devem ser baixos ou transparentes e as janelas de preferência numerosas e voltadas para a rua, com o objetivo de não se perder o controle da rua.

Além disso, é necessário que a rua seja estreita para limitar a velocidade do tráfego de automóveis com o intuito de promover certa tranquilidade e segurança para o pedestre. Esse fator é apontado também por Duany, Plater-Zyberk e Speck (2000) como positivo para provocar a “vida do bairro”. Em sua crítica ao modelo americano de urbanismo, quando afirma que “[...] as autopistas geram grandes vazios que são uma barreira ao tráfego peatonal, além de aumentar a distância entre localidades para o pedestre”, Duany, Plater-Zyberk e Speck (2000), em palestra proferida, traça uma série de exemplos práticos do urbanismo americano nos anos 1960 que, no seu ponto de vista, não produzem vitalidade às ruas, afirmando que ainda hoje seu modelo é reproduzido em vários países, entre eles o Brasil.

Os atributos apontados ressaltam condições físico-espaciais que tornam os espaços da rua atrativos ou não. A segurança é estabelecida em espaços permanentemente vigiados, o que diminui a possibilidade de violência urbana ou a

necessidade de segurança policial ou eletrônica. Tais atributos tornarão as ruas um lugar com potencial de apropriação, sendo fundamental para a sustentabilidade social urbana.

3 ESTUDO DE CASO

3.1 Apresentação

Esta pesquisa trata da investigação dos atributos envolvidos na apropriação do segmento de uma rua, centrado na visão do morador, no seu comportamento e nas características físicas do lugar. A revisão da literatura está estruturada com base no conceito de “sentido dos lugares”, de Cânter e Stringer (1978), o qual considera as dimensões físicas do ambiente, a percepção e o comportamento dos usuários. Apesar do entrelaçamento e da complexidade que envolve o assunto, por meio dessa estrutura acredita-se manter a clareza necessária, respeitando-se implicações relevantes envolvidas na análise de ambientes. Na dimensão física, busca-se o papel da Arquitetura, mas não somente aquela feita por arquitetos, e sim a que é resultado dos vários responsáveis pela organização dos espaços. Na dimensão de percepção, procura-se compreender o processo cognitivo, o qual envolve aspectos culturais, além das contribuições da Gestalt e da fenomenologia. No comportamento, tomam-se como base as dimensões físicas e de percepção, estabelecendo-se a relação com o comportamento, que de acordo com Skinner (1953), de alguma maneira, e com alguma intensidade, nosso comportamento e nossas ações são influenciados pelo ambiente físico espacial que nos cerca, “sugerindo”, “facilitando”, ou “inibindo” de certa forma.

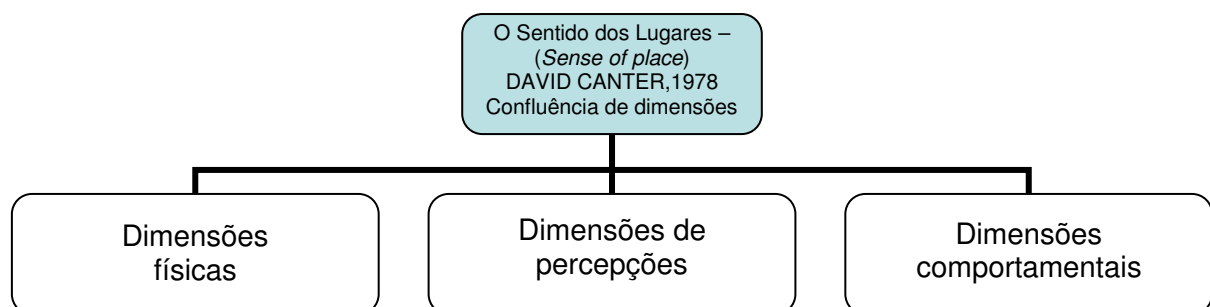


Ilustração 3. Pressuposto teórico para a o estudo da apropriação da rua.

FONTE: Del Rio (1990).

Consideram-se também na pesquisa teórica a orientabilidade e a identidade dos lugares como contribuição para espaços potencialmente de uso e de apropriação.

3.2 Caracterização da rua

A rua Assis Brasil está situada no bairro Ponta de Baixo, Município de São José, vizinho à cidade de Florianópolis, em Santa Catarina. O trecho escolhido apresenta muitas pessoas na rua, panorama que contribuiu para a determinação do estudo – investigar as razões do uso.

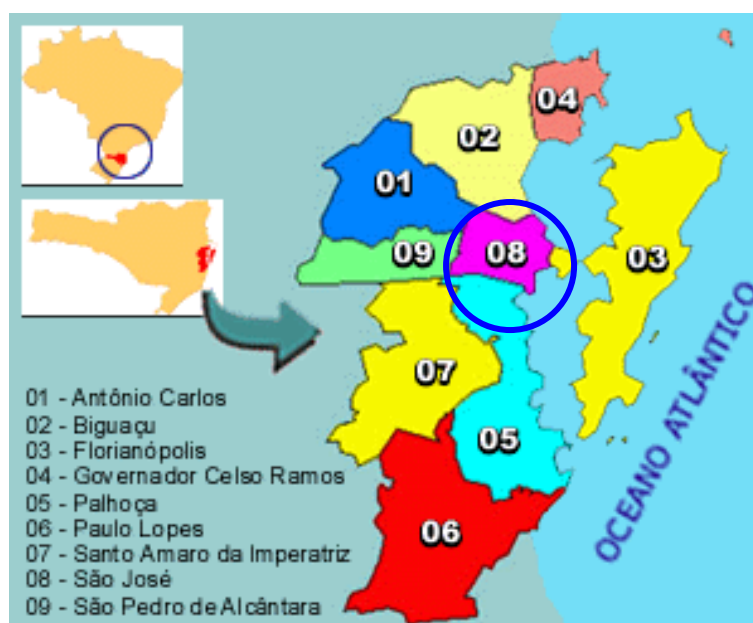


Ilustração 4. Localização geral do município de São José na grande Florianópolis.

FONTE: Webcarta.net (2007).

A cidade de São José foi colonizada com os mesmos propósitos da Capital, ou seja, ocupar pontos estratégicos para navegadores portugueses na época das conquistas européias. Posteriormente, por estímulo da Coroa Portuguesa, São José recebe 182 casais açorianos oriundos das ilhas Graciosa, São Miguel e São Jorge, em 1750; em 1829, acolhe o primeiro núcleo de colonos alemães. É o quarto mais antigo município catarinense. Em 1833, São José passa de freguesia a vila (município) e em 1856 torna-se cidade. Possui atualmente uma área de 113,17 quilômetros quadrados, sendo limitada pelos municípios de Palhoça, São Pedro de

Alcântara, Antônio Carlos, Biguaçu e Florianópolis. É banhada pela baía sul e norte e é seccionada pela BR-101, rodovia de importância internacional.

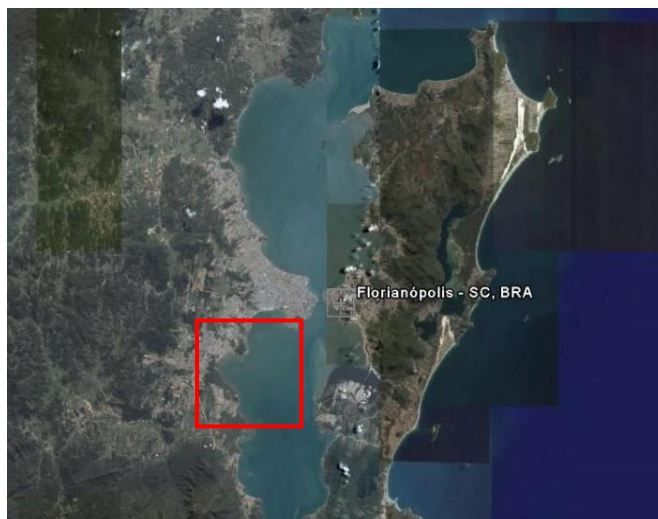


Ilustração 5. Vista aérea de Florianópolis e São José e a localização do bairro Ponta de Baixo.

FONTE: Google Earth(2007).

Segundo dados do IBGE/2006, a população de São José é de 196.907 habitantes, com uma taxa de crescimento acima da média estadual. A economia do município é baseada em comércio (cerca de 6.300 estabelecimentos comerciais), indústria (1.200 indústrias), atividade de prestação de serviços (4.800 empresas), pesca artesanal, maricultura e produção de cerâmica utilitária. Representa hoje a quinta economia do Estado (LINHARES, 2006).

O bairro em que está inserido o trecho de estudo é chamado Ponta de Baixo, conhecido como residencial mas também famoso pelos bares e restaurantes próximos à praia de Guararema (pequena praia existente na localidade). Há pouco mais de vinte anos, era também conhecido como o lugar onde se faziam louças de barro (louça de argila feita em torno).



Ilustração 6. Bairro Ponta de Baixo e o trecho do estudo.
FONTE: Google Earth (2007).

Na rua Assis Brasil, a população mais antiga é de oleiros, pescadores e agricultores, que se fixaram principalmente ao final da via, próximo à foz do rio Maruim, que faz divisa entre os municípios de São José e Palhoça. O número de edificações nesse trecho é de aproximadamente noventa, sendo a maioria autoconstruídas.



Ilustração 7. Foto do trecho de estudo e adaptação feita pelo autor do mapa fornecido pela Secretaria de Planejamento (SEPLAN).

FONTE: Google Earth (2007) e São José (2007).

Até aproximadamente trinta anos atrás, havia muitas olarias na região, e a pesca artesanal era significativa. Atualmente a área conta com muitos descendentes desses pescadores e oleiros, mas poucos dão continuidade a esses ofícios. Há uma associação de ceramistas próxima dessa rua que ensina a arte da cerâmica para

comunidade em geral. A pesca artesanal de sobrevivência, hoje em dia, constitui mais um lazer que uma profissão esta, porém deu lugar à maricultura.

Convivem na mesma região novos vizinhos vindos dos mais diversos municípios e de outros Estados, em alguns casos, com situação socioeconômica e hábitos diferenciados, criando uma diversidade típica. O que mais chama a atenção é a presença das pessoas nas ruas. São crianças, adultos, homens, mulheres, idosos, todos envolvidos em várias atividades.

Essa característica é que levou a pesquisadora a delimitar o local para o estudo da apropriação do lugar.

O trecho analisado neste trabalho conta com a maioria dos lotes pequenos, de testada estreita (aproximadamente 10 metros). Poucos são maiores, com testadas mais largas, e essa diferença é ainda maior se considerarmos a rua em toda a sua extensão.

A largura da rua é de aproximadamente seis metros e meio, e ela divide os lotes da encosta e os da beira da foz do rio Maruim.

Os lotes que se situam à margem da foz do rio são pequenos e com poucos fundos, pois o rio beirava a rua até uns cinquenta anos atrás. As sucessivas dragagens que alteraram o curso do rio ampliaram os fundos de alguns lotes. Os moradores, em geral, apropriaram-se dessas áreas construindo casas ou edículas para uso próprio ou para aluguel. Verifica-se neste lado da rua uma densidade maior de pessoas. Algumas moradias são construídas bem altas em relação ao chão devido à influência das marés, que chegam a invadir a área embaixo da casa.

As construções estão longe do respeito aos recuos da linha da preamar média (33 metros), que, segundo orientação do Domínio da União, é passível de ocupação. Muitas construções originaram-se de ranchos de pescadores, que saíam e entravam com o barco, e mais tarde tornaram-se suas moradias, as quais foram se modificando de acordo com as suas posses, como ainda hoje acontece. A maioria das moradias do local é de um e dois pavimentos e aspecto simples; são construídas em madeira ou alvenaria e possuem coberturas com uma, duas ou quatro inclinações, que não passam de 30°.

Os lotes que se situam no lado da encosta foram ocupados inicialmente na região, e os espaços vazios que ainda restam ao longo da via correspondem a propriedades de herdeiros. Como se trata de área de uso limitado, a densidade de

ocupação é mais baixa. Algumas propriedades desse lado da rua são de padrão mais alto do que as localizadas do lado do rio.



Ilustração 8. Fotos da largura da rua medida em um ponto específico e residências autoconstruídas à beira da foz do rio Maruim.

FONTE: Acervo do autor (abril de 2007).

Há ainda poucas casas antigas na rua – apenas duas com mais de 50 anos, mostradas na Ilustração 9. Esse fato pode ter relação com a precariedade das construções mais antigas, com traços culturais (“a casa de tijolos que é boa”), com mudanças no nível de vida da família ou com questões ambientais, pois o “vento do mar” (sul) passa pelas frestas das casas de madeira, esfriando o seu interior e permitindo a entrada de chuva.



Ilustração 9. Fotos da casa mais antiga do trecho da rua em alvenaria e casa recente em madeira.

FONTE: Acervo do autor (abril de 2007).

Os estabelecimentos comerciais também são de pequeno porte. O trecho de estudo possui apenas quatro estabelecimentos comerciais para atendimento local

(dois bares e mercearias, uma peixaria e uma vidraçaria). Os bares e as mercearias são os estabelecimentos mais antigos na região. O movimento na rua segue um fluxo variável, com horários de fluxo intenso (ida e volta do trabalho) e horários em que a rua encontra-se um tanto deserta, revelando costumes dos moradores.



Foto 2: moradores reunidos na frente da casa; local de maior apropriação. Fonte da autora, 2007



Foto 1: muros altos e pavimentação descontínua nos passeios. Fonte da autora, 2007.



Foto 6: área de grande concentração de habitações e muitas pessoas na rua. Alta permeabilidade. Fonte da autora, 2007.



Foto 7: muros altos; moradias inacabadas. Fonte da autora, 2007.



Foto 8: casa antiga da rua: construída em nível abaixo da rua; muro baixo; de acabamento simples. Não há morador no momento. Fonte da autora, 2007.



Foto 3: lote baldio; moradias simples de um ou dois pavimentos; coberturas de uma a quatro águas. Fonte da autora, 2007.



Foto 4: bar e armazém do senhor Osni, antigo representante da comunidade. Fonte da autora, 2007.



Foto 5: bar Fraga: local de encontros. Fonte da autora, 2007.

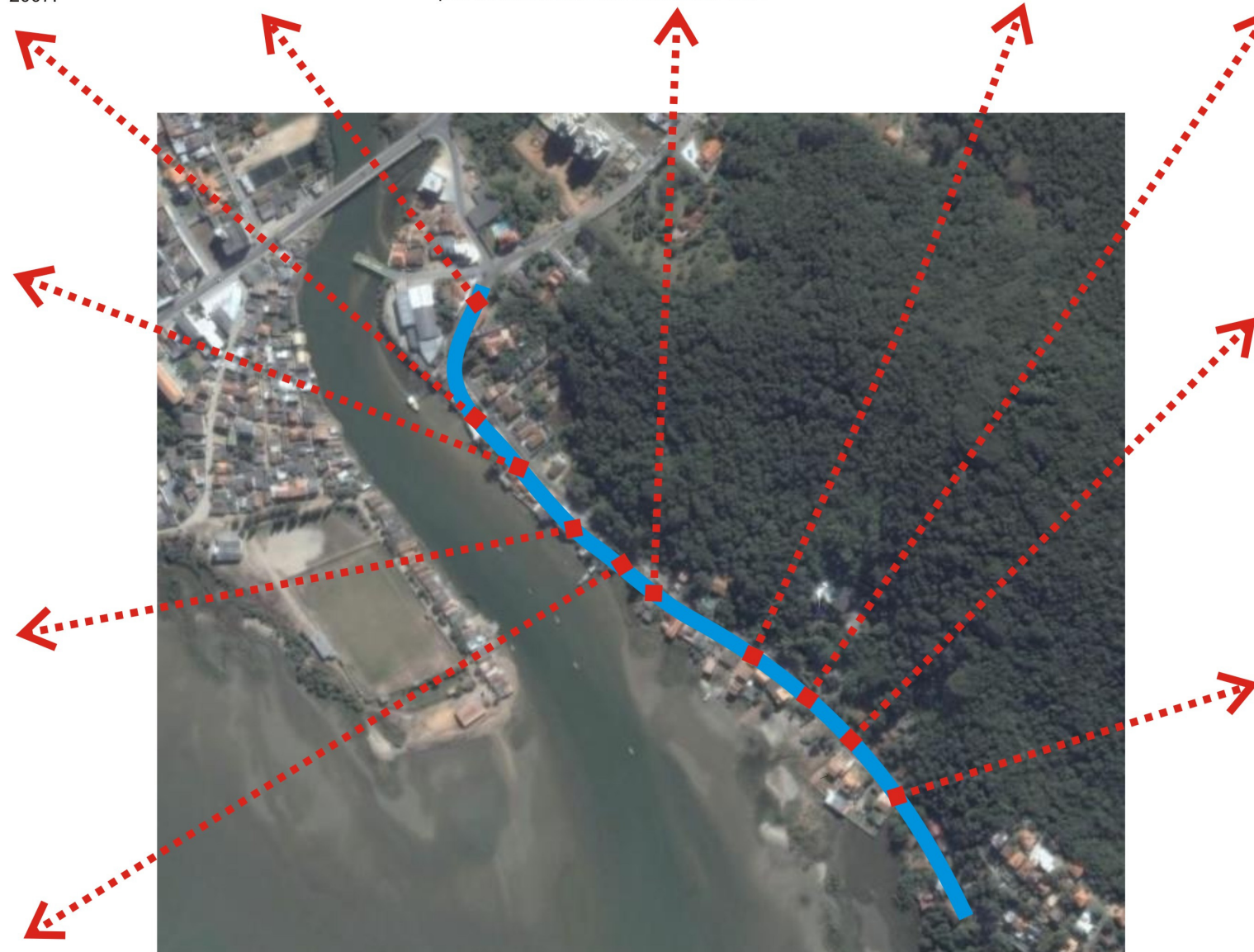


Ilustração 10: Caracterização 1 - vista aérea da Ponta de Baixo/trecho de estudo. Pontos de Vista - lado do rio.
Fonte: Google Earth, 2007.



Foto 9: lotes que estão em inventário e não há morador no momento; não há pavimentação nos passeios; há mato impossibilitando o uso. Fonte da autora, 2007.



Foto 10: moradia inacabada; não há morador no momento. Fonte da autora, 2007.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

Apropriação de Espaços Públicos: estudo da rua Assis Brasil - 2008.



Foto 3: servidão Trüpel; trecho com apropriação. Fonte da autora, 2007.



Foto 4: moradias de mesmo estilo; uso de grades; muro baixo à frente. Fonte da autora, 2007.



Figura 5: nesse trecho, nota-se a descontinuidade do passeio com o mato invadindo e a pavimentação interrompida. Fonte da autora, 2007.



Foto 6 : área utilizada para estacionamento em frente ao bar, como depósito de materiais diversos e também para o convívio devido a sombra. Fonte da autora, 2007.



Foto 2: muros baixos; moradia com recuo distante da rua; lote bastante arborizado. Fonte da autora, 2007.



Foto 1: muros altos; edificação de tres pavimentos, há um local para cultos; mais adiante há pequenos apartamentos de aluguel; passeios precários: descontinuidade na largura e mato invadindo. Fonte da autora, 2007.



Foto 7: barreiras naturais no passeio. Não há revestimento. Fonte da autora, 2007.



Foto 8: muro baixo, alta permeabilidade.; moradores caminhando na via de rolamento. Fonte da autora, 2007.



Foto 9 : trecho em que há permeabilidade da moradia para a rua. Fonte da autora, 2007.



Foto 10: habitações próximas a rua. Fonte da autora, 2007.



Ilustração 11: Caracterização 2 - vista aérea da Ponta de Baixo/trecho de estudo. Pontos de Vista para as fotos/Lado da encosta.

Fonte: Google Earth, 2007.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

Apropriação de Espaços Públicos: estudo da rua Assis Brasil - 2008.

3.3 Metodologia

A pesquisa qualitativa difere-se de modo geral da quantitativa por esta última recorrer à quantificação como única via de assegurar a validade de uma generalização, pressupondo um modelo único de investigação. Tal modelo é derivado das ciências naturais, parte de uma hipótese-guia, só admite observações externas e segue um caminho indutivo para estabelecer leis mediante verificações objetivas, amparadas em frequências estatísticas.

Na pesquisa qualitativa Chizzotti (2006) explica:

[...] de um lado, o pesquisador supõe que o mundo deriva da compreensão que as pessoas constroem no contato com a realidade nas diferentes interações humanas e sociais, será necessário encontrar fundamentos para uma análise e para a interpretação do fato que revele o significado atribuído a esses fatos pelas pessoas que partilham dele. (CHIZZOTTI, 2006).

Os instrumentos necessários para se atingir o conhecimento por meio da pesquisa qualitativa devem estar nos meios de se coletarem informações vividas pelos atores humanos dos fatos, e qualquer paradigma deve recorrer à intuição humana e à inferência interpretativa.

A pesquisa qualitativa abrange hoje um campo transdisciplinar e envolve as Ciências Humanas e Sociais, assumindo tradições e paradigmas de análise diversos. Os vários métodos adotados pela pesquisa qualitativa visam à investigação de um fenômeno situado no local em que ocorre. Esse tipo de pesquisa procura encontrar o sentido do fenômeno e interpretar os significados que as pessoas dão ao fenômeno.

Para isso, a pesquisa qualitativa implica numa “partilha densa com as pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são percebidos a uma atenção sensível” (CHIZZOTTI, 2006).

Segundo Reis e Lay (1995) e Sommer & Sommer (1980 apud ELALI, 1997, p. 335), métodos qualitativos associados ao quantitativo “[...] colaboram para o enriquecimento da avaliação, aumentando significativamente o leque de elementos envolvidos no processo analítico”.

A proposta de multimétodos também é enfatizada por Günter (2005), pela vantagem prática imediata de produzir resultados mais válidos, uma vez que, segundo este autor, “no estudo das relações recíprocas entre os fenômenos psicológicos (comportamentos e estados subjetivos) e as variáveis ambientais

físicas, estão implicados vários campos de estudo e que não há teoria capaz de explicar a complexidade do comportamento humano” (GÜNTER, 2005).

O presente trabalho utilizou como estratégia de pesquisa a etnografia, que é tomada como “a antropologia descritiva dos modos de vida da humanidade e introduzida como um modo de descrição social científica de uma pessoa ou da configuração cultural de uma população” (CHIZZOTTI, 2006).

O pressuposto fundamental da etnografia é a interação direta com as pessoas na vida cotidiana como possibilidade de se compreenderem melhor as suas concepções, práticas, motivações, os seus comportamentos e os significados que são atribuídos a essas práticas.

Nesta investigação, serão colhidas opiniões, valores e preferências expostos pelos sujeitos por meio de entrevistas. Serão observados os comportamentos das pessoas no espaço da rua para melhor compreensão e análise.

A adoção de vários instrumentos visa, portanto, colaborar no preenchimento de possíveis lacunas e desvios surgidos a partir de um tipo de coleta de dados, contrabalançando informações e minimizando distorções.

Segundo Elali (1997), os instrumentos e as técnicas deverão contemplar visões diferentes da mesma realidade, tornando maior e mais promissor o leque de informações.

3.4 Instrumentos de pesquisa

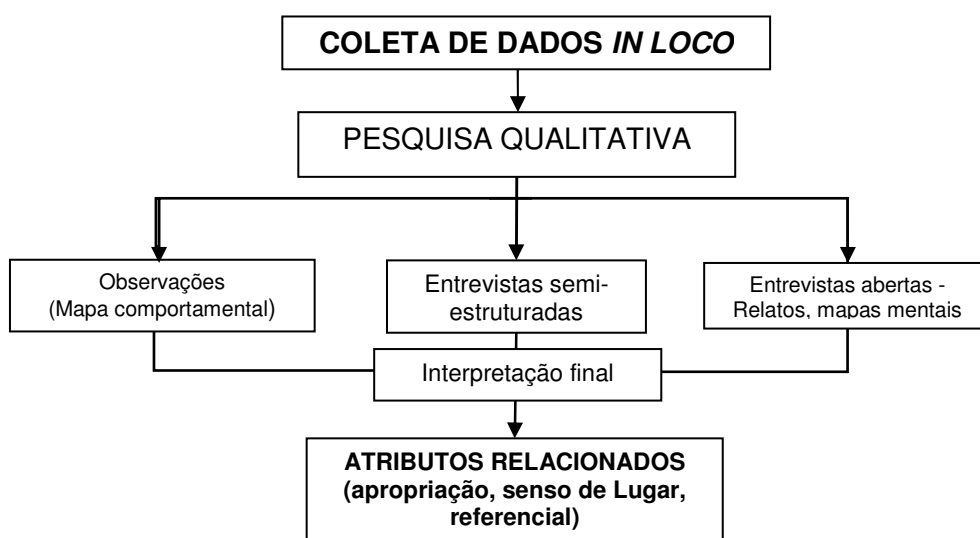


Ilustração 12. Esquema dos instrumentos da pesquisa.

De acordo com Ornstein e Romero (1992 apud CREMONINI, 1998),

[...] dois tipos de avaliação do ambiente construído são efetuados: 1) a técnica, que abrange ensaios em laboratório e/ou "in loco", através de observações e levantamentos físicos (medições); 2) e aquela realizada a partir do ponto de vista dos usuários, baseada em opiniões e comportamentos, levantados por meio de observações, entrevistas e questionários.

Pode-se afirmar que as análises de componentes arquiteturais baseadas no ponto de vista do usuário foram iniciadas por Lynch (1997), que cria e aplica um método para analisar cidades. Esse método do autor, cujo objetivo é centrado nos aspectos de orientabilidade, é baseado na idéia de como as pessoas conhecem (cognição) o espaço e se locomovem nele a partir da imagem mental. Para averiguação dos aspectos de orientabilidade, será aplicado entrevistas aos moradores.

Nesta investigação, adotou-se a observação por meio do mapeamento comportamental de Sommer, B. B. e Sommer, R. (1980), por ser uma referência na área do comportamento. Os autores tratam especificamente do comportamento das pessoas no espaço, e o mapeamento que estabelecem pode ser centrado-no-lugar ou centrado-na-pessoa. O mapa comportamental centrado-no-espaço apresenta-se como mais adequado para esta pesquisa, pois são mapeados os movimentos das pessoas durante determinado período de tempo. Após o mapeamento comportamental, é aplicada a observação comportamental participante, que é feita em dias diferentes e que se constitui em várias conversas com os moradores sobre o uso da rua e o convívio entre os vizinhos. Também é feito o registro visual por meio de fotos de pontos da rua.

O segundo instrumento adotado é a entrevista aberta, em que o entrevistado narra o que se lembra da rua até os dias de hoje. O entrevistador apenas inicia a interação perguntando ao entrevistado como era a rua quando este a conheceu e quais foram as principais mudanças que ocorreram desde então. Esses relatos são gravados para se obter maior fluência na narrativa.

Outro instrumento adotado é a entrevista semi-estruturada, em que é aplicado um questionário para se obter o perfil do entrevistado. Em seguida, é proposto um mapa mental da rua. Após o desenho do mapa, é aplicado questionário com perguntas diretas predefinidas pelo entrevistador para orientar o morador na direção dos objetivos da pesquisa.

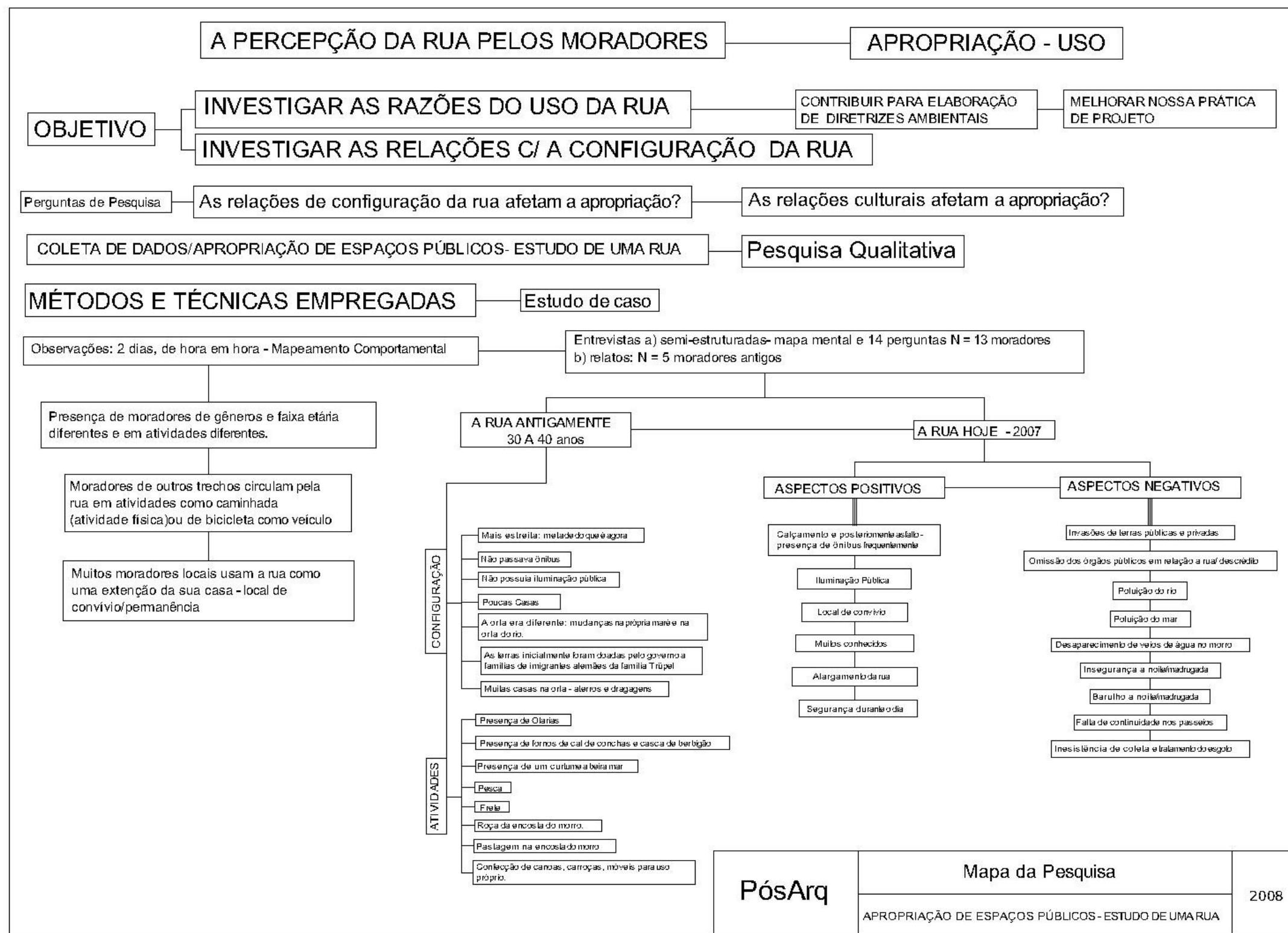


Ilustração 13. Mapa da pesquisa.

3.4.1 Descrição detalhada dos instrumentos

3.4.1.1 Observação direta

A observação direta foi feita com a aplicação do mapa comportamental de Sommer, B. B. e Sommer, R. (1980). Definiu-se a área da rua para a investigação de campo, tendo sido tiradas fotos de vários pontos da rua que mostram características relacionadas ao tema. O mapeamento comportamental é uma aplicação especial das técnicas de observação, referindo-se especificamente ao comportamento das pessoas no espaço. Pretende-se perceber as relações entre os comportamentos de pessoas e ambientes, realçando as suas implicações na construção dos espaços (SOMMER, B. B.; SOMMER, R., 1980). Aplica-se o método de observação a partir da tabela a seguir a fim de se perceber a interação pessoa-ambiente. Anota-se a faixa etária das pessoas presentes na rua ao longo do dia e também a atividade que estão executando.

Tabela 1. Tabela utilizada para o mapeamento comportamental, baseada em Person (2006).

MAPEAMENTO COMPORTAMENTAL CENTRADO NO ESPAÇO		
DATA:	DIA/SEM.:	HORA:
OBSERVADOR: pesquisadora		
LOCAL:	TEMPO:	
ATIVIDADES	Subtrecho 1	Subtrecho 2
Caminhando		
Bicicleta como veículo		
Atividade física (caminhada, corrida, pedalada)		
Parado, esperando (sentado ou de pé)		
Conversando (sentado ou de pé)		
Outras atividades (trabalhando, brincando, etc.)		
Legenda: M - mulher H - homem I - idoso C - criança J - jovem		

A observação foi feita em dias diferentes da semana para que não houvesse erros de amostragem. O trecho analisado, o qual apresenta aproximadamente 500 metros, divide-se em dois, um de 200 metros e outro com aproximadamente 300

metros. A observação foi efetuada em intervalos de hora em hora e com duração de quinze minutos. A divisão do trecho em dois foi necessária para a observação, pois existe uma ladeira que não permite uma visualização integral do lugar.



Ilustração 14. Os dois trechos para o mapeamento comportamental. Mapa adaptado do mapa da Secretaria de Planejamento de São José, (SEPLAN).

Fonte: SEPLAN - São José (2007)

3.4.1.2 As entrevistas semi-estruturadas

As entrevistas semi-estruturadas envolvem dados pessoais, mapas mentais e perguntas diretas com o objetivo de se obterem respostas relacionadas à maneira pela qual os moradores percebem a rua, os fatores que os levam a freqüentar e se apropriam dela. Os moradores mostrarão como vêem a rua, a imagem que fazem dela, os usos freqüentes e os problemas que percebem, as preferências, as opções e os valores em relação ao local em que moram. Os dados levantados irão permitir o mapeamento de elementos que essas pessoas consideram importantes, marcantes e significativos para elas, fornecendo uma descrição detalhada e pessoal.

A pesquisadora marca a entrevista, feita na casa do morador, a qual se inicia com o preenchimento dos dados pessoais de quem será entrevistado. Num primeiro momento, o entrevistador pergunta ao entrevistado se ele quer preencher o

formulário ou se prefere que o entrevistador o faça. Esse detalhe é importante para não melindrar o entrevistado, pois pode haver dificuldade na leitura e na escrita. O preenchimento dos dados pessoais pode revelar aspectos relevantes sobre o perfil geral do morador, como (a) o sexo, relacionando a comportamentos observados, seu papel social e reflexos na sua visão; a faixa etária, a qual foi separada em três níveis – jovem, adulto e idoso – que poderão mostrar diferentes pontos de vista, independentemente de posição social. Cabe ressaltar que a pesquisa não busca a percepção dos grupos por níveis sociais, mesmo sabendo que essas diferenças são muitas vezes visíveis nos espaços da cidade. O que se pretende investigar, entretanto, é que na mesma situação socioeconômica existem afinidades nas visões e nos usos por faixa etária e que isso vai permitir verificar atributos relacionados à apropriação ou não do espaço público da rua por essas pessoas; (c) a escolaridade pode também relacionar diferentes pontos de vista a respeito da rua; (d) a procedência oferecerá pistas sobre as relações sociais vinculadas à origem geográfica e cultural dos moradores; (e) a profissão mostrará, entre outras coisas, que a pessoa que trabalha fora possui rotinas diárias diferentes daquela que não tem uma atividade remunerada e fica mais tempo em casa e, portanto, proporciona maior convívio social entre os vizinhos; (f) o tempo de residência na rua é importante no estabelecimento de laços de amizade entre os moradores; (g) o bairro e o local em que o morador trabalha mostram se a atividade profissional é exercida longe ou perto de casa, dado que, acredita-se, isso pode interferir também no estabelecimento dos laços de amizade e de convívio; (h) pergunta-se também como o morador desloca-se para relacionar a capacidade de contato entre os demais, que é gerada quando esses deslocamentos são feitos a pé e de bicicleta, em ritmo mais lento ou com automóvel, mais rápido, não promovendo o encontro durante o deslocamento.

Num segundo momento da entrevista semi-estruturada, é proposto um desenho da rua (mapa mental) com o objetivo de se obter a imagem mental que o morador faz da rua. Ele é instruído a desenhar o que lhe vem à mente.

A ficha para o preenchimento dos dados pessoais e para o desenho do mapa é apresentada abaixo:

Dados pessoais:

1. Nome:.....(opcional)
2. Faixa etária: () até 25 anos. () de 25 a 60. () mais de 60.
3. Sexo: () M () F 4. Onde nasceu:.....
5. Escolaridade: () sem escolaridade () fundamental () médio () Superior
6. Profissão:.....
7. Tempo em que mora na rua:
 () até 5 anos. () de 5 a 10 anos.
 () de 10 a 15 anos () mais de 15 anos.
8. Costuma se deslocar:
 () a pé. () de automóvel () outro:...
9. Bairro em que trabalha:.....
10. Local em que trabalha:.....
11. Desenhe no espaço abaixo um esboço da rua Assis Brasil, colocando o que lhe vem imediatamente à mente.

O mapa mental da rua será analisado da seguinte forma: inicialmente, pelo número de elementos marcantes que o morador desenhou ou mencionou, com o intuito de averiguar se o lugar possui uma imagem forte para ele. Em seguida, verificar-se-ão quais elementos marcantes aparecem nos mapas e se são compartilhados pelos moradores. Também será analisado que grau de detalhes o morador dispensou aos elementos desenhados – observar se teve cuidado com detalhes ao desenhar o mapa geral ou algum elemento em especial ou ainda se o desenho possui distorções. Verifica-se o ponto de vista e a escala utilizada no desenho e se o morador salientou algum elemento (pelo tamanho) em relação aos outros. Outro ponto identificado é se o morador fez o seu desenho buscando lembranças da infância, da juventude ou dos dias atuais. A partir daí, serão buscadas características comuns aos grupos (atributos relacionados à memória, à interação social e à orientação, por meio dos elementos marcantes e dos limites), categorizando-se as informações.

Posteriormente, o entrevistador fará ao morador 14 perguntas diretas relacionadas à rua. O modelo das perguntas diretas e os seus respectivos objetivos são apresentados a seguir.

Perguntas	Objetivo
1 – Quais as qualidades que você vê na sua rua?	Verificar a existência de ligação do morador com a sua rua.
2 – Como faria a descrição física da sua rua? O que lhe vem à mente?	Verificar a capacidade do lugar em gerar imagem forte e a existência de relação de topofilia.
3 – Com que frequência costuma sair de casa para a rua?	Busca-se verificar se o morador usa e o quanto usa o espaço da rua.
4 – Quantas pessoas da rua você conhece e quantas vezes as encontra?	Busca-se verificar a interação com os vizinhos.
5 – Onde começa e onde termina a rua Assis Brasil?	Busca-se verificar a existência de clareza nos limites da rua.
6 – Com que frequência costuma sair de casa para outro bairro? () Todo dia () Duas vezes por semana () Uma vez por semana () Uma vez por mês	Busca-se verificar as relações de uso e permanência das pessoas na rua.
7 – Se fossem atendidos os seus desejos, o que gostaria de mudar na rua? (faça críticas ou dê sugestões.)	Verificar o grau de satisfação dos moradores e os anseios ligados às dimensões da percepção: relações físico-espacial, relações com a memória, aspectos culturais, identidade, entre outras.
8 – Como você considera o passeio (calçada)? Apresenta continuidade, conforto e clareza para o pedestre? () Bom () Médio () Ruim () Péssimo	Verificar quais atributos físico-espaciais são importantes para o morador relacionados ao uso da rua por pedestres.
9 – Como você considera a rua (local dos automóveis) para quem anda de automóvel? () Boa () Média () Ruim () Péssima	Verificar quais atributos físico-espaciais são importantes para o morador relacionados ao uso da rua como motorista de automóvel.
10 – Como você considera o acesso de ônibus? (proximidade do ponto de ônibus/existência de abrigo/ itinerário do ônibus) () Bom () Médio () Ruim () Péssimo	Verificar o grau de satisfação do morador quanto ao acesso ao transporte público existente.
11 – Cite a(s) razão(ões) da escolha deste bairro para morar.	Verificar se a razão é ligada à forma, à memória, às experiências passadas ou a outra razão.
12 – Qual o lugar da rua de que você mais gosta?	Busca-se a existência de pontos focais ou marcos.
13 – Qual a atividade que o/a traz à rua? () Apenas circulação () Conversar com as pessoas () Prática de exercícios () Brincar () Contemplação: apreciar a natureza () Trabalho () Compras () Outra	Verificar o potencial da rua como lugar de encontro, permanência e passagem.
14 – Marque até três coisas que mais lhe incomodam com relação ao local onde mora () Buracos na rua () Lixo espalhado () Barulho de carros à noite e na madrugada () Poluição do rio Imaruim () Rompimento freqüente da rede de abastecimento de água. () Falta de praças e parque () Segurança () Falta de ciclovias () Invasão no morro () Outras: _____	Verificar a percepção do morador quanto aos problemas que mais o preocupam.

Quadro 1. Perguntas diretas e respectivos objetivos – entrevistas semi-estruturadas

A diferenciação no fundo do quadro apresentado relaciona-se ao agrupamento de algumas perguntas para posterior análise. Um grupo será constituído de assuntos relacionados a qualidades da rua, orientabilidade, ligação

com o lugar e insatisfações. O outro relaciona hábitos, contato humano e interação social. Com as perguntas diretas, pretende-se abranger certas lacunas que poderão ficar na técnica dos desenhos dos mapas mentais da rua.

3.4.1.3 Entrevistas abertas - relatos

Os relatos dos moradores serão utilizados devido à natureza da pesquisa e às particularidades dos grupos de indivíduos para identificação da configuração local ao longo do tempo, além de revelar traços de sua cultura e poder mostrar a existência de identidades culturais. Este instrumento pode fornecer informações sobre como os moradores percebem a evolução do local, os impactos das mudanças ocorridas e a ligação que possuem com ele. Os relatos são solicitados para as pessoas que moram há 30 anos ou mais na rua.

O entrevistador vai à casa do entrevistado em dia e hora previamente marcados. Os relatos deverão ser gravados para melhor fluência da conversa. A técnica aplicada é diferenciada, pois, no caso dessas pessoas, os relatos mostram-se mais adequados, já que os moradores antigos poderão apresentar novos pontos de vista, ressaltando qualidades e defeitos que observam ao longo de sua vivência no lugar.

Numa abordagem mais aberta, acredita-se que os entrevistados podem revelar pontos desconhecidos pelo entrevistador ligados à apropriação própria deste lugar.

Esse tipo de abordagem foi selecionado também por se tratar de pessoas mais velhas com uma vivência maior e rica para ser descrita e pelo fato de se sentirem mais à vontade ao fazer um relato verbal do que no desenho de mapas mentais e entrevistas semi-estruturadas. Além disso, podem abordar qualquer assunto inesperado. O pesquisador deve tomar cuidado para que o assunto não se torne exclusivamente uma visão pessoal, daí a necessidade de se ter certo número de relatos e de caracterizá-los pelos aspectos compartilhados pelos entrevistados. Os relatos serão categorizados por assuntos: (a) observações positivas ou negativas; (b) observações ligadas a lembranças individuais ou de interação social; (c) observações caracterizadas por gênero; (d) observações ligadas a mudanças

ocorridas na rua ou no bairro; (e) valores mais comuns; e (f) relação de interação entre grupos de vizinhos.

3.5 Resultados

3.5.1 Observação

A observação foi feita em três modalidades, como descrito na sequência.

3.5.1.1 Mapeamento comportamental - Dimensão Comportamental

O mapeamento comportamental foi feito nos dias 21/04/2007 (sábado), 24/04/2007 (terça-feira) e 27/04/2007 (sexta-feira), e neste último dia correspondeu a uma complementação do mapeamento feito em 24/04/2007, pois choveu a partir das 16 horas, o que comprometeria os resultados.

Por meio da observação, o mapeamento comportamental relacionou a presença de pessoas de sexos diferentes e faixas etárias distintas ao longo do dia. A atividade com a qual as pessoas estavam envolvidas também apresentou bastante diversidade, conforme mostra a classificação da Tabela 1. A maioria das pessoas encontradas na rua são moradores locais, mas há também visitantes fazendo atividades físicas – caminhando ou correndo –, o que foi observado pela vestimenta e pelo ritmo da atividade. As crianças menores foram vistas, muitas vezes, brincando no pequeno passeio, e as maiores, na via de rolamento.

Os usos da rua são diferentes nos dias úteis, feriados e nos fins de semana. O mapeamento comportamental forneceu comprovação de uso do trecho por diversos grupos de pessoas e relacionou atividades envolvidas ao longo do dia (das 8h às 18h), conforme mostrado no apêndice A.

A partir desses dados, foi necessário um contato mais direto com os moradores para relacionar o uso da rua com os comportamentos mapeados, motivo pelo qual partiu-se para outros métodos.

3.5.1.2 Observações comportamentais participantes

As observações comportamentais foram feitas pela pesquisadora em muitas caminhadas na rua durante os dois anos de realização da pesquisa. Nas caminhadas preliminares, os moradores, muitas vezes, estavam conversando, caminhando, trabalhando, brincando, indo e voltando de bicicleta ou a pé de lugares próximos conforme mostra as figuras. Tais observações foram feitas para compor a tabela do mapeamento comportamental mostrado anteriormente. Após o mapeamento, sentiu-se a necessidade de se pormenorizarem certos comportamentos observados.

Atentou-se para o fato de que muitas famílias moram perto umas das outras e que freqüentemente conversam ou recorrem ao auxílio dos mais próximos, quando necessário. Na rua em questão parece existir o hábito da ajuda mútua – pode ser no caso de se precisar de uma panela, de um tempero para o almoço ou até de os moradores dividirem os seus dramas. Nota-se grande afinidade entre as mulheres, visto que muitas delas não trabalham fora e cuidam dos filhos e da casa. Grande parte das mulheres reúne-se no quintal (Ilustração 19, foto 2) ou no pequeno passeio, geralmente à tarde, onde conversam ou fazem alguma atividade corriqueira.

Num dos dias em que foi feita a observação, uma família desfez a sua casa, que era de madeira, colocando as tábuas no outro lado da rua (no pé do morro, em frente a um lote desocupado). Esses moradores trabalharam o dia inteiro fazendo a travessia na rua com as madeiras da casa: todos da família participavam, exceto as crianças menores. Na área livre em que dispuseram as madeiras, foi colocado também um tronco, que passou a servir de banco para as conversas à sombra (Ilustração 1 e 15).

Outro comportamento observado é que muitos moradores de gêneros e faixas etárias diferentes usam a bicicleta como veículo para pequenos trajetos. Os adultos vão ao trabalho ou às compras nesse veículo, da mesma forma como as crianças utilizam-no para ir à mercearia e à escola. Os idosos vão à casa de parentes e, muitas vezes, os pais levam as crianças menores na garupa da bicicleta (Ilustração 12).

No universo da rua, há espaços públicos e privados, mas há também espaços cujos usos misturam-se em determinadas horas do dia. Os lotes desocupados são

utilizados, muitas vezes, para a realização de trabalhos, como no caso em que encontramos dois moradores cozinhando ostras e descascando-as. Também são usados como estacionamento para os clientes dos bares (Ilustração 10, foto 5) ou ainda quando se reúnem para uma conversa, como, por exemplo, no caso do banco de tronco mencionado anteriormente.

Há dois pequenos estabelecimentos comerciais muito antigos que se intitulam “bar e mercearia”. Neles, parece existir uma espécie de código de ética vigente que faz com que um não tenha para vender (exceto a bebida) o que o outro tem. São estabelecimentos muito próximos, sendo um deles herdado de pai para filho. Num desses estabelecimentos, o filho, com 22 anos, não muda as características do bar – é tudo bem à maneira antiga, sem profissionalização. O pai, ainda vivo, fica sentado no bar observando ou às vezes participando como cliente em conversas. O bar vende bebida alcoólica, normalmente à tardinha ou à noite, alguns gêneros alimentícios não perecíveis e também é possível fazer apostas de jogo de azar (Ilustração 16).

O outro estabelecimento comercial, também bar e mercearia, é de propriedade do senhor Osni (Ilustração 15 a esquerda e 16 a direita), homem de uns 63 anos. Este senhor gosta de uma “boa conversa” e contribuiu com o seu relato para a pesquisa. No bar há refrigerantes, pães, margarinas, linguiças, etc., e de vez em quando ele prepara um churrasco para servir a “uma turma que vem jogar canastra nos fins de semana”, como diz. Este bar possui também uma mesa de sinuca. O senhor Osni faz o papel de mediador com a sua clientela e gosta de mostrar o mural de fotos antigas do bar, da época em que o comprou. Ele conta que, quando o antigo morador da família Trüppel, de origem alemã, freqüentava o seu bar, essa pessoa não gostava que negros freqüentassem também o mesmo espaço. O senhor Osni, então, interveio, apaziguando a discussão. Hoje, o senhor Osni está com o seu estabelecimento à venda e diz que gostaria de ir para as suas terras no sítio para plantar. Os filhos, segundo ele, não se interessam pelo seu comércio.



Ilustração 15. Foto do Bar do Sr. Osni e banco para conversas: lugares de convívio.

FONTE: Acervo do autor (abril de 2007).

Os estabelecimentos comerciais reúnem algumas pessoas que ali vão pela conversa, ou na condição de clientes, entretanto o que se percebe é que as coisas se misturam como mostra a ilustração 15.

Os homens são vistos passando de bicicleta ou fazendo algum serviço em frente a casa, tais como pequenas obras na casa ou ainda a lavação do carro. Em geral, chegam a sua casa ao entardecer e reúnem-se no bar nos fins de semana, local para relaxar, beber e conversar (Ilustração 15). Há também homens que nos sábados e domingos passeiam com o passarinho na gaiola (Ilustração 19, foto 4). Alguns deles são vistos sentados conversando à sombra das árvores pela manhã, ou à tarde em frente as suas casas.

Quase não se observam homens envolvidos com tarefas da casa, como comprar um mantimento que falta para o almoço, por exemplo. Para essa tarefa, é costume envolver as crianças, talvez porque os homens estejam trabalhando nessa hora, mas mesmo nos fins de semana esse não é um comportamento comum, exceto quando se trata de um churrasco.

As tarefas dos homens na rua são os pequenos serviços de pedreiro, executados na própria casa, ou a lavação do carro aos sábados e domingos. O lazer pode ser um passeio com o passarinho (Ilustração 19, foto 4), a pescaria de final de semana (ressalta-se que existem os que praticam a maricultura profissionalmente), um jogo de futebol ou uma reunião no bar com uma “bebidinha” e uma “conversa de homem” (Ilustração 15). Aos homens, é atribuído o provimento do lar, e o lazer é uma espécie de compensação “sagrada” que eles estabelecem para si. Há eventualmente a reunião em casa ou no bar “para um churrasco e bebida”. Esse tipo

de reunião costuma ser animada e sempre envolve a família de moradores e o dono do bar, pois o churrasco só é feito quando solicitam o preparo ao dono.



Ilustração 16. Fotos de dois estabelecimentos comerciais do trecho da rua Assis Brasil.

FONTE: Acervo do autor (abril de 2007).

As mulheres estão sempre ocupadas com as tarefas da casa, varrendo, limpando, cozinhando ou cuidando dos filhos (Ilustração 11, fotos 2, 5 e 14 e Ilustração 17). O lazer delas costuma ser uma conversa no portão de casa ou na volta das compras. Poucas trabalham fora, e algumas se envolvem com vendas domésticas. As crianças são vistas indo e voltando da mercearia, comprando algum mantimento para o almoço ou brincando. As brincadeiras acontecem na rua (Ilustração 19, Fotos 6, 8, 10 e 14 e Ilustração 18 a esq) ou em uma área aterrada atrás de algumas casas (Ilustração 19, fotos 9 e 13 e Ilustração 18, direita).

Os idosos costumam caminhar na rua perseguindo o sol no inverno ou aproveitando a sombra no verão, conversando com os vizinhos (Ilustração 19, foto 1).

O trecho analisado da rua é também freqüentado por mulheres e homens que moram em outros trechos ou até em outros bairros, estando sempre envolvidos na prática de caminhada ou corrida, conforme mostra a Ilustração 17, direita e Ilustração 19, foto 7.



Ilustração 17. Fotos de mulher varrendo a calçada e conversando e mulheres caminhando.

FONTE: Acervo do autor (abril de 2007).



Ilustração 18. Fotos de crianças brincando na rua e na área aterrada.

FONTE: Acervo do autor (abril de 2007).



Foto 1: banco "do senhor Juca" - um tronco que ele colocou a frente de sua casa, onde passa horas conversando com parentes e amigos. Foto da autora, 2007.



Foto 2: família reunida no quintal. Muro baixo a frente da moradia. Foto da autora, 2007.



Foto 3: homem levando animais para pastagem. Foto da autora, 2007.

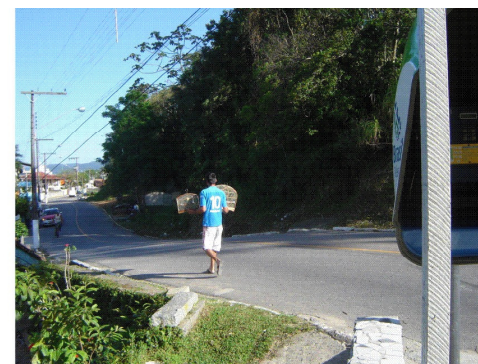


Foto 4: homem caminhando com passarinhos na gaiola no fim de semana. Foto da autora, 2007.



Foto 5: mãe caminhando com os filhos na via de rolamento. Foto da autora, 2007.



Foto 6: crianças brincando na via de rolamento. Foto da autora, 2007.



Foto 7: crianças brincando no passeio e mulher caminhando na via de rolamento. Foto da autora, 2007.



Foto 8: crianças brincando na frente de casa. Foto da autora, 2007.



Foto 9: área aterrada apropriada pela comunidade local e vizinha para brincadeiras e para o futebol. Foto da autora, 2007.



Foto 10: menino na frente de casa(muito próximo a via de rolamento) sob o olhar da mãe. Foto da autora, 2007.



Foto 11: costume local - muita gente reunida em frente a casa de uma antiga moradora. Foto da autora, 2007.



Foto 12: pai levando os filhos para passear na via de rolamento. Foto da autora, 2007.



Foto 13: família pescando na foz do rio Maruim. Foto da autora, 2007.



Foto 14: mulher com os filhos no passeio. Foto da autora, 2007.



Foto 15: momento de lazer - homens reunidos no bar para uma conversa e uma cervejinha. Foto da autora, 2007.

Ilustração 19. Observações comportamentais da rua Assis Brasil.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

Apropriação de Espaços Públicos: estudo da rua Assis Brasil - 2008.

3.5.1.3 Registro Visual – Dimensão Física

Muitas casas estão construídas em áreas de risco, próximas ao rio, em lotes bem reduzidos. As edificações possuem muito pouco recuo em relação à rua, e em maré-cheia a água chega embaixo da casa. Nesse lado e nesse trecho da rua havia poucas edificações há trinta anos, pois antigamente a água do rio chegava até a margem da rua. A foz do rio era mais funda e hoje é açoreada, o que talvez tenha causado o alargamento.

Grande parte das edificações são de pequeno porte, possuem aberturas voltadas para a rua e apresentam muros baixos ou grades. As edificações de porte maior, em lotes com maior profundidade, possuem muros mais altos conforme mostra a Ilustração 17.

Em ambos os lados da rua, há trechos do passeio sem pavimentação, e o mato obriga as pessoas a utilizarem a via de rolamento para passar (Ilustração 21). A largura dos passeios é bastante irregular, variando de trinta centímetros a um metro e cinquenta centímetros. Isso talvez seja devido à evolução do lugar, sem planejamento. Tratava-se de um caminho de boi que, com o tempo, foi sendo alargado até chegar a passar ônibus. Esse caminho hoje possui pavimentação de asfalto, como mostrado na Ilustração 20.



Ilustração 20. Fotos do trecho do passeio sem pavimentação, porém com largura razoável e edificação (autoconstruída) sem recuo.

FONTE: Acervo do autor (abril de 2007).



Ilustração 21. Fotos da falta de pavimentação - barreiras arquitetônicas nos passeios ao longo da rua.

FONTE: Acervo do autor (abril de 2007).

No extremo do trecho, há edifícios com a frente para outra rua, ficando uma parede cega voltada para a Assis Brasil, o que faz com que caia o seu potencial de apropriação (Ilustração 22).



Ilustração 22. Fotos do muro alto e parede cega.

FONTE: Acervo do autor (abril de 2007).

3.5.2 Entrevistas abertas – relatos – Dimensão de percepção

Os relatos foram ouvidos de cinco pessoas que moram há mais de trinta anos na rua Assis Brasil. O entrevistador inicia a conversa com pergunta ao morador de

como era a rua quando ele ainda era criança e quais foram as principais mudanças que ocorreram.

a) Observações positivas ou negativas: os entrevistados mencionaram como positivos no lugar a segurança, o silêncio e a tranquilidade, ainda que com certas mudanças ocorridas nos últimos vinte anos, pois o movimento dos bares e de uma casa noturna existente em outro trecho da rua alterou drasticamente essa característica durante a madrugada.

Quanto à infra-estrutura, os moradores mais antigos também se mostram satisfeitos com o capeamento da rua, que a princípio era de chão batido, destinada apenas à passagem de carros de boi e carroças. Primeiro a rua recebeu calçamento e hoje é de asfalto.

Esses moradores mostraram que o lugar teve grande melhoria no que se refere à acessibilidade, pois conhecem a rua desde que apresentava a metade da largura e não contava com transporte público, conforme relata Dona Maria de Lurdes: “Antigamente ele (marido dela) tinha que me levar na outra rua para pegar um ônibus, hoje temos ônibus passando pelo menos de hora em hora”.

A energia elétrica é relativamente recente, pois há trinta anos não havia esse recurso. Quanto à iluminação pública, os moradores estão satisfeitos, pois hoje contam com iluminação de mercúrio. O abastecimento de água encanada (o sistema de água é de aproximadamente 25/30 anos) é criticado, pois a companhia de água tem problemas para abastecer as residências que estão no alto do morro, motivo pelo qual aumenta a pressão, ocasionando freqüentes rompimentos na rede ao longo da rua, que é bem baixa.

Os entrevistados ressaltam que a rua deveria contar com a coleta de esgoto, uma questão relacionada diretamente com a poluição das águas do rio e do mar, o que reflete na profissão que muitos se envolviam e também com o lazer.

b) Observações ligadas a lembranças individuais ou de interação social: segundo os relatos dos entrevistados, há fortes lembranças individuais do lugar, como visitas à casa de avós, brincadeiras de criança e o próprio trabalho na praia. A interação social, que já foi mais intensa do que é hoje, segundo eles, revela também que o que se observa na relação entre os vizinhos são comportamentos ligados à cultura e à identidade desses moradores.

c) Observações caracterizadas por gênero: neste aspecto, revelam comportamentos bem distintos para o morador e para a moradora. Os homens,

moradores mais antigos, ainda conservam hábitos que costumavam ter antigamente, tais como a pescaria, a conversa no bar com outros homens, enquanto a mulher ocupa-se das coisas da casa e dos filhos. Algumas se interessam por participar de grupos da igreja, em que ajudam as crianças e se juntam a outros idosos para conversar com seus contemporâneos. Deixam claro que antigamente era melhor, porque conheciam todas as pessoas da rua.

d) Observações ligadas a mudanças ocorridas na rua ou no bairro: conforme mencionado, os moradores citaram que a rua era inicialmente um caminho para carros de boi e que as primeiras mudanças foram o alargamento e o capeamento da rua. Isso trouxe benefício ao acesso a outros lugares de ônibus, pois a pouca largura impedia que os ônibus passassem por ali. O rio também seguia um curso diferente, chegando até a rua em muitos trechos.

O lugar era caracterizado por muitas olarias, em que se faziam objetos utilitários domésticos. Havia casas de fornos de cal de conchas, que era utilizada na construção.

Segundo os relatos, havia poucas moradias, e as famílias eram numerosas. Os hábitos eram muito ligados ao mar e hoje, com a intensa poluição, já não ocorre do mesmo jeito.

Os moradores afirmaram que se cultivava também a terra da encosta, criavam-se animais e que não havia uma preocupação com a preservação da encosta. A água que brotava dali era mais abundante, e existiam bicas ao longo da rua, o que hoje é canalizado por baixo da estrada.

e) Valores mais comuns: relações de amizade entre familiares e vizinhos. O mar também se apresenta como um grande valor, tendo relação com o fato de ter sido fonte de abastecimento e fonte de prazer, porém diminuído devido à poluição. A tranquilidade do lugar também aparece como um valor importante para os moradores.

f) Relação de interação entre grupos de vizinhos: os moradores mais antigos preservam as relações de interação entre os vizinhos, principalmente os mais antigos. Com os vizinhos mais novos, percebe-se que não se sentem muito à vontade, porém mostram-se dispostos e cordiais para com novas amizades.

3.5.3 Entrevistas semi-estruturadas - Dimensão de Percepção

Foram aplicadas treze entrevistas aos moradores contendo nove dados pessoais, um mapa mental e quatorze perguntas diretas.

a) Dados pessoais: por meio dos dados pessoais (Apêndice C) levantados foi possível verificar que a amostra é 80% composta de mulheres, das quais 60% são adultas. Desse grupo, 30% são mulheres jovens. A naturalidade é bastante diversa, formada por pessoas na maioria provenientes de São José (40%), sendo as outras oriundas de vários lugares do Estado de Santa Catarina e ainda uma moradora de São Paulo. O nível de escolaridade da maioria dos entrevistados é bastante baixo: 60% concluíram apenas o ensino fundamental, e 40% sequer finalizaram essa etapa da vida escolar. As mulheres são mães, e mais de 60% não trabalham fora para cuidar da casa e dos filhos – a profissão predominante entre a maioria das mulheres é, portanto, do lar. Dos que trabalham fora, 40% têm o local de trabalho perto de casa ou no município vizinho. Quase 80% dos moradores moram no bairro há mais de quinze anos. É costume de muitos entrevistados se deslocarem a pé (45%), e quando vão a outro bairro mais longe, utilizam o transporte público.

b) Mapas mentais: os mapas mentais (Apêndice D) apresentaram-se como uma ferramenta um tanto limitada na pesquisa devido à baixa escolaridade do grupo, que se mostrou pouco à vontade com lápis e papel. Os moradores demonstraram preocupação com o que se queria do desenho, ficando um pouco apreensivos com a tarefa mesmo após o entrevistador explicar que fizessem o que lhes viesse à mente. Muitos desenhavam rápido, parecendo desejar livrar-se logo da tarefa. Essa dificuldade não permitiu fluência em muitas representações.

Alguns iniciaram o desenho do mapa pela linha do meio-fio da rua, passando depois aos outros elementos à sua volta. A maioria dos mapas, apesar de pobres em elementos, consegue expressar subidas e descidas, assim como curvas características do traçado da rua. Pôde-se constatar que boa parte dos moradores desenhou um mapa que apresenta o trecho próximo à casa de cada um deles, revelando talvez o seu dia-a-dia, como o costume de ficar em casa, por exemplo. Os dois mapas dos treze totais que apresentaram a rua inteira foram desenhados por homens cujo cotidiano é sair de casa para o trabalho, o que já não acontece com as mulheres do lar. Esses mapas mostraram ter bem definidos os limites da rua por

meio de pontos de referência que aparecem também na resposta à pergunta direta sobre esses limites.

Alguns moradores desenharam a pequena praia próxima, e em quase todos os mapas aparecem as águas do rio ou do mar, o que demonstra uma forte ligação dessas pessoas com tais elementos. Observou-se que uma entrevistada que mora à beira da foz do rio não representou os fundos da casa, tampouco o rio. Quando perguntada sobre a ausência dele em seu desenho, responde que essa paisagem não tem mais nenhum atrativo, pois a poluição do rio é grande.

A vegetação também aparece de maneira relevante nos mapas de muitas pessoas. Um morador (mapa mental 10) que se sentiu mais à vontade com esse instrumento mostrou forte ligação com o lugar desenhando ricos elementos, que, segundo ele, partem de lembranças da infância, como os barcos e a vegetação.

Os elementos apresentados no mapa e também a forma (mesmo que pobre em elementos) parecem revelar que o lugar possui forte imaginabilidade pela geografia.

O costão recortado e banhado pelas águas do mar e do rio é representado em alguns mapas, porém não foi representada a cadeia de montanhas e ilhas que são vista panorâmica para os moradores. Esse resultado pode revelar que tais elementos não são importantes ou que nos julgamentos dessas pessoas não fazem parte da rua.

Algumas moradoras, quando solicitadas para desenhar o mapa, concluem que os mapas referem-se a aspectos que querem melhorar na rua. Essas mulheres, então, mostram que vêem a rua apenas como passagem de carros e pedestres. Contudo, trata-se justamente de pessoas que, conforme observado, utilizam a rua muito mais do que apenas como passagem, já que essas senhoras são vistas em muitas ocasiões conversando em diversos pontos e, por vezes, sentadas, trabalhando, como é o caso da moradora que vende bilhetes de jogos. Essas moradoras apresentaram poucos elementos em seus desenhos, porém fizeram questão de enfatizar no mapa um problema comum da rua – os buracos ou remendos do asfalto feitos pela companhia de água da cidade devido a constantes problemas de vazamento. Desenharam também o passeio sem continuidade, mostrando os incômodos diários que isso causa. Outra moradora mostra um problema pessoal em seu mapa, que é a falta de acesso à sua casa. A casa situa-se à beira da foz do rio, atrás de outras voltadas para a rua. A moradora ressalta que o

acesso à casa dela ficou prejudicado devido a invasões de outros moradores nas passagens (servidões) que conduzem à praia (os moradores invadem o espaço destinado às servidões de acesso à praia, incorporando esse pedaço ao seu lote). Atualmente esta moradora chega à sua casa passando pela propriedade de vizinhos. Em seu mapa também aparece o lixo que é trazido pelas águas do rio, talvez demonstrando desconforto com relação a essa situação.

Uma antiga moradora de sessenta anos de idade não desenhou o mapa por apresentar deficiência visual, motivo pelo qual o mapa mental foi feito verbalmente. Ela lembra da rua com calçamento e depois já asfaltada, o que para ela representa certa modernidade no bairro. Recorda-se da época das olarias, quando enxergava, dizendo que “houve época com mais de vinte olarias no bairro”. Lembra-se também do presépio vivo que havia na entrada da rua. Ela faz questão de dizer que se sente muito bem com a vizinhança.

c) Resultados das perguntas diretas - Dimensão de Percepção: pela dificuldade apresentada com o desenho dos mapas mentais, este instrumento mostrou-se mais adequado no caso específico desta pesquisa. O rol de 14 perguntas permitiu verificar a percepção dos moradores sobre assuntos diversos relativos à qualidade de vida e relacioná-los à maneira como eles usam a rua. Das 14 perguntas, determinamos dois grupos:

a) qualidades da rua, ligação com o lugar, imageabilidade, clareza de limites e insatisfações.



Ilustração 23. Gráfico das qualidades da rua

Analisando-se o gráfico acima, constata-se uma gama de respostas bem diferentes, e por isso percebe-se que os moradores podem não ter idéia do que se quer com a pesquisa ou simplesmente não pararam para pensar no assunto, que os pegou de surpresa. O maior número de respostas foi “não tem nada de bom”, porém outros responderam que o que tinha de mais positivo era o mar. Aparecem respostas relacionadas ao convívio e também à infra-estrutura, como a iluminação pública e o asfalto. Talvez isso signifique que os moradores entendam a “rua” só como a via de rolamento ou a via de rolamento e o passeio.

Entretanto, é possível verificar por meio das respostas a ligação das pessoas com o mar, com os vizinhos e com a paisagem. Apesar do número de respostas diferentes que foi apresentado, pôde-se perceber traços de identidade cultural e social.

Quando os moradores apontam em suas respostas a iluminação pública, o asfalto, a tranqüilidade, o sossego, o isolamento, a paisagem, a área verde e a água natural, demonstram preocupação com a infra-estrutura, a valorização da paisagem e a tranqüilidade do lugar, assim como singularidades como o acesso à água natural. No conjunto de respostas para a pergunta um, seria prematuro afirmar que existe forte ligação com o lugar, porém há alguns indícios.



Ilustração 24. Gráfico da descrição física da rua.

Respostas à pergunta dois: as respostas sobre a descrição física mostram também uma grande variação considerando a diferença de percepção entre os entrevistados: rua movimentada, lugar bom, rua com duas saídas, rua barulhenta, tem um lado bom e outro ruim, tem asfalto, não tem calçada, não tem parque, é uma geral próxima à praia, há rio e mar, não há coleta de esgoto, é um bairro nobre

segundo a história do lugar, não há estrutura, é calma, tem crianças jogando bola, tem movimento de carros, tem olarias, dois bares e mercearia e tem hoje uma loja de vidros. Essas respostas mostram que o lugar possui um panorama rico em elementos, o que facilita a apreensão da imagem na estrutura do mapa cognitivo.

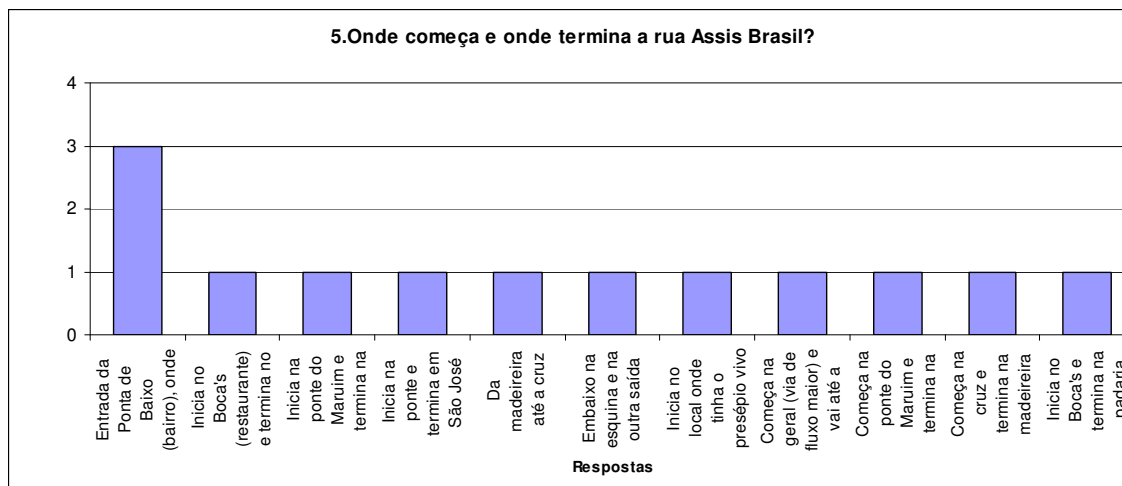


Ilustração 25. Gráfico de onde começa e onde termina a rua Assis Brasil.

As respostas à pergunta cinco também evidenciam uma grande variação nos pontos que limitam a rua. Contudo, apesar da imprecisão, esses pontos são todos muito próximos, demonstrando que o conjunto deles pode ser visto como limite pelos moradores. Os pontos citados parecem ter relação com o cotidiano dessas pessoas, porém algumas respostas têm relação com lembranças passadas, como “o presépio vivo”, que já não existe há mais de vinte anos. Cabe ressaltar que os limites considerados por Lynch, são elementos lineares de uma cidade e precisam de uma adaptação no que se refere a aplicação na rua. A rua já sendo um elemento linear não apresentou elementos lineares e sim marcos e nós representativos delimitadores. Pode-se perceber que a encosta e a água são os elementos lineares do lugar, mas não da rua pelos moradores, ao menos o que entenderam por rua na pesquisa. Outra questão é a maneira como foi formulada a pergunta não possibilitando que fizessem limites lineares.



Ilustração 26. Gráfico do que gostaria de mudar na rua.

Para a pergunta “O que gostaria de mudar na sua rua?”, aparecem respostas que apontam preocupação com diversas questões que revelam a dimensão de percepção desses moradores. A questão ambiental é mostrada em algumas respostas, como, por exemplo, quando os moradores fazem referência à coleta de lixo, que julgam ineficiente, já que não se recolhe o lixo à beira do rio. Também em outras respostas, os moradores desejam a despoluição do rio Maruim e do mar ou que houvesse coleta de esgoto e que a mata fosse preservada. Há também desconforto em relação ao barulho mostrado na resposta: diminuição da poluição sonora na madrugada.

As respostas sobre infra-estrutura foram: calçadas melhores e solução definitiva dos problemas na rede de abastecimento de água, que, segundo eles, são freqüentes. Também demonstram insatisfação com a falta de diversidade de uso dos espaços, mostrada nas respostas que gostariam que tivesse mercado, açougue, posto de saúde, padaria e farmácia, creche e parque para as crianças.

Uma moradora denuncia a ocupação da servidão de acesso à praia por moradores (já enfatizada no mapa mental.)

Um outro morador diz que gostaria que fechassem o Cantuária (grande choperia existente cerca de um quilômetro desse trecho). Explica que muitos falam que os marginais que atuam nas proximidades da casa noturna são moradores desse trecho que possui aparência pobre.

Uma das moradoras responde algo relacionado ao convívio social, dizendo que gostaria que todos se dessem bem.

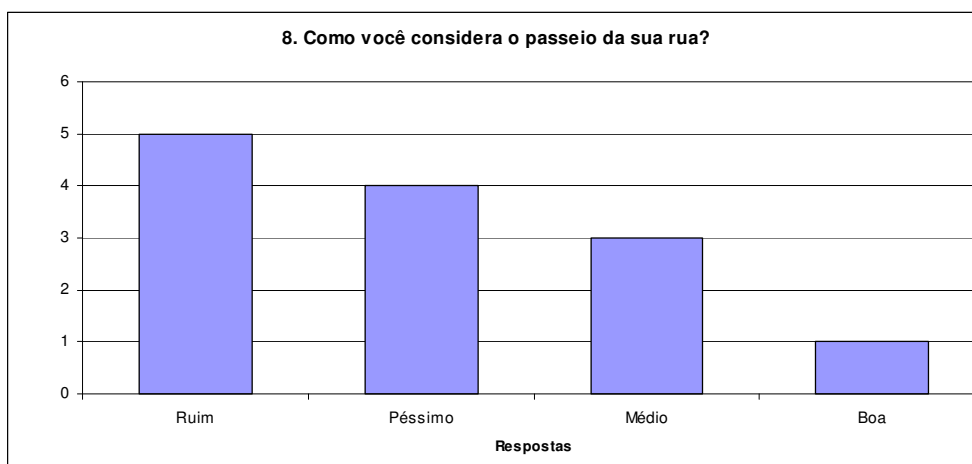


Ilustração 27. Gráfico de como considera o passeio da rua.

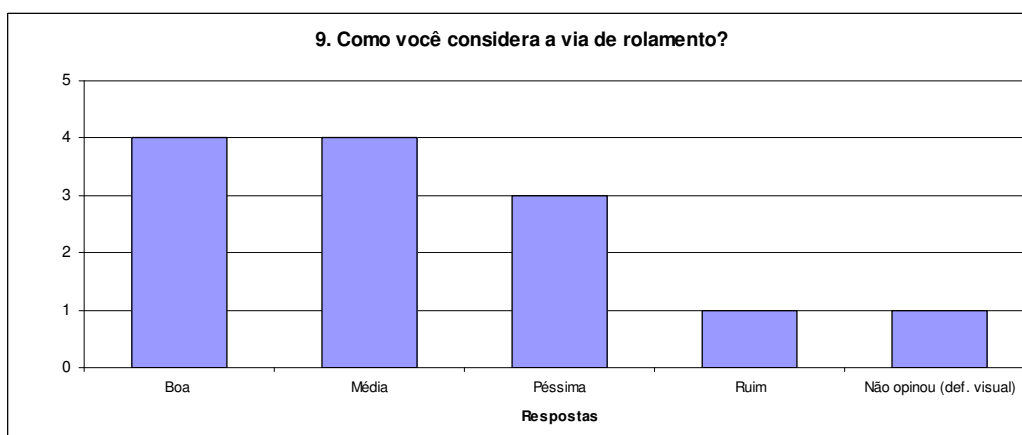


Ilustração 28. Gráfico de como considera a via de rolamento.

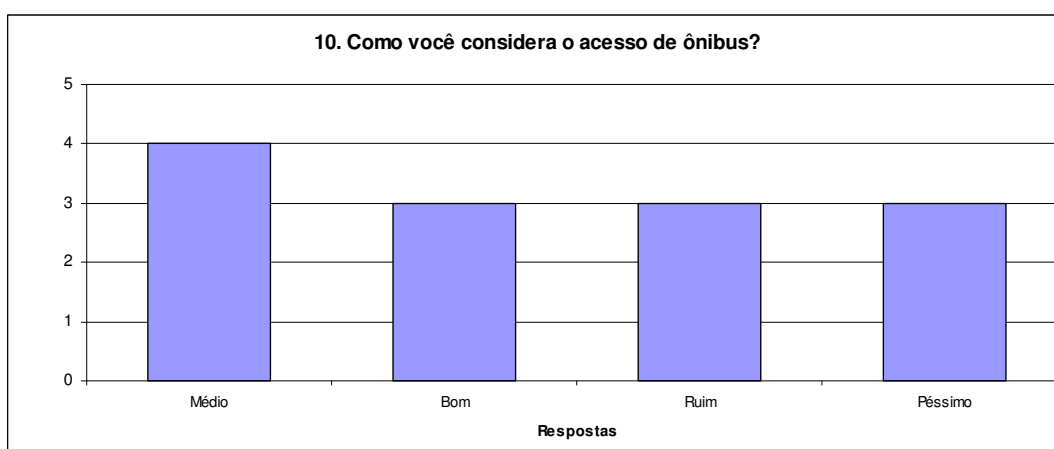


Ilustração 29. Gráfico de como considera o acesso de ônibus.

As perguntas oito, nove e dez se referem às qualidades da rua, que abrangem calçadas, via de rolamento e acesso ao transporte público. Analisando-se os gráficos, percebe-se grande insatisfação em relação às calçadas, mas, em compensação, os moradores estão satisfeitos com a via de rolamento. Cabe ressaltar que a maioria das pessoas entrevistadas não dirige, logo se referem à via não como usuários de automóvel, mas como pedestres e moradores com impressões sobre esses usuários. No que diz respeito ao acesso a ônibus, demonstram relativa satisfação.

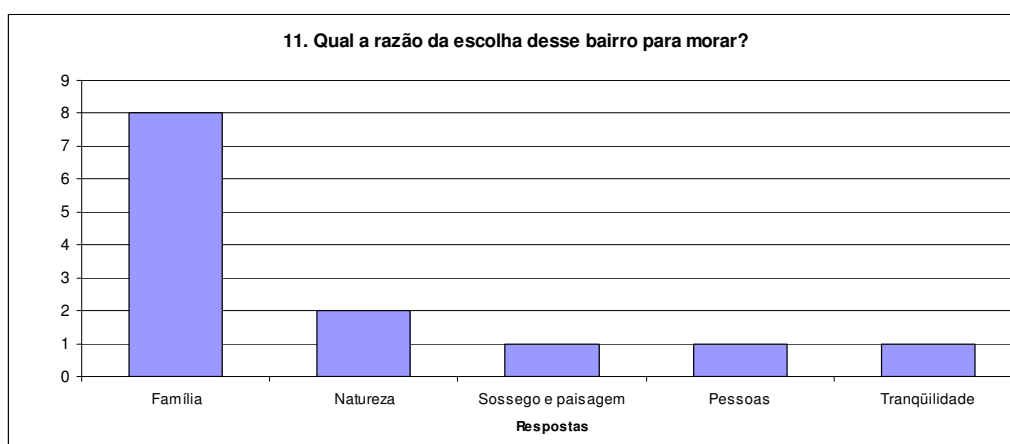


Ilustração 30. Gráfico quanto a razão da escolha do bairro para morar.

A pergunta onze foi feita com o intuito de checar a ligação com o lugar e o grau de satisfação em relação às expectativas anteriores à vinda ao bairro. Pôde-se perceber, por meio de outras perguntas, alguma ligação com o lugar, mas as respostas podem demonstrar que a maioria veio morar nessa rua por causa da família, não sendo uma escolha pelas qualidades que a rua apresenta. Entretanto, percebe-se forte indício de que a ligação que esses moradores possuem com o lugar esteja relacionada ao fato de residirem há muitos anos e de possuírem muitas e boas experiências nesse ambiente. Como aconteceu nas respostas às perguntas um e dois sobre a descrição e as qualidades da rua, na pergunta onze os moradores responderam que a tranquilidade e a paisagem são características que eles ressaltam.

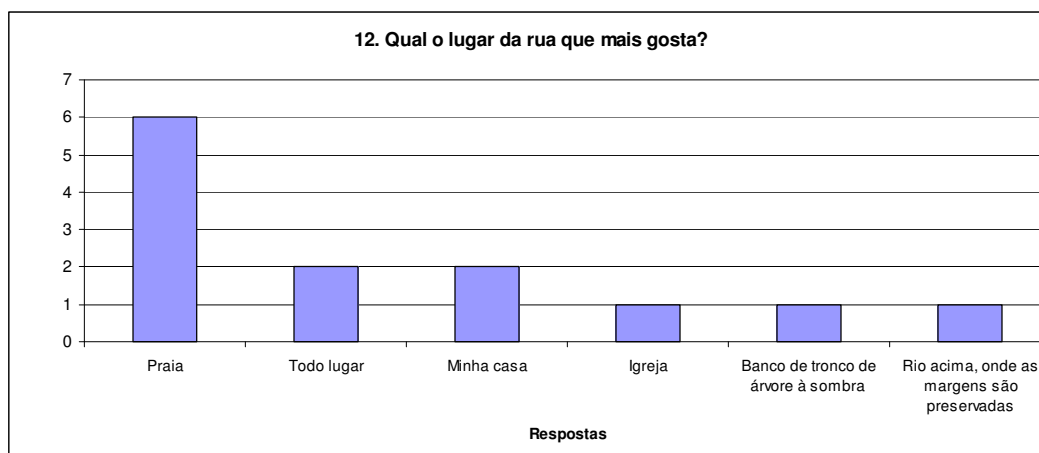


Ilustração 31. Gráfico quanto ao lugar da rua que mais gosta.

Analisando-se as respostas à pergunta doze, percebe-se a ligação dessas pessoas com o lugar, o que é mostrado em respostas como praia, todo lugar ou minha casa. Essa mesma ligação também está associada à preservação da mata existente por meio de respostas como rio acima, onde as margens encontram-se preservadas.

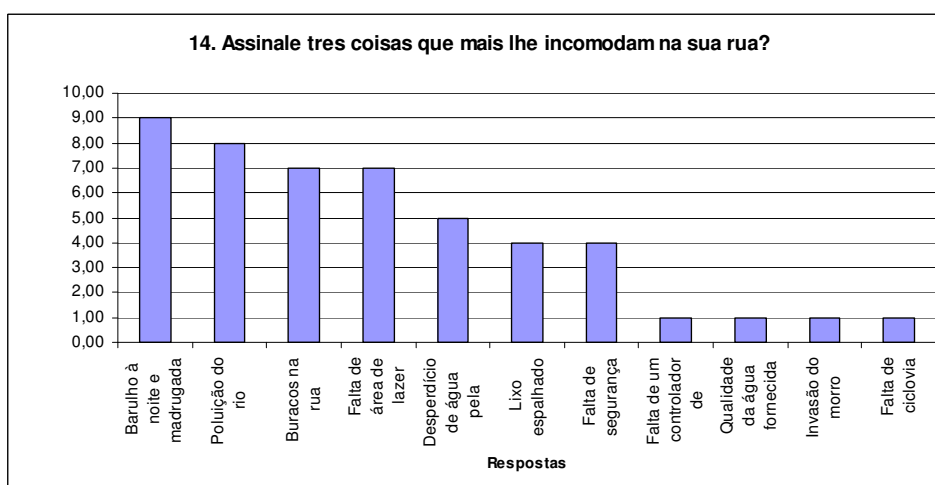


Ilustração 32. Gráfico quanto às coisas que mais incomoda na rua.

Nesta pergunta, os moradores puderam assinalar questões que lhes incomodavam. Analisando-se o conjunto de respostas, nota-se a valorização da tranquilidade do lugar, citada por meio das respostas como barulho à noite e de madrugada. Percebe-se que a poluição do rio e do mar é o que mais incomoda oito moradores entrevistados.

Os moradores também mostraram insatisfação quanto a freqüentes consertos na rede de abastecimento de água, o que danifica a pavimentação do asfalto. O desperdício de água pela companhia de abastecimento apareceu cinco vezes nas respostas e é relacionado a qualidade do serviço dessa companhia. A falta de uma área de lazer parece incomodar os moradores, com sete citações nas respostas. O lixo espalhado e a falta de segurança são ressaltados quatro vezes, e a velocidade dos automóveis, a qualidade da água, as invasões do morro e a falta de ciclovias aparecem uma vez no conjunto de pessoas entrevistadas.

b) Hábitos, interação social, contato humano.



Ilustração 33. Gráfico quanto a frequência que costuma sair de casa para a rua.

Quando indagados sobre a freqüência com que iam à rua (pergunta três), as respostas foram: duas, três e quatro vezes por dia. Contudo, uma moradora respondeu que saía dez vezes por dia, e quatro moradores disseram que não sabiam precisar quanto, pois saíam várias vezes ao dia. Essas respostas demonstram o hábito dessas pessoas de sair de casa para a rua frequentemente.

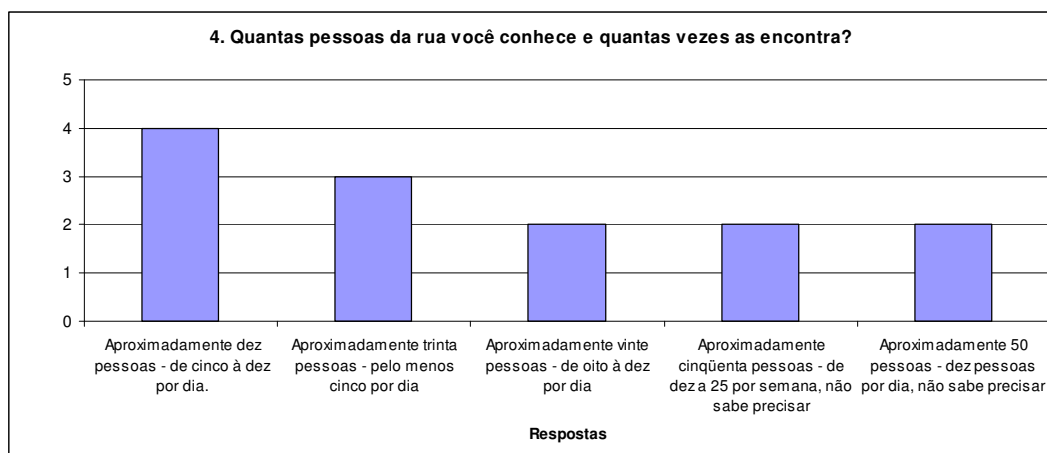


Ilustração 34. Gráfico quanto ao número de pessoas da rua conhecidas e o número de vezes que as encontra.

Quanto ao número de pessoas da rua que os entrevistados conhecem (pergunta cinco) e com que frequência costumam se ver, quatro moradores responderam que conhecem umas dez pessoas e que se vêem de cinco a dez vezes por dia aproximadamente. Três moradores afirmaram conhecer cerca de vinte pessoas e que se encontram de cinco a dez vezes por dia. Dois moradores disseram conhecer aproximadamente trinta pessoas, encontrando-as de oito a dez vezes durante o dia. Duas moradoras declararam conhecer aproximadamente cinquenta pessoas da rua, das quais encontram dez por dia, em média.

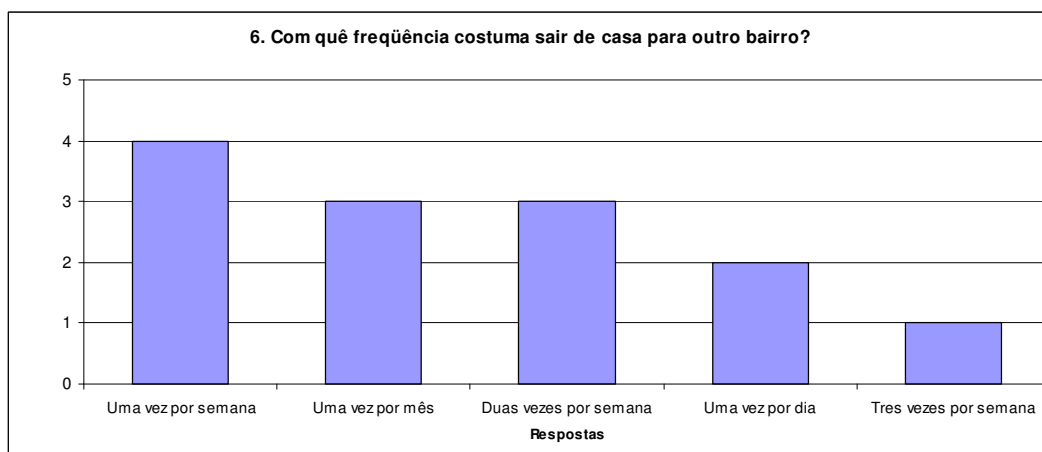


Ilustração 35. Gráfico quanto a frequência que costuma sair de casa para outro bairro.

Quanto à frequência com que os moradores saem de casa para outro bairro (pergunta seis), o conjunto de respostas mostrou grande variação: uma vez por dia, duas e três vezes por semana e uma vez por mês.

Cabe salientar que o bairro faz limite com o município de Palhoça, tendo, portanto, um grande comércio próximo, o que facilita às compras a pé. Entretanto, o objetivo desta pergunta é verificar o potencial para o contato humano que as saídas de casa podem proporcionar, além de revelar aspectos de acessibilidade do lugar.



Ilustração 36. Gráfico quanto a atividade que o/a traz à rua.

Quando indagados sobre as atividades que os trazem à rua, três entrevistados responderam ser o trabalho; dois responderam ser apenas circulação; quatro moradoras responderam conversar com as pessoas, e dessas quatro, duas mencionaram também contemplar a natureza; um morador respondeu ser circulação e trabalho; outro, circulação e compras; outro respondeu caminhada e conversa com as pessoas; e um morador respondeu circulação, trabalho e compras. Percebemos novamente a importância da rua na interação social desses moradores.

Esse agrupamento de respostas deve-se ao caráter de interação social das perguntas. As de número três e quatro permitiram obter informações sobre o relacionamento entre os vizinhos, ou seja, sobre a interação social. Nessas respostas, percebe-se o hábito da visita, já que os moradores disseram sair para a rua de duas a quatro vezes por dia.

As respostas à pergunta seis foram reunidas à três e quatro por mostrar hábitos que revelam o potencial de contato humano da rua. As respostas à pergunta treze mostram que, para a maioria dos moradores, a rua é utilizada para o trabalho, mas também para conversar com as pessoas, contemplar a natureza local, ir às compras ou uma mescla dessas atividades.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O bairro Ponta de Baixo é para São José e para os municípios vizinhos um local de beleza cênica, pois possui uma pequena praia com duas ilhas e uma grande montanha ao fundo. Essa característica, aliada à instalação de alguns restaurantes, fez com que a área ficasse conhecida como um pequeno centro gastronômico ou de bares à beira-mar, relacionando a sua lembrança a um lugar aprazível. A praia, hoje imprópria para banho, e a areia, na maioria das vezes suja de garrafas trazidas pelos freqüentadores dos bares, já foram pano de fundo de um pequeno balneário, em que se reuniam muitas pessoas que vinham passar férias e fins de semana.

São José e o bairro Ponta de Baixo possuem uma significância histórica para a região devido ao legado cultural como núcleo da colonização européia, principalmente açoriana e alemã, que ali se fixou inicialmente, indo até a nascente do rio Maruim, em São Pedro de Alcântara.

A rua Assis Brasil contorna o bairro Ponta de Baixo com algumas ruas secundárias, de traços mais residenciais. O trecho estudado possui característica diferenciada, o que levou à delimitação desta pesquisa. O estudo mostra que a população do trecho específico até bem pouco tempo era auto-suficiente devido a certo isolamento. Possuía características rurais e de pesca artesanal. Pode-se dizer que os habitantes do local tinham boa qualidade de vida, já que a natureza proporcionava-lhes quase tudo de que precisavam, e eles confeccionavam apenas o que lhes faltava, como moradias, barcos, móveis, carroças, louças, entre outros itens.

Hoje, com o crescimento das cidades vizinhas, não existe mais isolamento. Agora há algumas facilidades, mas também alguns inconvenientes para esses moradores, tão acostumados ao isolamento e à tranquilidade do seu lugar. O crescimento das cidades não contemplou esse trecho cuja população não está preparada para ingressar no novo mercado de trabalho. Nessa situação, o poder público não assume a sua função mediadora com políticas públicas que beneficiem esse grupo de pessoas.

Faltam planejamento e aplicações de leis urbanísticas que promovam áreas de periferia como esta (área de divisa entre São José e Palhoça), sendo negligenciados aspectos ambientais como a ocupação de áreas de risco e áreas

verdes. Os aspectos positivos provenientes das cidades não se fazem presentes nesse trecho, que assim é visto como fora do contexto. O bairro é conhecido como um lugar gostoso, bonito, porém sofre preconceitos até mesmo pelos que nele moram. Seus moradores, originais na região, por se sentirem discriminados, sabem que só podem contar com seus familiares e vizinhos pela forte ligação que estabelecem entre si, fato este evidenciado na pesquisa. Entretanto, no que diz respeito a alguns aspectos, os moradores mais antigos não percebem que poderia ser melhor. Uma intervenção técnica poderia contribuir com a qualidade de vida do grupo.

O conjunto de instrumentos utilizados mostrou-se satisfatório para que se pudesse fazer os levantamentos propostos. Cabe frisar que em separado esses instrumentos não são suficientes.

O mapeamento comportamental na rua demonstrou que ela é bastante utilizada por grupos de sexo e faixas etárias diferentes, e que há uma mescla de atividades em que os moradores se envolvem.

A entrevista aberta obteve dos moradores mais antigos um panorama das fortes e rápidas transformações ocorridas no bairro nos últimos quarenta anos e como eles percebem essas mudanças (Apêndice B).

Na entrevista semi-estruturada, as perguntas diretas foram adequadas para enfocar mais diretamente pontos específicos que abrangeram qualidades da rua, ligação com o lugar, imageabilidade, clareza de limites e insatisfações, bem como alguns hábitos, interação social e contato humano. A gama de assuntos abordados requereu a separação das perguntas e das respostas em dois grupos para uma melhor análise. Os assuntos abordados poderão ser aprofundados num segundo momento conforme indicado nas recomendações, considerando-se o tempo da pesquisa, que não permitiu fazer isso.

Apesar da boa síntese apresentada, evidenciando as águas do mar e do rio, o desenho do mapa mental da rua solicitado na entrevista semi-estruturada mostrou certa limitação devido à falta de familiarização dos moradores com lápis e papel. Talvez com a aplicação do mapa verbal pudéssemos apresentar melhores resultados no que se refere à riqueza de detalhes.

Durante a pesquisa, surgiram questões que merecem reflexões: o que é a rua para os moradores? É a via de rolamento? É a via de rolamento e os passeios? Ou é a via, os passeios e todo o entorno? Essas indagações vieram após as entrevistas

e a elaboração de mapas mentais que apresentavam grande variação nos elementos surgidos.

Cabe salientar também que, dependendo do entrosamento entre o entrevistador e o entrevistado, em algumas entrevistas os resultados eram de maior ou menor profundidade, o que depende da espontaneidade do momento criado e do tempo despendido. Essas questões são pertinentes à pesquisa qualitativa e merecem cuidado. Uma amostra maior demandaria mais tempo, mas, por outro lado, devido à experiência das primeiras, seria tecnicamente mais produtiva.

Conforme os instrumentos utilizados, percebe-se que as razões que justificam o uso da rua estão em primeiro lugar ligadas a fatores de identidade social e cultural bem como a outros fatores relacionados.

A interação é estabelecida entre os moradores de nível socioeconômico semelhante. O tempo de residência da maioria dos entrevistados é acima de quinze anos, e a maior parte deles é de origem açoriana, cuja atividade envolve a pesca e a confecção de louças de torno e, primitivamente, o trabalho nos fornos de cal de conchas. Os idosos gozam de grande respeito por parte da comunidade pelas atividades que exerceram na região e pelo interesse que possuem por seus descendentes e antigos vizinhos.

Muitos pertencem a grandes famílias que se instalaram originalmente na região, o que fez com que conhecessem várias pessoas da rua. Também o fato de muitos moradores não trabalharem fora proporciona um convívio constante entre os vizinhos.

Para esses moradores, a rua torna-se a chance de saber o que acontece no bairro ou na vizinhança próxima. Há muita afinidade entre os moradores, seja no trato das coisas da casa e dos filhos, seja no custo de vida.

Na dimensão física, contribuem para a apropriação, a imagem da paisagem natural. No verão, a sombra fresca os atrai para a rua, no inverno eles buscam o sol, pois as residências localizam-se atrás do morro por onde nasce o sol. Contribuem também para a apropriação dessa rua a proximidade das residências, que é uma característica da cidade informal, a via de rolamento estreita, com muitas aberturas voltadas para a rua e muros baixos, que criam um maior domínio visual, permanente controle e integração. O comércio é escasso mas diversificado e também atrai certo número de pessoas para a rua. Esses fatores colaboram na sustentabilidade sociocultural desses moradores, pois promovem sua integração.

A rua possui problemas de falta de espaço para o passeio ou passeios estreitos e descontínuos, porém há constantemente crianças brincando ora nos pequenos passeios, ora na via de rolamento. Essa negligência por parte do poder público já levou a atropelamentos. Existe negligência também no que se refere a lotes sem uso, já que não recebem tratamento como muros de contenção ou pavimentação nos passeios, havendo vegetação e pedras próximas ao meio-fio. Quando há longos períodos de chuva e vento na região, árvores caem em alguns pontos e obstruem a via de rolamento.

Algumas famílias apropriaram-se de uma área em frente a um lote vazio, onde são vistos sentados em um tronco conversando à sombra das árvores, como se pôde observar na Ilustração 15. Essa apropriação tem razões muito antigas, relacionadas à vida de alguns desses moradores, que, conforme relataram, moravam nesse local, perto de onde colocaram o banco e outros materiais. Porém disseram que chegaram pessoas que se apresentaram como donas desse lote, com documentos. Então, como esses moradores não possuíam documentos, cederam mudando suas residências para o lado do rio onde moram até hoje, enquanto o lote do lado do morro permanece desocupado.

Muitos jovens são vistos conversando sentados nos muros das residências, ocupando os passeios e a via de rolamento. Os idosos caminham na via de rolamento e conversam junto ao portão. Em alguns trechos do passeio, foram colocadas barreiras arquitetônicas pelos moradores (Ilustração 20), obrigando mais uma vez as pessoas a usarem a via de rolamento em suas caminhadas e corridas. A pequena largura da rua ainda prioriza os automóveis e não oferece espaço seguro para as bicicletas, tão utilizadas por esses moradores, gerando risco para os usuários.

O quadro evidenciado na pesquisa é o de que, por tradições socioculturais, os moradores apropriam-se de um espaço público – a rua – que, por suas limitações, coloca em risco a integridade física deles. Isso indica uma necessidade de revitalização dessa área, tornando-se urgentes algumas ações como: passeios mais largos e contínuos; delimitação de área para passagem de bicicletas; delimitação de espaços para estacionamento de automóveis (há lotes sem uso); redutor de velocidade para a pista de rolamento; criação de pequenas áreas de lazer devidamente equipadas; e aplicação da Lei do Estatuto da Cidade no que se refere a lotes desocupados dentro de áreas urbanas.

Assim, as razões e a compreensão da apropriação contribuem para o sentido de cidadania e sustentabilidade social urbana, e seu levantamento mostra-se imprescindível para a determinação de diretrizes para o planejamento urbano local, demonstrando o quanto o urbanismo possui responsabilidade social. A consulta à comunidade faz-se necessária, bem como a visão técnica associada permite proporcionar uma melhora na qualidade de vida dos cidadãos.

5 RECOMENDAÇÕES

Em trabalhos futuros, recomenda-se uma amostra maior com mais entrevistadores, pois a pesquisa qualitativa requer muita atenção e sensibilidade por parte do entrevistador. Recomenda-se ainda:

- isolar alguns dos aspectos do ambiente relacionado à apropriação, o qual foi levantado neste estudo, desdobrando-o para maior aprofundamento;
- estudar o trecho da rua no que se refere à qualidade ambiental, relacionando atributos como sons, cheiros, clima, temperatura e umidade do ar;
- estudar o trecho da rua no que diz respeito à paisagem, à mobilidade urbana e à sustentabilidade no âmbito dos instrumentos de ordenamento territorial;
- realizar estudos relacionando o ordenamento territorial com o desenvolvimento local;
- comparar o trecho estudado com outra rua cujos moradores tenham a mesma situação social; e
- relacionar ações e sugestões para a melhoria do ambiente desse trecho da rua no que se refere aos problemas encontrados nessa pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, C. **The city as a mechanism for sustaining human contacts**. Institute of Urban&Regional Development. University of California. Berkeley. WP N. 50, October 1966.

ARBIB, M. A. **The handbook of brain theory & neural networks**. Cambridge (MA): MIT Press, 1995.

AUGÉ, M. **Não-Lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.

BAILLY, A. **La Percepción del espacio urbano**. Madrid: I.E.A.L., 1979.

BRASIL. Presidência da República. **Lei 10.257, de 10 de julho de 2001**. Regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências. Brasília, D.O.U. 11 de julho de 2001.

BURSZTYN, M. (Coord.). **Ciência e tecnologia para o desenvolvimento sustentável**: subsídios à elaboração da agenda 21 brasileira. Brasília: MMA/IBAMA; Consórcio CDS/Unb - ABIPTI, 2000. 223 p. Disponível em: http://trtio1002.blogs.minas.gincanadomilenio.org.br/files/2007/10/caderno_do_professor_1.pdf. Acesso em: 12 jan. 2007.

CANTER, D.; STRINGER, P. **Interacción Ambiental**: aproximaciones psicológicas a. Madrid: Instituto de Estudios de Administración Local, 1978.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006.

COSTA, A. M. **Calçadão dos mascates**: promessas e desilusões de uma intervenção urbana, o olhar dos comerciantes informais. 2004. 143f. Dissertação. (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) - Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2004.

CREMONI, R. A. **Incidência de manigestações patológicas em unidades escolares na região de Porto Alegre**: recomendações para projeto, execução e

manutenção. 1998. 153f. Dissertação (mestrado) – Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - CPGEC/UFRGS. Porto Alegre, 1998.

CULLEN, G. **Townscape**. London: The Architectural Press, 1961.

CULLEN, G. **El paisaje urbano**: tratado de estética urbanística. Barcelona (Espanha): Blume, 1974.

CUNHA, R. D. **A. Os usos, funções e tratamentos das áreas de lazer da área central de Florianópolis**. Florianópolis, 2002. 361f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção). Universidade Federal de Santa Catarina.

DA MATA, R. **A casa & a rua**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DE WOLFE, I. The death and life of great American citizens. **Architectural Review**, (1963)133(792), 91-93.

DEL RIO, V. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. 5. ed. São Paulo: Pini, 1990.

DEL RIO, V. Cidade da mente, cidade real-percepção e revitalização do RJ. Percepção Ambiental. A experiência Brasileira. In: DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. (orgs.): **Percepção ambiental**: a experiência brasileira. São Paulo: Ed. Studio-Nobel, 1996.

DUANY, A.; PLATER-ZYBERK, E.; SPECK, J. **Suburban Nation, the rise of sprawl and the decline of the American Dream**. Nova York: North Point Press, 2000.

ELALI, G. A. Psicologia e Arquitetura: em busca do locus interdisciplinar. **Estud. psicol. (Natal)**, v. 2, n.2, p. 349-362, July/Dec. 1997.

MILLER, G. A.; GALLANTER, E.; PRIBAM, K. **Plans and the structure of behavior**. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1960.

GIBSON, K. Tool use, language and social behavior in relationship to information processing capacities (pp.251-278). In: GIBSON, K; INGOLD, T (Org.). **Tools, language and cognition in human evolution**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

GOOGLE Google Earth. Versão 4.0 (beta): satellite's image software. 2007. Disponível em: <<http://earth.google.com/>>. Acesso em: 12 jan. 2007.

GÜNTHER, H. A psicologia ambiental no campo interdisciplinar de conhecimento, **Psicologia USP**, v. 16, n. 1/2, p. 179-183, 2005.

HARRISON, J N.; SARRE, P. Personal Construct Theory I N the Measurement of Environmental Images. **Environment and Behavior**, v. 7, n. 1, p. 3-58, 1975.

HILLIER, B.; HANSON, J. **The social logic of space**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

HOLANDA, F. (Ed.). **Proceedings, second international symposium on space syntax**. Brasília: Universidade de Brasília, 29 March-2 April 1999.

HOLANDA, F. (Org.). **Arquitetura & urbanidade**. São Paulo: Ed. Pró-editores, 2003.

HUSSERL, Edmund. **A Idéia da Fenomenologia**. Tradução: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1990.

JACOBS, J. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. São Paulo. Editora Martins Fontes. 2007

KOHLSDORF, M. E. A **Apreensão da forma da cidade**. Brasília: Editora da UNB, 1996.

KOHLSDORF, M. E. **Interação Social, Identidade Cultural e Espaço Urbano no Brasil: As Metamorfoses do Sec. XX**. Artigo. UNB, 2002.

KOHLSDORF, M. E. As imagens de Brasília. In: PAVIANI, A. (org.) **Brasília, Ideologia e Realidade**. São Paulo: Projeto, 1985.

KOHLSDORF, M. E. Brasília, mosaico morfológico. In: MACHADO, D. (Org.) **Anais do IV Seminário sobre História da Cidade e do Urbanismo**. Rio de Janeiro: PROURB/Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFRJ, 1996, 680-7.

KREOBER, A. L.; KLUCKHON, C. **Culture**: a critical review of concepts and definitions. Cambridge: Harvard University Press, 1952.

LAMAS, J. M. Ressano Garcia. **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. Edição Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para Ciência e a Tecnologia. 2004

LINHARES, R. **Imagens e Palavras**. 1 ed. São José/S.C. 2006.

LYNCH, K. **A imagem da Cidade**. São Paulo: Livraria Martins Fontes. 1980.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MARIN, A. A. **Percepção Ambiental e imaginário dos moradores de Jardim-MS**. 2003. Tese. Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais. Universidade Federal de São Carlos- UFSCAR, São Carlos, 2003.

MENDONÇA, M. M. **O que é Gestalt? O que é terapia? O que é Gestalt-terapia**. Fragmentos retirados do artigo escrito pela Professora Marisete Malaguth Mendonça na revista do VII Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica: Maio de 2001. In: XIV Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica e III Encontro de Fenomenologia do Centro-Oeste. Página da Internet. Disponível em <<http://www.itgt.com.br/>>. Acesso em: março de 2006.

MERLEAU-PONTY. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos A. Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MOSER, G. **Psicologia ambiental e estudos pessoa-ambiente**: Que tipo de colaboração multidisciplinar? Artigo escrito a partir de trabalhos inscritos no Congresso IAPS-16. Paris 2000. Psicologia USP. 2005

O'KEEFE, J.; NADEL, L. **The hippocampus as a cognitive map**. Oxford: Clarence Press, 1978.

PERSON, E. **Espaços de permanência e passagem**: diretrizes ambientais e de acessibilidade para o desenho urbano. 2006. 156f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de Brasília. Brasília, 2006.

PESAVENTO, S. J. **O imaginário da cidade – visões literárias do urbano**: Paris, Rio de Janeiro; Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999.

PIAGET, Jean. Para onde vai a educação? Rio de Janeiro: Olympio – Unesco, 1973.

POSNER, M.; RAICHLE, M. **Images of mind**. New York: Scientific American Library, 1994.

RAPOPORT, A. **Introdução a arquitetura**. Rio de Janeiro: Campus, 1984.

RAPOPORT, Amos. **Aspectos humanos de la forma urbana**. Ed. Gustavo Gili, SA Barcelona, 1978

SANTOS, C. N.; VOGEL A. **Quando a rua vira casa**: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. 2. ed. Rio de Janeiro: IBAM/FINEP, 1981.

SANTOS, M. S. **A urbanidade brasileira**. São Paulo: Ed.da USP, 2005.

SÃO JOSÉ (Santa Catarina). SEPLAN - Secretaria de Planejamento, Desenvolvimento Urbano e Social. [Página na Internet]. Atualizada em 2007. Disponível em: <http://www.pmsj.sc.gov.br/conteudomenu.php?id=250>>. Acesso em: 15 jan. 2007.

SKINNER, B. F. **Science and human behavior**. New York/London: Free Press/Collier MacMillan, 1953.

SOMMER, B. B.; SOMMER, R. Behavioral mapping. In: SOMMER, R.; SOMMER, B. B. **A Practical guide to behavioral mapping**: tools and techniques. Tradução: José Q. Pinheiro. Nova York: Oxford University Press. Cap. 14, p. 160-9. 1980.

SOUZA, C. L. **Cognição ambiental e as relações**: mapas cognitivos, ambiente construído & apo. Artigo textos do laboratório de psicologia ambiental. I.A./UNB. vol. 4, n. 8, 1995.

TUAN, Y.-F. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Y.-F. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

WEBCARTA.NET. [Página da Internet]. 2007. Disponível em: <http://webcarta.net/carta/mapa.php?id=7043&lg=pt> . Acesso em 12 Ago. 2007.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ABNT/NBR. Associação Brasileira de Normas Técnicas. Informação e documentação. Rio de Janeiro, 2003.

AYMONIMO, C. O **Significado das Cidades**. Editora Presença - Coleção Dimensões. Lisboa – Portugal. 1984.

BINS ELY, Vera H. M. **Avaliação de fatores Determinantes no posicionamento de Usuários em abrigos de ônibus a partir do método da grade de atributos**. Florianópolis, 1997. Tese de Doutorado (Doutorado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina.

DETONI, Adlai Ralph. **Sobre a percepção Espacial**. 2001. Acesso em 29/03/2007. Artigo.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da Linguagem Visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2ªed. 2000.

E:\UFSC\mestrado_arquitetura\ARTIGOS\O que é Gestalt_arquivos\O que é Gestalt.htm. Em março de 2006.

FERRARA, Lucrecia D'Alessio. **Os Significados Urbanos**. Editora da Universidade de SP. FAPESP. São Paulo. 2000.

FERRARA, Lucrecia D'Alessio. **Design em Espaços**. São Paulo: Rosari. 2002

HALL, Edward T. **A Dimensão Oculta**. Rio de Janeiro. Livraria Francisco Alves Editora. 1977.

HOUAISS, Antônio. Instituto. **Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa**. Editora Objetiva Ltda. 2001.

JODELET, Denise. A Cidade e a Memória. In.: **Projeto do Lugar**. Colaboração entre psicologia, arquitetura, e urbanismo. Vicente Del Rio, Cristiane Rose Duarte, Paulo Afonso Rheingantz (org). RJ: Contra Capa Livraria/ PROARQ. 392p. 2002

LIMA, Aloísio da Silva. **O Uso de Representações Sociais na Construção de Mapas Cognitivos**. Florianópolis. SC. Tese de Doutorado em Engenharia de Produção. 2001.

LOBO, Caroline. **The role of environmental perceptions in sense of place:Case studies of neighborhoods in Phoenix**, Arizona.PhD.Arizona. EUA.2004

MAGALHÃES, Manuela Raposo. **A Arquitetura Paisagista**. Editora Estampa, 2001

NIEMEYER, Lucy. **Elementos de Semiótica aplicados ao design**. ed.2AB: RJ, 2003.

OLIVEIRA, Aíla Seguin Dias de. **Acessibilidade Espacial em Centro Cultural: Estudo de Casos**. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo.Florianópolis – SC. 2006.

ORMOND, J.G.P. **Glossário de Termos Usados em Atividades Agropecuárias, Florestais e Ciências Ambientais**. Rio de Janeiro. BNDES. 2004

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Gestalt-Terapia: Refazendo um Caminho**. São Paulo: Summus. 1985.

RODRIGUES, José Carlos. **Antropologia e Comunicação: princípios radicais**.Espaço e Tempo. Rio de Janeiro. 1989.

ROSSI, Aldo. **A Arquitetura da Cidade**. Editora Martins Fontes. São Paulo SP. 1995.

SALINGAROS, Nikos A. **Principles of Urban Structure**.Techne.Netherlands. 2005

SNYDER, James C.; CATANESE, Anthony.**Introdução à Arquitetura**.ed. Campus Ltda. RJ. 1979

SOUZA, Lucilene Inês Gargioni de. **O Redesign da Informação no processamento da Imagem**. Tese de Doutorado em Engenharia de Produção. Florianópolis- SC 2004.

VALERA, Sergi. **El Concepto de Identidad Social Urbana: Una Aproximación entre**

la Psicología Social y la Psicología ambiental. Artigo. Universidad de Barcelona.

VAZ, Murad Jorge Mussi. **Por uma Metodologia Popular aplicada ao Planejamento Urbano**. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Florianópolis SC. 2006.

WEBBER, M. M. et al. **Indagaciones sobre la Estructura Urbana**. Ed. Gustavo gili, SA. Barcelona, 1970.

ZURBA, Magda do Canto. **Modos de Subjetivação na vida cotidiana** – Um Estudo de Cason a Vila Cachoeira. Tese de Doutorado em Educação. Florianópolis/SC, 2003.

APÊNDICES

Apêndice A - Mapeamento comportamental

MAPEAMENTO COMPORTAMENTAL CENTRADO NO ESPAÇO		
DATA: 21/04/2007 SÁBADO HORA: 8h OBSERVADOR: A PESQUISADORA		
LOCAL: Rua Assis Brasil TEMPO: Sol e sombra		
ATIVIDADE	Área 1	Área 2
Caminhando	HHHMHMH	JHJJMHJJ
Bicicleta (como veículo)	HHCHI	MCJCHHJ
Atividade física (caminhada, corrida, bicicleta)		HH
Parado esperando (sentado ou de pé)		H
Conversando (em pé ou sentado)	HH	
Outras atividades (trabalhando, brincando, etc.)	CH	
Legenda: M - mulher H - homem I - idoso C - criança J - jovem		

MAPEAMENTO COMPORTAMENTAL CENTRADO NO ESPAÇO		
DATA: 21/04/2007 SÁBADO HORA: 9h OBSERVADOR: A PESQUISADORA		
LOCAL: Rua Assis Brasil TEMPO: Sol forte		
ATIVIDADE	Área 1	Área 2
Caminhando	M CM IHM	HHIMMIJ
Bicicleta como veículo	HIIC	HI
Atividade física (caminhada, corrida, pedalada)	H	MHI
Parado esperando (sentado ou de pé)		
Conversando (em pé ou sentado)		HHJCIIHM
Outras atividades (trabalhando, brincando, etc.)	CCCC	H
Legenda: M - mulher H - homem I - idoso C - criança J - jovem		

MAPEAMENTO COMPORTAMENTAL CENTRADO NO ESPAÇO		
DATA: 21/04/2007 SÁBADO HORA: 10h OBSERVADOR: A PESQUISADORA		
LOCAL: Rua Assis Brasil TEMPO: Sol forte (calor)		
ATIVIDADE	Área 1	Área 2
Caminhando	MMJMCIJ	HHHMJCCMMCCCHMHJM
Bicicleta como veículo	HI	HH C
Atividade física (caminhada, corrida, bicicleta)		
Parado esperando (sentado ou de pé)		
Conversando (em pé ou sentado)		HH
Outras atividades (trabalhando, brincando, etc.)	CCCCJJJHCJ	HM
Legenda: M - mulher H - homem I - idoso C - criança J - jovem		

MAPEAMENTO COMPORTAMENTAL CENTRADO NO ESPAÇO		
DATA: 21/04/2007 SÁBADO HORA: 11h OBSERVADOR: A PESQUISADORA		
LOCAL: Rua Assis Brasil TEMPO: Sol muito forte (calor)		
ATIVIDADE	Área 1	Área 2
Caminhando	JJMCH	HHH
Bicicleta como veículo		
Atividade física (caminhada, corrida, bicicleta)		H
Parado esperando (sentado ou de pé)		H MJ
Conversando (em pé ou sentado)	JJ	HH
Outras atividades (trabalhando, brincando, etc.)	CC	CCCC
Legenda: M - mulher H - homem I - idoso C - criança J - jovem		

MAPEAMENTO COMPORTAMENTAL CENTRADO NO ESPAÇO		
DATA: 21/04/2007 SÁBADO HORA: 13h OBSERVADOR: A PESQUISADORA		
LOCAL: Rua Assis Brasil TEMPO: Sol muito forte (calor)		
ATIVIDADE	Área 1	Área 2
Caminhando	MMCHMCMCHHMJ	JHJMHHJJJJJJ
Bicicleta como veículo	H	HHJ
Atividade física (caminhada, corrida, bicicleta)	J	
Parado esperando (sentado ou de pé)		
Conversando (em pé ou sentado)		HJ
Outras atividades (trabalhando, brincando, etc.)	CC	CCJHCCC
Legenda: M - mulher H - homem I - idoso C - criança J - jovem		

MAPEAMENTO COMPORTAMENTAL CENTRADO NO ESPAÇO		
DATA: 21/04/2007 SÁBADO HORA: 14h OBSERVADOR: A PESQUISADORA		
LOCAL: Rua Assis Brasil TEMPO: Sol muito forte (calor)		
ATIVIDADE	Área 1	Área 2
Caminhando	J J	J J M C C C C M
Bicicleta como veículo	H M C J	M J J
Atividade física (caminhada, corrida, bicicleta)		
Parado esperando (sentado ou de pé)		
Conversando (em pé ou sentado)		
Outras atividades (trabalhando, brincando, etc.)	H H H	C J
Legenda: M - mulher H - homem I - idoso C - criança J - jovem		

MAPEAMENTO COMPORTAMENTAL CENTRADO NO ESPAÇO		
DATA: 21/04/2007 SÁBADO HORA: 15h OBSERVADOR: A PESQUISADORA		
LOCAL: Rua Assis Brasil TEMPO: Sol forte (calor)		
ATIVIDADE	Área 1	Área 2
Caminhando	C H H J J C C	C H
Bicicleta como veículo	J J	J J H
Atividade física (caminhada, corrida, bicicleta)		
Parado esperando (sentado ou de pé)		
Conversando (em pé ou sentado)	H	M M H
Outras atividades (trabalhando, brincando, etc.)	H	C H
Legenda: M - mulher H - homem I - idoso C - criança J - jovem		

MAPEAMENTO COMPORTAMENTAL CENTRADO NO ESPAÇO		
DATA: 21/04/2007 SÁBADO HORA: 16h OBSERVADOR: A PESQUISADORA		
LOCAL: Rua Assis Brasil TEMPO: Sol forte (calor)		
ATIVIDADE	Área 1	Área 2
Caminhando	H H H H	I H C M C C C C C C
Bicicleta como veículo	H H J I J	J
Atividade física (caminhada, corrida, bicicleta)		
Parado esperando (sentado ou de pé)		
Conversando (em pé ou sentado)		H H M
Outras atividades (trabalhando, brincando, etc.)	M M M M	H H H H H H H I
Legenda: M - mulher H - homem I - idoso C - criança J - jovem		

MAPEAMENTO COMPORTAMENTAL CENTRADO NO ESPAÇO		
DATA: 21/04/2007 SÁBADO HORA: 17h OBSERVADOR: A PESQUISADORA		
LOCAL: Rua Assis Brasil TEMPO: Sol forte e sombra		
ATIVIDADE	Área 1	Área 2
Caminhando	I J I	M M J J
Bicicleta como veículo	H	I
Atividade física (caminhada, corrida, bicicleta)		M
Parado esperando (sentado ou de pé)		
Conversando (em pé ou sentado)	H H H M M	H H J J J
Outras atividades (trabalhando, brincando, etc.)	C C H H H H	C C C C J J C C J J H J J J
Legenda: M - mulher H - homem I - idoso C - criança J - jovem		

MAPEAMENTO COMPORTAMENTAL CENTRADO NO ESPAÇO		
DATA: 21/04/2007 SÁBADO HORA: 18h OBSERVADOR: A PESQUISADORA		
LOCAL: Rua Assis Brasil TEMPO: pouco sol e sombra		
ATIVIDADE	Área 1	Área 2
Caminhando	H H H I H H H J	J J J M
Bicicleta como veículo	J J	H
Atividade física (caminhada, corrida, bicicleta)		M M
Parado esperando (sentado ou de pé)		
Conversando (em pé ou sentado)	J J J J J J I	H M
Outras atividades (trabalhando, brincando, etc.)	H	
Legenda: M - mulher H - homem I - idoso C - criança J - jovem		

MAPEAMENTO COMPORTAMENTAL CENTRADO NO ESPAÇO		
DATA: 24/04/2007 TERÇA-FEIRA HORA: 8h OBSERVADOR: A PESQUISADORA		
LOCAL: Rua Assis Brasil TEMPO: Sol e sombra		
ATIVIDADES	Área 1	Área 2
Caminhando	H I C C M C J J C M I	M C M J
Bicicleta como veículo	H I	H M H
Atividade física (caminhada, corrida, bicicleta)	M	H M
Parado esperando (sentado ou de pé)		M
Conversando (em pé ou sentado)	H H	
Outras atividades (trabalhando, brincando, etc.)		M
Legenda: M - mulher H - homem I - idoso C - criança J - jovem		

MAPEAMENTO COMPORTAMENTAL CENTRADO NO ESPAÇO		
DATA: 24/04/2007 DIA/SEM: TERÇA-FEIRA HORA: 9h OBSERVADOR: A PESQUISADORA		
LOCAL: Rua Assis Brasil TEMPO: nublado		
ATIVIDADES	Área 1	Área 2
Caminhando	J C C M J I H I	M C C C M C H H H C I C C C
Bicicleta como veículo	H H H	H J H H J M
Atividade física (caminhada, corrida, bicicleta)	M	
Parado esperando (sentado ou de pé)		
Conversando (em pé ou sentado)		H
Outras atividades (trabalhando, brincando, etc.)	C C C M C	H
Legenda: M - mulher H - homem I - idoso C - criança J - jovem		

MAPEAMENTO COMPORTAMENTAL CENTRADO NO ESPAÇO		
DATA: 24/04/2007 DIA/SEM: TERÇA-FEIRA HORA: 10h OBSERVADOR: A PESQUISADORA		
LOCAL: Rua Assis Brasil TEMPO: nublado		
ATIVIDADES	Área 1	Área 2
Caminhando	M I H H M M	H H I J J C M
Bicicleta como veículo	H C C J	H H
Atividade física (caminhada, corrida, bicicleta)		
Parado esperando (sentado ou de pé)		
Conversando (em pé ou sentado)	M M	
Outras atividades (trabalhando, brincando, etc.)	C	H M C H C C J C
Legenda: M - mulher H - homem I - idoso C - criança J - jovem		

MAPEAMENTO COMPORTAMENTAL CENTRADO NO ESPAÇO		
DATA: 24/04/2007 HORA: 11h DIA DA SEMANA: TERÇA-FEIRA OBSERVADOR: A PESQUISADORA		
LOCAL: Rua Assis Brasil TEMPO: nublado (calor)		
ATIVIDADES	Área 1	Área 2
Caminhando	M C C M	M M C H M M
Bicicleta como veículo	I J	H
Atividade física (caminhada, corrida, bicicleta)		
Parado esperando (sentado ou de pé)		M
Conversando (em pé ou sentado)	M M	M M
Outras atividades (trabalhando, brincando, etc.)	C C I M C C C C	C H H M C J C H C
Legenda: M - mulher H - homem I - idoso C - criança J - jovem		

MAPEAMENTO COMPORTAMENTAL CENTRADO NO ESPAÇO		
DATA: 24/04/2007 DIA/SEM.: TERÇA-FEIRA HORA: 13h OBSERVADOR: A PESQUISADORA		
LOCAL: Rua Assis Brasil TEMPO: nublado (calor)		
ATIVIDADES	Área 1	Área 2
Caminhando	M C J J H	I I H H
Bicicleta como veículo	J H	H J
Atividade física (caminhada, corrida, bicicleta)		
Parado esperando (sentado ou de pé)		
Conversando (em pé ou sentado)		
Outras atividades (trabalhando, brincando, etc.)	C	C C C C H
Legenda: M - mulher H - homem I - idoso C - criança J - jovem		

MAPEAMENTO COMPORTAMENTAL CENTRADO NO ESPAÇO		
DATA: 24/04/2007 DIA/SEM.: TERÇA-FEIRA HORA: 14h OBSERVADOR: A PESQUISADORA		
LOCAL: Rua Assis Brasil TEMPO: nublado (calor)		
ATIVIDADES	Area 1	Area 2
Caminhando	J H	M C J M C J
Bicicleta como veículo	H I	
Atividade física (caminhada, corrida, bicicleta)		H M
Parado esperando (sentado ou de pé)		H
Conversando (em pé ou sentado)		
Outras atividades (trabalhando, brincando, etc.)	C C C C H	M C C C
Legenda: M - mulher H - homem I - idoso C - criança J - jovem		

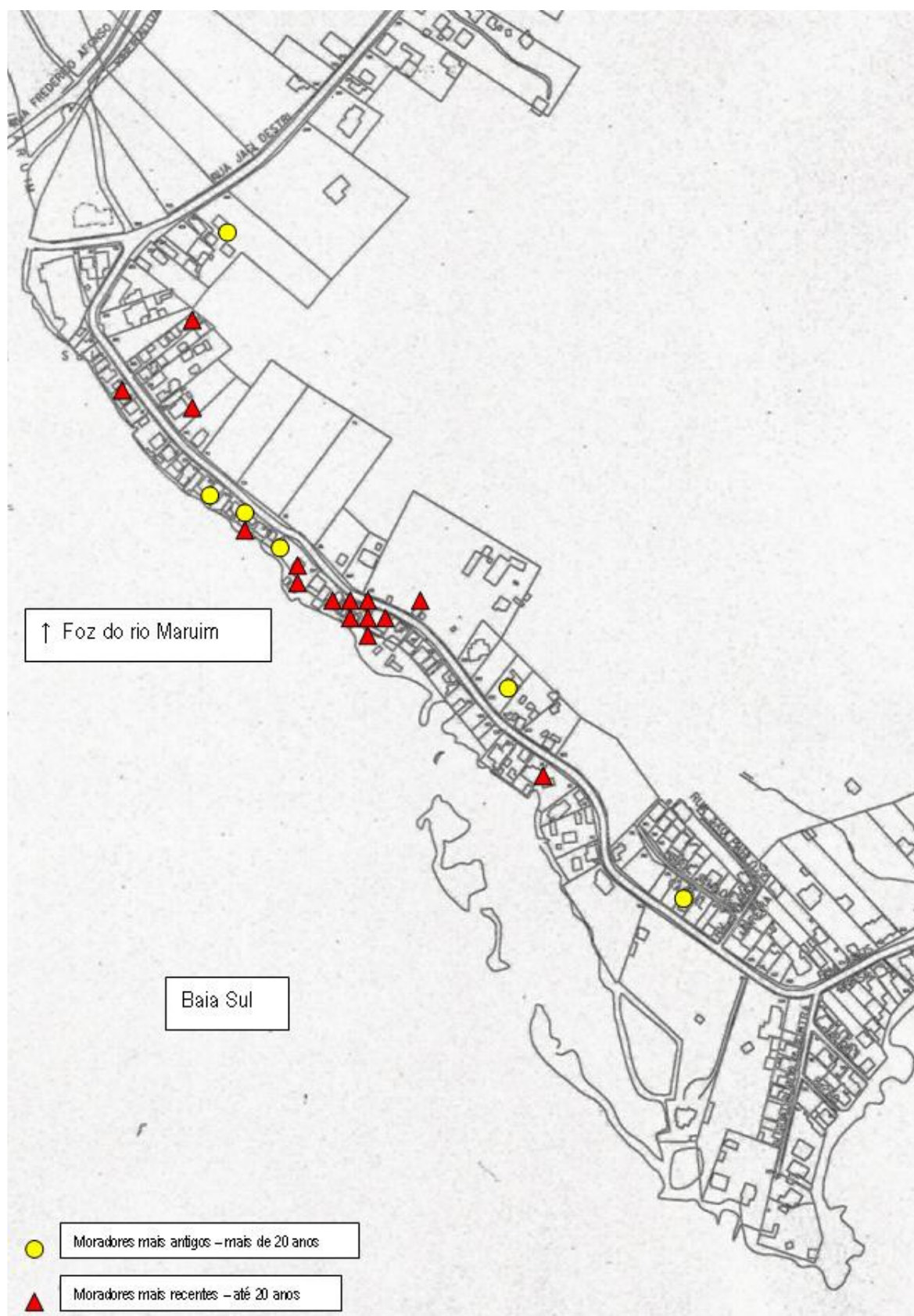
MAPEAMENTO COMPORTAMENTAL CENTRADO NO ESPAÇO		
DATA: 24/04/2007 DIA/SEM.: TERÇA-FEIRA HORA: 15h OBSERVADOR: A PESQUISADORA		
LOCAL: Rua Assis Brasil TEMPO: nublado (calor)		
ATIVIDADES	Área 1	Área 2
Caminhando	J C H	J J M M M J
Bicicleta como veículo	C	H J I J J H H
Atividade física (caminhada, corrida, bicicleta)	H	
Parado esperando (sentado ou de pé)		
Conversando (em pé ou sentado)		M M
Outras atividades (trabalhando, brincando, etc.)	C C C	H H C C I H
Legenda: M - mulher H - homem I - idoso C - criança J - jovem		

MAPEAMENTO COMPORTAMENTAL CENTRADO NO ESPAÇO		
DATA: 24/04/2007 DIA/SEM.: TERÇA-FEIRA HORA: 16h OBSERVADOR: A PESQUISADORA		
LOCAL: Rua Assis Brasil TEMPO: nublado, sujeito a chuva		
ATIVIDADES	Área 1	Área 2
Caminhando	H H	J J M M M J C C M J M H
Bicicleta como veículo	H J J H H M H	M J
Atividade física (caminhada, corrida, bicicleta)	H J	
Parado esperando (sentado ou de pé)		
Conversando (em pé ou sentado)		
Outras atividades (trabalhando, brincando, etc.)	C	C C C C C
Legenda: M - mulher H - homem I - idoso C - criança J - jovem		

MAPEAMENTO COMPORTAMENTAL CENTRADO NO ESPAÇO		
DATA: 27/04/2007 DIA/SEM.: SEXTA-FEIRA HORA: 17h OBSERVADOR: A PESQUISADORA		
LOCAL: Rua Assis Brasil TEMPO: nublado e frio (vento sul forte)		
ATIVIDADES	Área 1	Área 2
Caminhando	H M M J	C J C C M M H I I H
Bicicleta como veículo	I H H J H H H	C M H M M H C C C C
Atividade física (caminhada, corrida, bicicleta)	H J	M
Parado esperando (sentado ou de pé)		
Conversando (em pé ou sentado)	H H H I	C C C C
Outras atividades (trabalhando, brincando, etc.)	C C	C C C C
Legenda: M - mulher H - homem I - idoso C - criança J - jovem		

MAPEAMENTO COMPORTAMENTAL CENTRADO NO ESPAÇO		
DATA: 27/04/2007 DIA/SEM.: SEXTA-FEIRA HORA: 18h OBSERVADOR: A PESQUISADORA		
LOCAL: Rua Assis Brasil TEMPO: nublado e frio (vento sul forte)		
ATIVIDADES	Área 1	Área 2
Caminhando	M M M H M	M H M M C C H M M H M M
Bicicleta como veículo	J H M	H H H H H
Atividade física (caminhada, corrida, bicicleta)	H J	M
Parado esperando (sentado ou de pé)		M H H M M C H
Conversando (em pé ou sentado)	H H	
Outras atividades (trabalhando, brincando, etc.)	C C	C C J J
Legenda: M - mulher H - homem I - idoso C - criança J - jovem		

Apêndice B – Mapa dos entrevistados: entrevista aberta dos moradores mais antigos e entrevista semi-estruturada dos moradores mais recentes



FONTE: Secretaria de Planejamento de São José, 2005.

Apêndice C - Gráficos dos dados pessoais

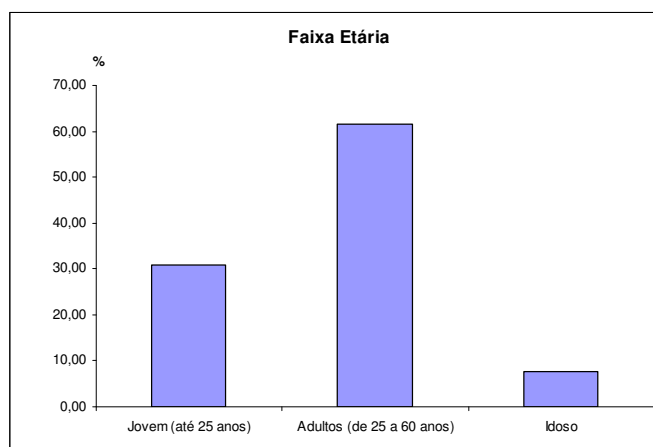


Ilustração 37. Gráfico da faixa etária dos moradores na entrevista semi-estruturada.

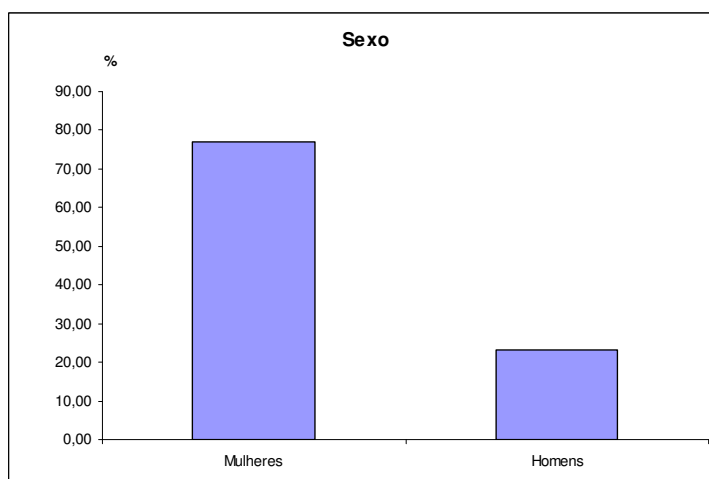


Ilustração 38. Gráfico do sexo dos moradores na entrevista semi-estruturada

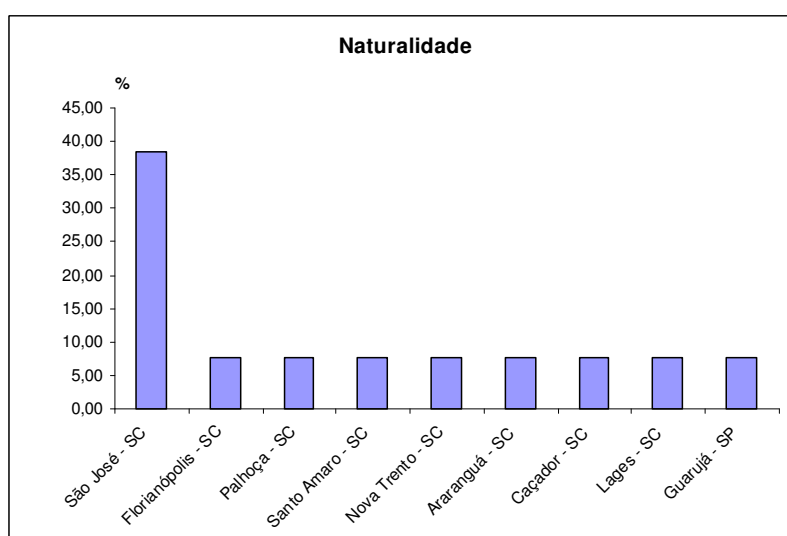


Ilustração 39. Gráfico da naturalidade dos moradores na entrevista semi-estruturada.

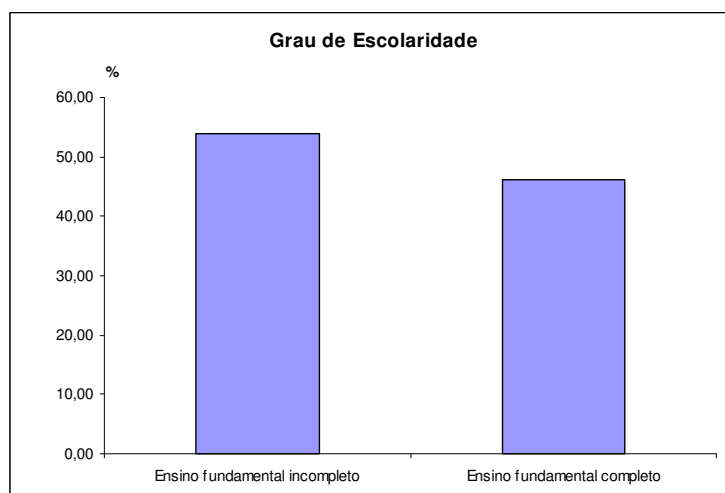


Ilustração 40. Gráfico do grau de escolaridade dos moradores na entrevista semi-estruturada.

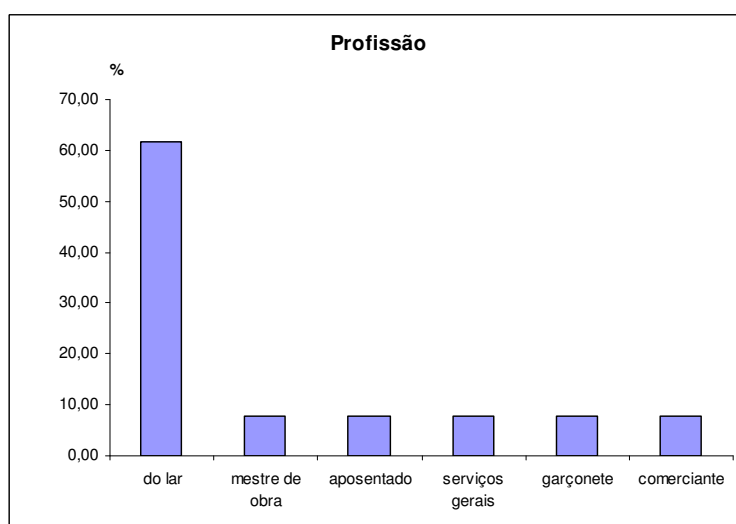


Ilustração 41. Gráfico da profissão dos moradores na entrevista semi-estruturada.

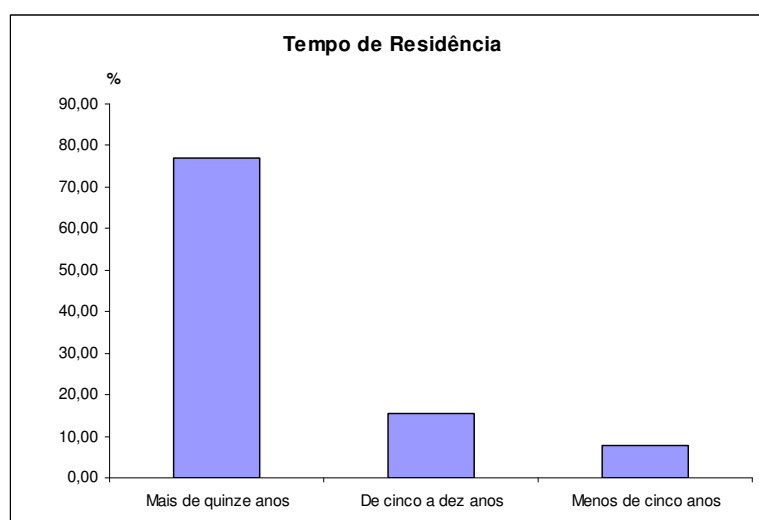


Ilustração 42. Gráfico do tempo de residência dos moradores da entrevista semi-estruturada.

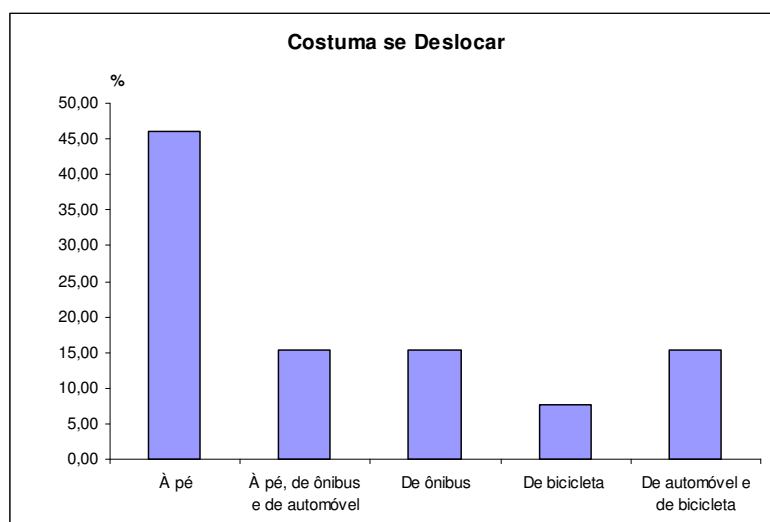


Ilustração 43. Gráfico da modalidade de deslocamento dos moradores da entrevista semi-estruturada

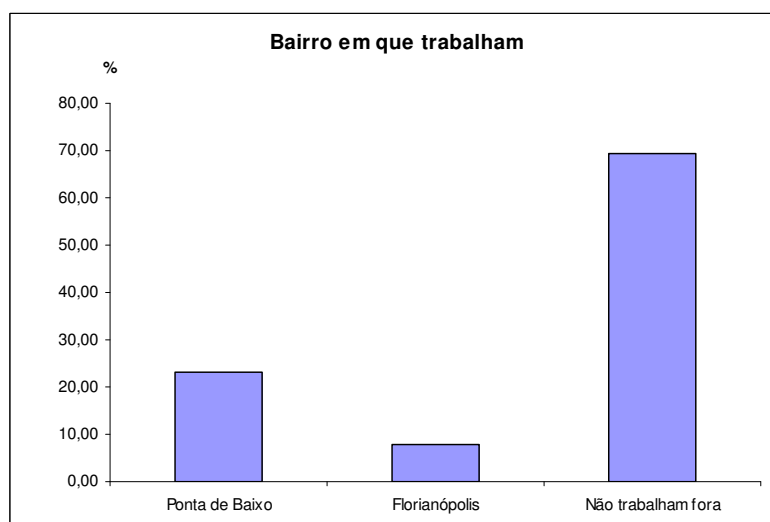


Ilustração 44. Gráfico do bairro em que trabalham os moradores da entrevista semi-estruturada

Apêndice D - Mapas mentais dos moradores

Pesquisa-piloto 01 - Maio / 07

Dados pessoais:

1. Nome: Felipe Rêgo Xisto de Oliveira (opcional)

2. Faixa etária: () até 25 anos. ☒ de 25 a 60. () mais de 60.

3. Sexo: ☒ M () F 4. Onde nasceu: Capitão

5. Escolaridade:

() sem escolaridade ☒ 1º grau () 2º grau () Superior

6. Profissão: Na Gráfica

7. Tempo que mora na rua:

() até 5 anos. () de 5 a 10 anos.

() de 10 a 15 anos ☒ mais de 15 anos.

8. Costuma se deslocar:

☒ a pé. () de automóvel () outro: _____

9. Bairro em que trabalha: X

10. Local que trabalha: _____

11. Telefone para contato: 9957 5054

12. Email: _____

13. Desenhe no espaço abaixo, um esboço da rua Assis Brasil, colocando o que lhe vem imediatamente à mente.

Ilustração 45. Mapa mental 1.

Mapa 1. Este mapa, desenhado por um homem que mora na rua Assis Brasil há mais de 15 anos, representa os altos e baixos e as curvas da rua. Além disso, para esse morador, estão bem definidos os limites da rua, a padaria e o restaurante. Através de seu mapa é possível notar sua visão de entrada e de saída da rua, talvez em virtude de seu trajeto cotidiano. O morador contou que é aposentado por acidente e por isso é uma das pessoas bastante encontradas no mapeamento comportamental. É um dos freqüentadores do banco do senhor Juca, que fica à sombra das árvores, porém não aparece no mapa desse morador.

Pesquisa-piloto 02 - Maio / 2007

Dados pessoais:

1. Nome: Cristiane Gomes (opcional)

2. Faixa etária: ☒ até 25 anos. ☐ de 25 a 60. ☐ mais de 60.

3. Sexo: ☐ M ☒ F 4. Onde nasceu: Aqui

5. Escolaridade:

☐ sem escolaridade ☒ 1 grau ☐ 2 grau ☐ Superior

6. Profissão: _____

7. Tempo que mora na rua:

☐ até 5 anos. ☐ de 5 a 10 anos.

☐ de 10 a 15 anos ☒ mais de 15 anos.

8. Costuma se deslocar:

☒ a pé ☐ de automóvel ☐ outro: _____

9. Bairro em que trabalha: _____

10. Local que trabalha: _____

11. Telefone para contato: _____

12. Email: _____

13. Desenhe no espaço abaixo, um esboço da rua Assis Brasil, colocando o que lhe vem imediatamente à mente.

Ilustração 46. Mapa mental 2

Mapa 2. Cristiane é uma jovem de 20 anos nascida no bairro Ponta de Baixo. Ela mora com os pais, tem um filho de um ano e está grávida. Não costuma sair de casa para ir a outro bairro, e isso aparece em seu mapa, que apresenta apenas o trecho próximo à sua casa. Esse trecho da rua não possui subidas ou descidas, como Cristiane mostrou no desenho. O mapa dela não apresenta muitos elementos: representa a sua casa e o bar próximo, localizado a aproximadamente 50 metros da residência, no qual costuma fazer compras diárias de mantimentos.

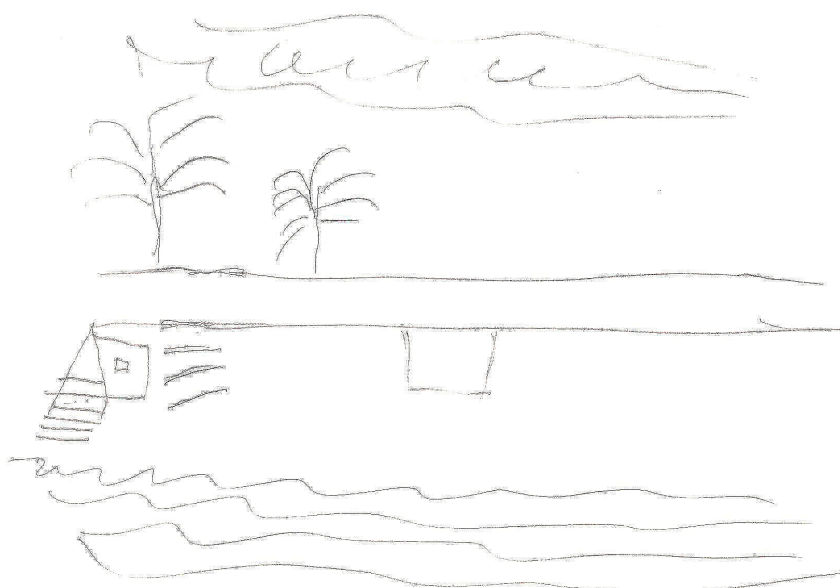


Ilustração 47. Mapa mental 3.

Mapa 3. O mapa 3 é de Maria Rute, uma mulher de aproximadamente 50 anos, natural de São José, filha e irmã de oleiros. Costuma andar a pé pela localidade. Em seu mapa, destaca a praia de Guararema, lugar de que guarda fortes recordações tanto da infância como da juventude. A relação com o lugar é demonstrada pelo grau de detalhes que Maria Rute dispensa ao desenho – ilustra a escada, a rampa de barco que dá acesso à praia, as árvores ao fundo e o mar, mesmo demonstrando certo grau de dificuldade na linguagem do desenho. Revela em seu mapa que este trecho é para ela o mais significativo da rua, o que pode ser verificado pelos elementos do desenho (mar, rua, morro, árvores, escada de acesso à praia, rampa de acesso à barco e barraco). Trata-se de um lugar não muito próximo à sua casa. Enquanto desenhava, fez questão de frisar que este era o seu lugar preferido na juventude (época em que as pessoas iam ali para tomar banho de mar), e hoje é carregado de lembranças. Esse trecho é bastante visitado tanto por moradores quanto por pessoas de outros bairros ou cidades.



Ilustração 48. Mapa mental 4.

Mapa 4. Esta moradora é relativamente recente na rua Assis Brasil em relação aos demais entrevistados. Mora no local há pouco mais de cinco anos em lote pertencente a familiares do marido, que é de família tradicional da rua. Nasceu em Araranguá, cidade em que viveu a maior parte de sua vida. Afirmou na entrevista não sair muito de casa (faz crochê e vende o que confecciona para fora). Seu mapa mostra exatamente a sua visão em relação à rua, ou seja uma linha ascendente,

conforme a visão de sua casa, local onde passa a maior parte do tempo. O seu mapa é pobre em elementos, porém esta moradora levou três horas para realizar a entrevista, pois falou sobre sua vida antes de morar em São José. Sobre a rua, fez comentários de que o “lugar é uma maravilha”, mas que “ainda está engatinhando”, referindo-se à estrutura.

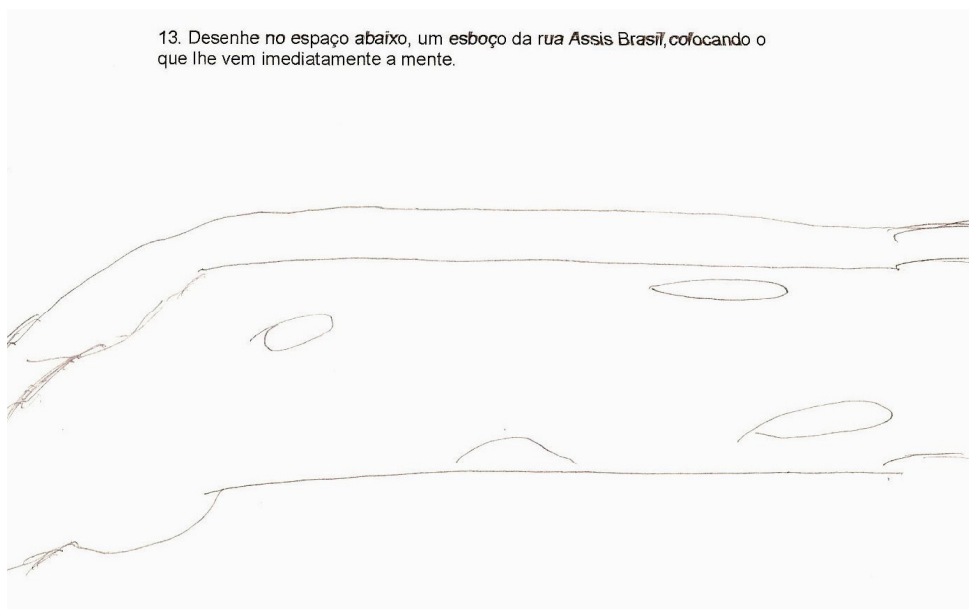


Ilustração 49. Mapa mental 5.

Mapa 5. Salete é mulher de pescador e possui 48 anos. Disse que antes das dragagens do rio Maruim catava berbigão com o marido. Quando solicitada para fazer o mapa, preocupou-se em denunciar o problema dos buracos devido ao vazamento de água pela companhia fornecedora, como mostra o desenho. Ela indica também a falta de passeios em um lado da rua e procura, em sua representação, dar a idéia da curva e descida.

Pesquisa-piloto 06

Dados pessoais:

1. Nome: Silvia Schubert Martins (opcional)

2. Faixa etária: () até 25 anos. (x) de 25 a 60. () mais de 60.

3. Sexo: () M (x) F 4. Onde nasceu: Novo Hamburgo

5. Escolaridade:
 (x) sem escolaridade () 1 grau () 2 grau () Superior

6. Profissão: Reservista (Bombeiro)

7. Tempo que mora na rua:
 () até 5 anos. () de 5 a 10 anos.
 () de 10 a 15 anos (x) mais de 15 anos.

8. Costuma se deslocar:
 () a pé. () de automóvel (x) outro: Bicicleta

9. Bairro em que trabalha: Centro

10. Local que trabalha: Estação de bombeiros

11. Telefone para contato: 9111-1234

12. Email: silvia@novohamburgo.rs.gov.br

13. Desenhe no espaço abaixo, um esboço da rua Assis Brasil, colocando o que lhe vem imediatamente à mente.




Ilustração 50. Mapa mental 6.

Mapa 6. Esta mulher é separada, mora com o irmão e um filho. Possui uma situação econômica bastante difícil, revelada na entrevista. Vive em uma pequena casa de madeira à beira da praia. O mapa que desenhou representa dificuldade de acesso à sua casa, pois as habitações ao lado do rio foram invadindo servidões que conduzem à praia, por onde ela precisa passar para chegar em casa. Outra preocupação desta moradora é revelada em seu mapa quando ela representa o lixo trazido pelo rio. Os quadros representados na via indicam os remendos de asfalto por causa das constantes escavações feitas pela Casan (Companhia Catarinense de Águas e Saneamento) quando há vazamentos na rua.

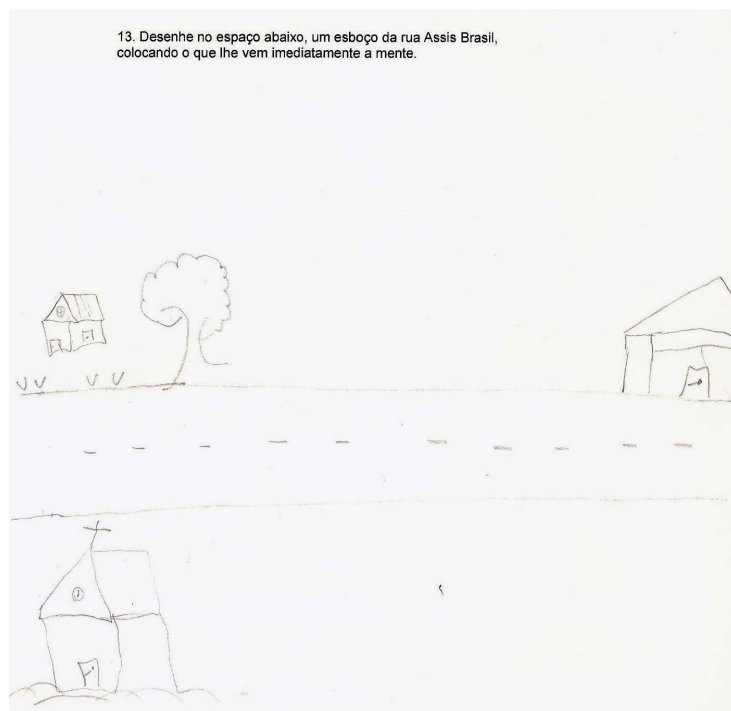


Ilustração 51. Mapa mental 7.

Mapa 7. Gisele é outra moradora jovem: tem 28 anos e dois filhos. Trabalha em casa de família na própria rua. Vai de bicicleta ou a pé ao trabalho. Seu mapa buscou representar pontos de referência quando percorre a rua, como a igreja, que ela faz questão de ressaltar como sendo bem antiga. Outro ponto de referência que destaca é o restaurante, que também existe na rua há aproximadamente 20 anos.



Ilustração 52. Mapa mental 8.

Mapa 8. Este mapa é de uma jovem de menos de 25 anos que tem três filhos. Nascida no Guarujá, São Paulo, refere-se ao bairro Ponta de Baixo como um lugar de onde não pretende sair tão cedo. Em seu mapa, representa elementos da natureza, como a água do mar ou do rio, e duas construções.

13. Desenhe no espaço abaixo, um esboço da rua Assis Brasil, colocando o que lhe vem imediatamente a mente.

Aqui em frente tinha muitos pés de eucalipto

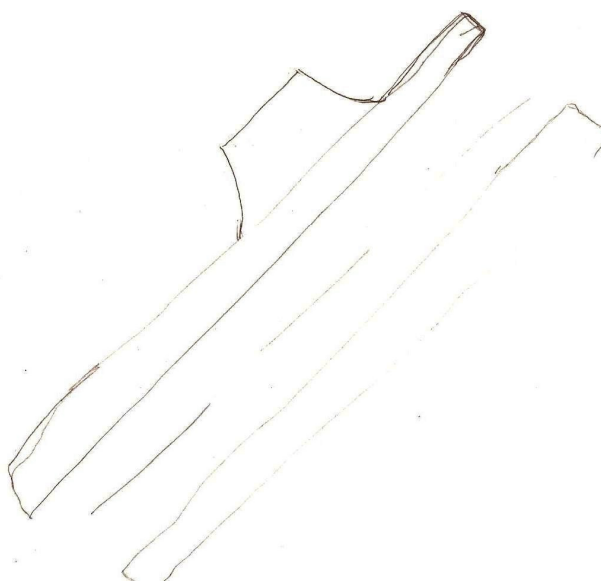


Ilustração 53. Mapa mental 9.

Mapa 9. Mariane é jovem, tem duas filhas e é casada com um rapaz natural do bairro. Ela inicia o seu mapa pela linha inclinada da rua e uma espécie de patamar que se julga ser o bar de propriedade do marido, onde ela também trabalha de garçonete e leva as duas filhas pequenas diariamente. Num determinado momento na confecção do mapa, ela quis apagar o desenho, insatisfeita. Nesse instante, saiu para atender a alguém no bar e não retomou o seu desenho. Observando a dificuldade no desenho, a pesquisadora perguntou se gostaria de mostrar mais alguma coisa no mapa, disse que não. Então, a pesquisadora indagou se Mariane gostaria de acrescentar algo verbalmente, ao que a moradora respondeu: “Aqui em frente tinha muitos pés de eucaliptos, derrubaram tudo”. Demonstrou, pelo que se pôde perceber da entonação atribuída a essa observação, que a paisagem está perdendo pouco a pouco seu encanto, ao que parece, fato que causa desencanto a ela.

Pesquisa-piloto

Dados pessoais:

1. Nome: Julia Cesar Freire (opcional)

2. Faixa etária: ☒ até 25 anos. ☐ de 25 a 60. ☐ mais de 60.

3. Sexo: ☒ M ☐ F 4. Onde nasceu: Porto de Pedras

5. Escolaridade: 6ª série
☐ sem escolaridade ☐ 1 grau ☐ 2 grau ☐ Superior

6. Profissão: casamenteira

7. Tempo que mora na rua:
☐ até 5 anos. ☐ de 5 a 10 anos.
☐ de 10 a 15 anos ☒ mais de 15 anos.

8. Costuma se deslocar:
☐ a pé. ☒ de automóvel ☐ outro: Bicicleta

9. Bairro em que trabalha: Meia Praia

10. Local que trabalha:

11. Telefone para contato:

12. Email:

13. Desenhe no espaço abaixo, um esboço da rua Assis Brasil, colocando o que lhe vem imediatamente à mente.

Ilustração 54. Mapa mental 10.

Mapa 10. Este mapa é de um morador jovem, de pouco mais de 20 anos, proprietário de um dos bares da rua. O bar pertenceu ao pai dele. O mapa desenhado é rico em elementos do lugar. Este morador dispensou alto grau de detalhes em seu mapa, desenhando cuidadosamente elementos, demonstrando grande afinidade com as atividades no mar, como trapiche, barcos e canoas. Ele não separa a rua do lugar. Traça uma linha curva suave com casas simples à margem da rua do lado da encosta. Em seu desenho, não existem casas do lado do rio – apenas uma praia com pedras e uma pequena vegetação. A iluminação pública é bem marcada, proporcionando um ritmo à representação. Enquanto desenhava, afirmou que o fazia segundo suas lembranças mais antigas.



Ilustração 55. Mapa mental 11.

Mapa 11. O mapa 11 é de uma mulher jovem que mora nesta rua desde que nasceu. Ela cuida da casa e da filha pequena. Dos moradores pesquisados, ela é quem mora mais próximo da foz do rio. Sua casa está voltada para a rua, porém existe um trapiche coberto de acesso à água do mar, atrás de sua casa, mostrando a convivência da família com o mar, conforme aponta o seu mapa mental. Entretanto, ela refere-se aos fundos da casa como o lado feio do lugar. De fato, da janela é possível deparar-se com a sujeira e o lodo trazidos pelo rio. Sua casa é de madeira e é bem alta em relação ao chão, já que fica muito próxima da água. O seu mapa mostra a curva do trecho da rua bem perto da sua casa.

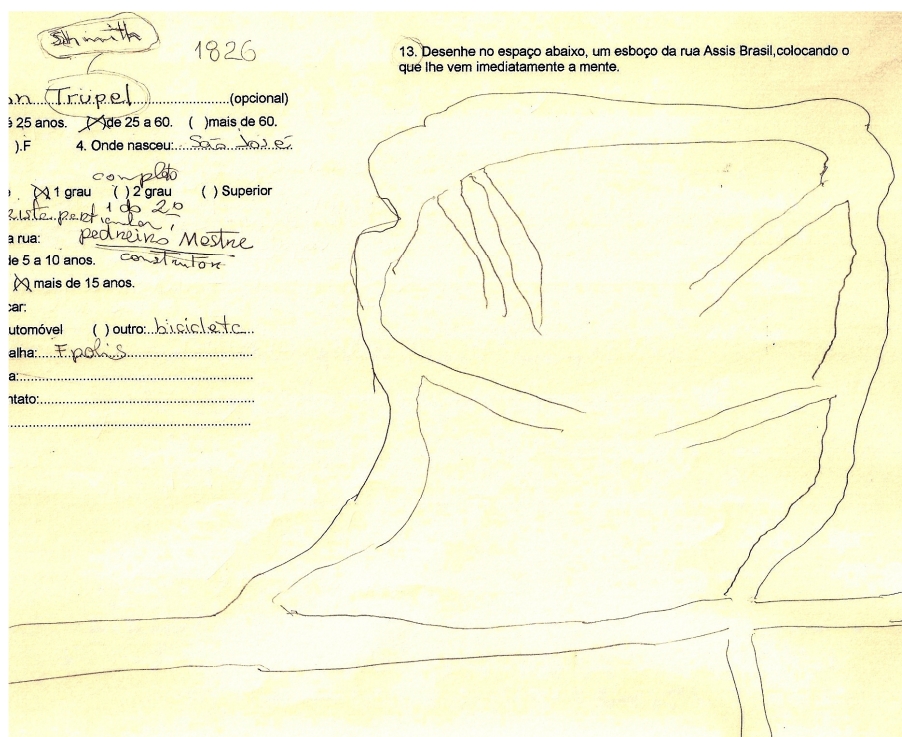


Ilustração 56. Mapa mental 12.

Mapa 12. Este morador tem 37 anos, é pedreiro e também faz trabalhos de motorista. Mora na rua Assis Brasil desde que nasceu. Seu mapa mostra uma visão geral do bairro, a rua Assis Brasil contornando o bairro com suas ruas, que sobem a encosta do morro. Sua casa é situada numa servidão (na subida da encosta) e leva o nome de sua família – Trüppel, que ocupou originariamente a região. O mapa mostra certa familiarização com a representação gráfica e revela uma boa noção geral do bairro. Enquanto desenhava, este morador contou com orgulho histórias que ouviu sobre a sua família quando chegou ao lugar e os rumos que seus familiares tomaram. Em seu depoimento, mencionou hábitos agrícolas que existiam antigamente nessa região. Após o desenho, mostrou também o poço de água natural que construiu para a sua família.

Anexo A – Mapa parcial de São José

